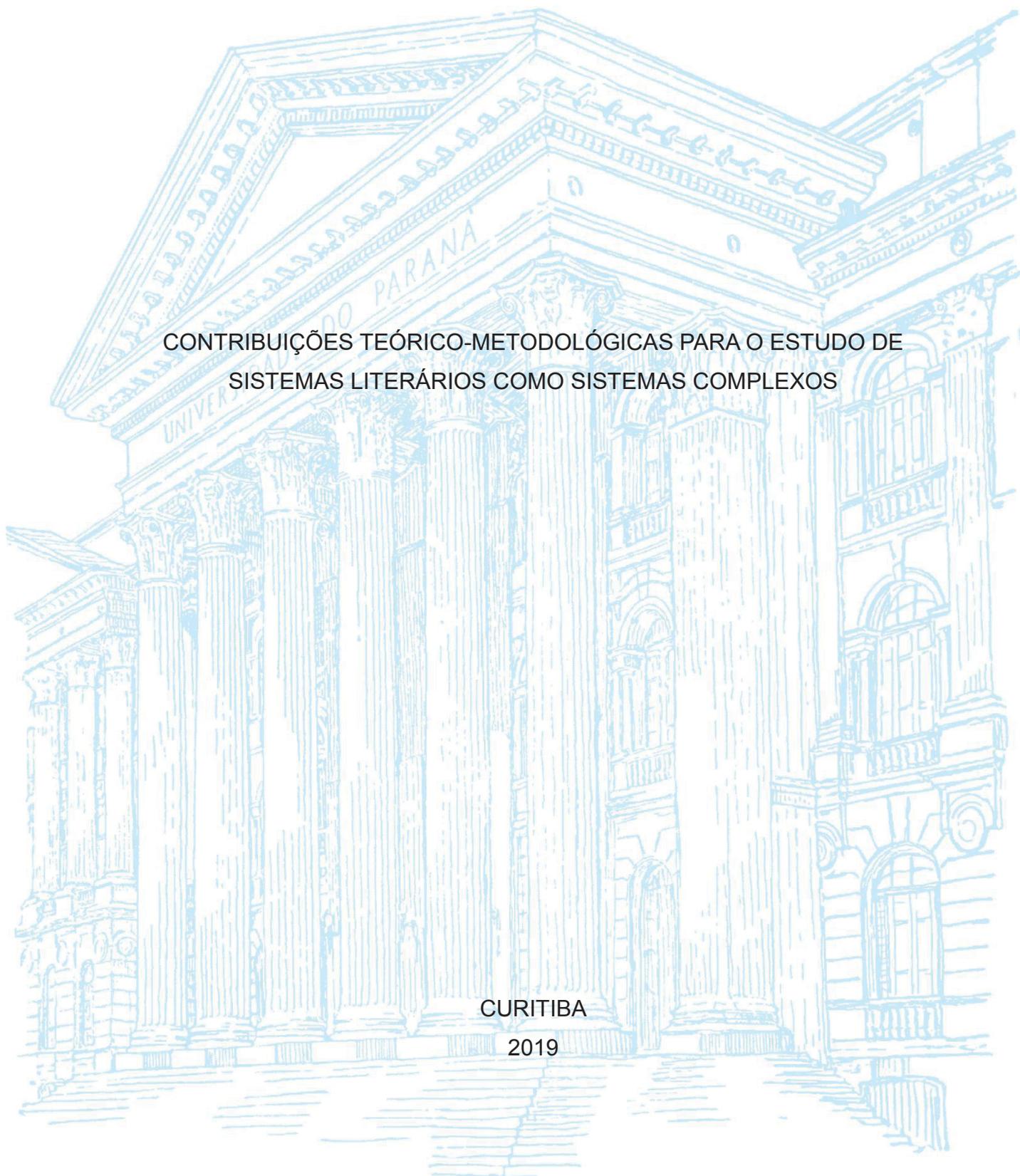


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ERIC CHEN

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO DE
SISTEMAS LITERÁRIOS COMO SISTEMAS COMPLEXOS

CURITIBA
2019



ERIC CHEN

CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO DE
SISTEMAS LITERÁRIOS COMO SISTEMAS COMPLEXOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, do Setor de Ciências Humanas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, na Área de Concentração em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ramos Dolabela Chagas

CURITIBA

2019

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Chen, Eric

Contribuições teórico-metodológicas para o estudo de sistemas literários como sistemas complexos. / Eric Chen. – Curitiba, 2019.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador : Prof. Dr. Pedro Ramos Dolabela Chagas

1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Complexidade (Filosofia) na literatura.
3. Metodologia. I. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS -
40001016016P7

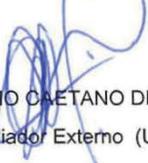
TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **ERIC CHEN** intitulada: **CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA O ESTUDO DE SISTEMAS LITERÁRIOS COMO SISTEMAS COMPLEXOS**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 19 de Junho de 2019.


PEDRO RAMOS DOLABELA CHAGAS
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


ROGÉRIO CAETANO DE ALMEIDA
Avaliador Externo (UTFPR)


PAULO ASTOR SOETHE
Avaliador Interno (UFPR)

AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo a todos que de alguma forma se envolveram com este projeto e me trouxeram algum auxílio ou conforto no processo. São muitos os colegas, amigos, familiares e outros a quem agradeço – quero deixar esta mensagem logo de início para todos antes de ir aos agradecimentos específicos.

Agradeço ao meu orientador, Professor Pedro Ramos Dolabela Chagas, que me apresentou a um campo de pesquisa contemporânea que dificilmente eu teria descoberto por conta própria e por ter, mais do que isso, acreditado que eu seria capaz de realizar satisfatoriamente uma proposta inovadora. Agradeço também pela disposição e paciência que sempre encontrei em nossos contatos, suporte importante para o desenvolvimento do trabalho. Aproveito para agradecer aos Professores que participaram em minhas bancas de pré-qualificação, qualificação e defesa, gentilmente cedendo de seu tempo e atenção para o meu crescimento como pesquisador – Professores Isabel Jasinski, Paulo Soethe, Elena Godoi e Rogério Caetano de Almeida.

Não poderia deixar de agradecer aos meus amigos, seja pelas vezes em que estiveram comigo ou as vezes em que aceitaram sem cobranças os meus sumiços. Obrigado Bruna Fracaro, Carol Rossini, Daniel Fujimoto e mais tantos outros. Em especial quero agradecer aos meus amigos de dois grupos: amigos e colegas do programa de pós-graduação, Angélica Neri, Daniel Falkembach e Emanuela Siqueira; e também aos meus amigos e parceiros do grupo de pesquisa em PFOL, Caroline Souza, Daniel Germano e Murilo Quadros. Aprendemos muito juntos – mais eu com vocês do que o contrário, claro – e graças a vocês pude relembrar o quanto a aprendizagem horizontal, entre colegas e amigos, é fundamental em qualquer experiência formativa. Não sei o que seria de mim nesse processo sem vocês!

Emanuel e Natália, agradeço muito a vocês também por todo o apoio que vocês me deram. Eu sei que não foi tão fácil para vocês ter que lidar comigo esses últimos anos. Por serem a melhor família que eu poderia pedir lhes dedico meu maior sentimento. Muito obrigado!

Por último deixo aqui meus agradecimentos pela bolsa de estudos que me foi cedida pela Capes no ano de 2018, bolsa sem a qual teria sido muito difícil desenvolver a pesquisa de mestrado que apresento neste texto.

“Uma disciplina que está perdendo o seu fascínio pode tranquilamente arriscar tudo e procurar um novo modo, um novo método para tornar significativo o seu próprio trabalho. E se aqui, como já disse, os métodos serão abstratos, as suas consequências são, porém, todas concretas.” (Franco Moretti, 2008: 9)

RESUMO

Os estudos de complexidade emergem nas ciências naturais na segunda metade do século XX e devido a seu poder explicativo migram para outras áreas. Informados principalmente pelo trabalho de Byrne & Callaghan (2014), entramos em contato com os estudos de complexidade e munidos dessa abordagem formulamos questões de complexidade para os estudos literários. Este trabalho propõe uma discussão acerca das aplicabilidades dos estudos de complexidade para os estudos literários. O primeiro capítulo constrói a definição de sistemas complexos e realiza as primeiras aproximações da noção de sistema complexo. No segundo capítulo desenvolvem-se as contribuições teórico-metodológicas do quadro de referência da complexidade ao mesmo tempo que se discutem suas características. O capítulo três explora os pontos apresentados por meio da avaliação de um estudo da carreira do escritor Philip Roth desenvolvido por Claudia Pierpont (2015) e publicado no formato de uma biografia. Nosso interesse no último capítulo é partir de uma pesquisa pronta para um estudo contrastivo entre os resultados do método utilizado pela autora e a metodologia que emerge de nossa proposta. Ao fim do texto mais uma forma de desenvolvermos estudos literários na contemporaneidade terá sido introduzida.

Palavras-chave: Sistemas literários. Estudos de complexidade. Metodologia.

ABSTRACT

Complexity studies emerge amidst the natural sciences in the second half of the twentieth century, and due to its explanatory power moves to other areas. Mainly informed by the work of Byrne & Callaghan (2014), complexity studies were found, and based on the approach there were complexity questions that were brought on the literary. This text proposes a discussion around the applicabilities of the complexity studies to the literary studies. The first chapter builds a definition for complex systems and rehearses the first contacts with the notion of a complex system. In the second chapter the theoretical-methodological contributions of the complex framework of reference are developed as well as a debate about its characteristics. Chapter three explores the principles presented through an evaluation of a study about Philip Roth's career, a study developed by Claudia Pierpont (2015) and published in biography format. The aim in the last chapter is to start from a finished research and move onto a contrastive study between the results attained by Pierpont's methodology and the methodology that emerges from our discussions. At the end of the text, one more way of developing literary studies in contemporaneity will have been introduced.

Keywords: Literary systems. Complexity studies. Methodology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. APROXIMAÇÕES AOS SISTEMAS COMPLEXOS	14
1.1 BREVE INCURSÃO PELA SUCESSÃO DE PARADIGMAS CIENTÍFICOS	15
1.2 SISTEMAS COMPLEXOS E SEUS PRINCÍPIOS	18
2. CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DOS ESTUDOS DE COMPLEXIDADE PARA OS ESTUDOS LITERÁRIOS	36
2.1 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS PARA O QUADRO DE COMPLEXIDADE	38
2.1.1 Teoria evolucionária	39
2.1.2 Agência e estrutura	43
2.1.3 Tempo e espaço	51
2.2 DEFINIÇÃO	58
2.3 DESCRIÇÃO	66
2.3.1 Elementos na descrição de sistemas complexos	70
2.4 TRAJETÓRIA E TENDÊNCIA	77
2.5 LISTA DE TERMOS	83
3. "ROTH UNBOUND" DE CLAUDIA ROTH PIERPONT E A CARREIRA LITERÁRIA DE PHILIP ROTH	85
3.1 CLAUDIA CONTA PHILIP	85
3.2 A FORMAÇÃO DO PHILIP ROTH ESCRITOR	88
3.3 PHILIP ROTH E A "DÉCADA TCHECA" DE SUA CARREIRA	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	116
REFERÊNCIAS	120

INTRODUÇÃO

Esta dissertação desenvolve uma discussão sobre os estudos de complexidade e suas possíveis implicações para os estudos literários. Trata-se de um trabalho propositivo e não definitivo que objetiva testar a teoria por meio de uma discussão teórica que verifique a pregnância da complexidade para os estudos literários. O trabalho começa por uma apresentação dos estudos de complexidade, seguida da colocação de contribuições teórico-metodológicas para a pesquisa com sistemas literários como sistemas complexos e, por último, tem-se uma ilustração por meio da obra de Philip Roth, escritor estadunidense do século XX.

Cabe começar esta introdução com uma breve descrição do percurso de pesquisa realizado até esta dissertação. Acredito que há três vertentes em minha trajetória de estudo que juntas me instigaram a seguir lendo sobre teoria literária após minha graduação em Letras – o que a seu turno levou-me ao programa de pós-graduação. Uma guiou-me a uma sucessão de reflexões a partir do conceito de literatura nacional, conceito tão onipresente em estudos literários que me intrigava. A segunda foi meu grande interesse na relação entre literatura e sociedade, relação que me levou a querer discutir mais o conceito de sistema literário de Antonio Candido e a pensar sobre a circulação de literatura em sociedade. Por último, diria que a curiosidade que sempre tive por questões de filosofia da ciência, pelas perguntas sobre a forma como construímos conhecimento, que também me impulsionou adiante.

Por um lado, entendo que partilhamos de uma tradição de estudos literários modernos que se fortalece no período dos grandes nacionalismos europeus no século XIX, quando a literatura era foco de estudo dentro de um processo de afirmação das nações da mesma forma que outros temas nacionais. Eagleton (2006) apresenta um exemplo quando indica o caso do estudo de literatura inglesa como meio para o cultivo dos valores ingleses, frente aos de outras nacionalidades, como a francesa. Dessa forma, desde o século XIX pensamos tipicamente em literaturas nacionais a toda vez que pensamos em estudos literários. Trata-se de uma tradição de muita força e que segue frutífera em estudos contemporâneos – um

exemplo que me parece interessante é o daqueles países de mais recente independência, como é o caso de Moçambique, onde há um forte discurso de construção de uma literatura nacional e de uma história da literatura nacional (MENDONÇA, 1986; NOA, 1999; CABAÇO, 2007). Contudo, entendo também que na contemporaneidade as acepções de nação, de povo, de cultura, são questionadas por diferentes vias. O século XXI assiste a um maior número de contatos étnico-raciais, culturais, econômicos, assim como assiste a um maior fluxo de pessoas, mercadorias e informações. As amarras do território nacional perdem em poder absoluto e ganham em flexibilidade. As transformações em modelos tradicionais de literatura fazem-se sentir entre os pesquisadores de literatura, como me parece atestar Perrone-Moisés quando comenta que mesmo em períodos passados as fronteiras entre literaturas nacionais já eram “porosas” e que para ela a oposição entre nacional e estrangeiro parece hoje “descabida” (PERRONE-MOISÉS, 2007: 11). Ou ainda Franco Moretti, autor da citação que utilizamos como nossa epígrafe, que propõe já há anos formas novas de se estudar literatura, como certa *world literature* e não a historiografia de literaturas nacionais (MORETTI, 2000). Pascale Casanova também vem à mente com seu livro que discute a “República Mundial das Letras” pela qual se desenvolve a literatura moderna (CASANOVA, 2004). A literatura é afetada por todas as facetas da globalização, como não poderia deixar de ser, e sempre quis pensar sobre a literatura de uma forma que escapasse ao molde de literatura nacional e incluísse outras dinâmicas de relações e circulação de obras.

Paralelamente, havia um entusiasmo em indagar como a literatura tinha relação com a circulação de obras literárias em sociedade, um tipo de investigação que conheci pela primeira vez com o trabalho de Antonio Candido. Desde então o conceito de sistema literário é para mim muito caro e é através dele que queria entender as relações entre escritores, críticos e outros públicos: para Candido o sistema literário consistia na articulação entre obras, autores, públicos e tradição (2012 [1959]; 2015 [1997]), então era com esse viés teórico que eu pensava em também desenvolver pesquisa em literatura. Ao longo da graduação eu li também textos de teoria sociológica, então já havia aí um gosto por entender a sociedade

como um sistema e este também alimentava um olhar para a literatura como um sistema.

Uma formação em eletrônica também fez parte de meu trajeto até aqui – foi ao longo de meus anos de estudo mais intenso em física e matemática que descobri as razões que fazem da ciência algo tão fascinante. Ainda que o desvio de rota tenha sido grande entre meu curso técnico e minha licenciatura em Letras, creio que até hoje devo àquela experiência meu interesse contínuo por questões de epistemologia e por novas teorias. Acredito que este tenha sido o solo fértil para a compatibilidade que senti entre meus interesses e os estudos de complexidade que me foram apresentados por meu orientador, o Prof. Dr. Pedro Chagas. Então, meu primeiro contato com a área dos estudos de complexidade ocorreu somente no programa de pós-graduação e, mais especificamente, pelo livro de uma dupla de sociólogos que escreveram sobre o estado da arte do campo e o relacionaram com suas aplicações nas ciências sociais. Pela sugestão de meu orientador, conheci um novo campo e decidi trocar minha ideia inicial de pesquisa por uma nova: construir um diálogo entre conceitos e metodologias recentes, dos estudos de complexidade, e a área de estudos literários, onde eles ainda não foram empregados. Na esteira dessas leituras, desse diálogo em construção, foi que cheguei à minha proposta de dissertação.

De caráter ensaístico, a presente dissertação busca a interpolinização de uma proposta inter-/pós-disciplinar de uma corrente contemporânea de pesquisa em diversos campos, os estudos de complexidade, propondo que exploremos novos vieses de pesquisa e enquadramento da realidade literária ao refletirmos sobre possíveis contribuições teórico-metodológicas para o estudo de sistemas literários como sistemas complexos.

O primeiro capítulo é uma introdução aos estudos de complexidade. O capítulo começa com um breve passeio pela história de paradigmas científicos, passa para os princípios que regem sistemas complexos já apresentando suas características básicas, incluindo por último uma apresentação de alguns conceitos próprios do campo de estudos de complexidade, como a noção de agente, usados para examinar a organização de sistemas complexos.

O segundo capítulo é o principal capítulo de desenvolvimento de nossa proposta, pois é ali que relacionamos os princípios de sistemas complexos e as maneiras de estudá-los com a literatura, explorando as possibilidades do estudo de sistemas literários como sistemas complexos em matéria de definição, descrição e outros – é o principal capítulo para apresentarmos contribuições teórico-metodológicas da perspectiva com a qual trabalhamos.

O terceiro e último capítulo funciona como uma ilustração breve das possibilidades teóricas e metodológicas dos sistemas literários vistos como sistemas complexos e assim estudados. Nosso exemplo de análise partirá do trabalho de biografia (literária) que Claudia Pierpont realiza sobre Philip Roth e sobre ele constrói algumas hipóteses e observações.

1. APROXIMAÇÕES AOS SISTEMAS COMPLEXOS

Neste capítulo realizaremos nossa introdução acerca de sistemas complexos com o intuito de fornecer ao leitor fundamentos para o começo do trabalho com os estudos de complexidade. Desde este primeiro capítulo até o final do texto, o trabalho de David Byrne e Gil Callaghan, *Complexity theory and the social sciences*, servirá como a espinha dorsal para as nossas discussões.

O primeiro subcapítulo descreve a sucessão de paradigmas científicos com o objetivo de apresentar ao leitor uma reflexão sobre o desenvolvimento de teorias e metodologias em suas relação com tais paradigmas. A partir desse ponto poderemos pensar mais a fundo no que os estudos de complexidade podem significar para o paradigma científico de uma forma geral e mais especificamente para os estudos literários (debate focado no capítulo 2).

No segundo subcapítulo construímos uma imagem do que são sistemas complexos por meio de uma explicação, enquanto simultaneamente apresentamos os princípios gerais de funcionamento de sistemas complexos, de modo a manter os princípios interligados ao trabalho de definir sistemas complexos. Ao todo o capítulo ocupa-se de gradualmente familiarizar o leitor com os sistemas complexos – o que são, como são, como se organizam, onde os localizamos etc. Esta etapa da pesquisa propicia o desenvolvimento dos capítulos seguintes.

Antes de partirmos para o primeiro subcapítulo passaremos por duas observações. Um primeiro ponto central para um bom entendimento dos estudos da complexidade é carregar desde o começo uma perspectiva sistêmica. Quando lidamos com complexidade, estamos lidando com sistemas. Em um sistema complexo, as categorias causais tornam-se entrelaçadas de tal maneira que nenhuma conceituação dualista de estado *versus* dinâmica é capaz de descrevê-lo: "[...] convenhamos que um sistema é um conjunto de elementos interrelacionados e que um sistema complexo é um no qual, em bom português, o todo é maior do que a soma das partes"¹² (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 4). Note-se que com essas

1 "[...]let us agree that a system is a set of inter-related elements and that a complex system is one in which, in plain English, the whole is greater than the sum of its parts."

2 Todas as traduções de citações são do autor.

primeiras colocações já introduzimos questões para o método analítico mais em voga, pois a quebra do todo em partes é prática pacífica para uma larga parte da ciência. Essa fragmentação é reconhecida como insuficiente para os estudos de sistemas quando tomados em sua complexidade.

Indo ao segundo ponto passamos a uma colocação para a ambientação do leitor, a de que a "a teoria da complexidade representa um importante desafio para os silos disciplinares da academia do século 21 ", visto que "[...] o futuro da ciência social útil é no mínimo interdisciplinar e provavelmente pós-disciplinar. A ciência da complexidade fornece um elemento central na fundação de tal programa pós-disciplinar"³ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 3). A ciência tem se tornado (ou voltado a ser) gradualmente mais multi/trans/inter/pós-disciplinar e acreditamos ter que responder a esse momento da comunidade científica se não quisermos nos manter imóveis em relação às outras áreas. Dentro de nossa discussão teórico-metodológica (capítulo 2) esse ponto será ainda melhor desenvolvido e, inclusive, o conceito relativamente recente de pós-disciplinaridade será levantado.

Com essas duas notas tomadas (um compromisso com a perspectiva sistêmica no estudo e a tomada inter/pós-disciplinar da pesquisa), podemos avançar para nosso primeiro passo de aproximação aos sistemas complexos.

1.1 BREVE INCURSÃO PELA SUCESSÃO DE PARADIGMAS CIENTÍFICOS

Primeiramente vamos nos deter a um breve histórico dos paradigmas científicos, de forma a melhor preparar o leitor para a discussão sobre os sistemas complexos. Os paradigmas anteriores revelam a caminhada que a comunidade acadêmica desenvolveu ao longo do tempo e como essas etapas anteriores levam-nos aos estudos de complexidade. Com este passo dado, o espaço que os sistemas complexos ocupam nas pesquisas científicas atuais estará mais claro.

³ "[c]omplexity theory represents an important challenge to the disciplinary silos of the twentiethfirst century academy [...] the future of useful social science is at the very least inter-disciplinary and probably postdisciplinary. Complexity science provides a central element in the foundation of such a postdisciplinary programme"

O primeiro paradigma que consideraremos será o newtoniano. O nome utilizado faz referência a Isaac Newton, cientista inglês cujo trabalho sedimentou o paradigma científico na física e, pela física ter sido tomada como a ciência modelo, em outras disciplinas. O trabalho de Newton começou pelos estudos das dinâmicas entre dois corpos celestes (como o Sol e a Terra, por exemplo) e deu origem a cálculos, como os diferenciais e integrais, bastante produtivos em outros estudos (BERTUGLIA; VAIO, 2005: 137). Newton era capaz de reconstituir o movimento dos astros no passado e também de prever sua rota futura a partir dos resultados de seus estudos, estabelecendo leis gravitacionais que esclareciam os fenômenos de órbita, entre outros pontos.

O entendimento era de que o universo era determinado por leis fundamentais de funcionamento passíveis de serem descobertas. Os estudos de Newton em mecânica dos astros criaram um quadro de referência determinista nos estudos de fenômenos naturais: partindo dos estudos da mecânica celeste, Newton desenvolveu a área de física mecânica e, por difusão, muito da ciência da época. Até hoje esse quadro é referência para grandes setores da sociedade por meio do senso comum ou pela educação básica que dirige muitas horas de estudo à mecânica newtoniana.

Neste paradigma, uma vez conhecidas as leis que ditavam o comportamento de determinado fenômeno, bastava conhecer seu estado atual para calcular os estágios anteriores de seu movimento – e também os posteriores. Os sistemas eram lineares, previsíveis e o mundo funcionava como um relógio, isto é, todos os seus movimentos eram encadeados e precisamente ordenados. A dimensão do espaço era dada e a do tempo era reversível – uma força propela um corpo à frente em um momento e no momento seguinte o mesmo corpo pode retornar para sua posição inicial se exercida uma força de mesma intensidade em sentido contrário. Quanto ao trabalho do pesquisador, o estudo científico dava-se pelo trabalho reducionista, analítico, em que o estudo de uma pequena parte revelaria o papel daquele recorte no sistema como um todo.

Mas havia campos em que o paradigma newtoniano falhava em dar as respostas adequadas. Dentre os desafios que aos poucos enfraqueceram o controle do paradigma newtoniano estão os problemas de muitos corpos – sendo que até

mesmo problemas com três corpos já resultavam em diversos insucessos, como reportam Bertuglia e Vaio (2005: 22).

O paradigma científico do século XVII-XVIII imperava até que por volta de um século e meio atrás começou a ser cada vez mais criticado: autores como Clausius e Boltzmann apresentaram as críticas da indeterminação estatística (as observações macroscópicas do sistema não são capazes de abranger seus estados microscópicos), outros como Bohr, Heisenberg e Schrödinger as críticas da indeterminação quântica (as limitações de precisão na determinação de propriedades físicas) e, mais recentemente pesquisadores do caos determinístico como Poincaré e Prigogine davam início a outra linha de investigação (determinismo não-previsível e sensibilidade às condições iniciais de sistema) (BERTUGLIA; VAIO, 2005: 21).

Uma das linhas de estudo que sacudiram o paradigma newtoniano foram os estudos em termodinâmica. Pelas pesquisas em entropia, por exemplo, a aceção do tempo nos fenômenos naturais teve que ser revista. Quando se tratava das dinâmicas de temperatura em sistemas não-isolados, não havia como exercer uma força contrária que simplesmente restituísse o corpo estudado ao seu estado anterior de forma análoga ao que se via na mecânica newtoniana. A irreversibilidade de processos naturais previstos pela segunda lei da termodinâmica confrontava a visão de mundo do paradigma científico tradicional e apontava para o avanço irrecuperável do tempo e para a imprevisibilidade na dinâmica de vários elementos em interação (como era o caso da agitação dos átomos em um sistema, a temperatura). Por outra frente, os estudos com partículas microscópicas também aprofundou o debate. Pesquisadores depararam-se com a impossibilidade de se precisar posição e velocidade de partículas em uma escala em que, por conta do efeito do observador, os métodos de medição eles próprios alterariam o sistema. Posteriormente, já na física quântica vemos que a própria natureza das ondas-partículas confere indeterminação ao sistema. Portanto, o mundo calculado com precisão do paradigma newtoniano dava lugar a um mundo em que a imprecisão fazia parte mesmo da realidade. Um reenquadramento da experiência vivida mostrava-se necessário por causa dos resultados alcançados pela ciência.

Finalmente, as pesquisas em caos determinístico, o campo que listamos

como o último paradigma – talvez melhor descrito como um campo pré-paradigmático (KUHN, 1996) –, levam-nos aos estudos de complexidade. A complexidade contrasta bastante com o primeiro paradigma científico, como o discutimos. Enquanto o paradigma newtoniano pressupunha sistemas que tendiam ao equilíbrio, e apresentavam causalidade linear e retroalimentação negativa (*negative feedback*), a complexidade estará repleta de sistemas distantes do equilíbrio, causalidade complexa e retroalimentação positiva (*positive feedback*), conforme discutiremos no subcapítulo a seguir.

Discutir em detalhe cada um dos paradigmas não nos interessa tanto quanto perceber a forma pela qual as concepções ontológicas da comunidade científica transformaram-se e abriram espaço para os estudos de complexidade. O mundo newtoniano era bastante linear. Se o mundo é composto de sistemas lineares, então o mundo é previsível e a ciência se desenvolve pelo trabalho reducionista de cada especialista, de cada especialidade, na grande tarefa de descrever a realidade e controlá-la. A partir das pesquisas com sistemas dinâmicos, crescentes ao longo do século XX, chegaram-se às indeterminações, tanto as estatísticas quanto as quânticas, e a previsibilidade e o controle tornaram-se mais distantes. Nesse ínterim, a complexidade aumenta em importância e visibilidade, e chegamos ao campo de nossa pesquisa.

1.2 SISTEMAS COMPLEXOS E SEUS PRINCÍPIOS

O termo "sistema complexo" pode parecer algo distante, mas na verdade parece ser o caso da maioria dos sistemas que conhecemos. A floresta amazônica é um exemplo de sistema complexo e em diferentes escalas aquilo que chamamos de sociedade é também um sistema complexo. Uma forma de entender inicialmente a especificidade de um sistema complexo como a floresta amazônica é perceber que não podemos compreender a floresta somente mediante análise das árvores individualmente – abarcaremos uma parte de sua realidade, mas não o sistema como um todo. Consideremos como seria se olhássemos da perspectiva de um quilômetro quadrado de floresta, por exemplo. A árvore é apenas um dos elementos

do sistema complexo da floresta amazônica e corresponde a apenas uma pequena parte do todo. Ao mesmo tempo, no entanto, se olharmos da perspectiva de uma espécie de perereca que habita essa árvore, estaríamos olhando para todo um mundo onde o animal nasceu, cresceu, alimentou-se diversas vezes, reproduziu-se e, talvez, onde vá também morrer. O sistema complexo “floresta amazônica” não é só a soma da compreensão de suas árvores individualmente, mas é também a compreensão de como os seus diversos componentes interagem. Até mesmo pequenos elementos do todo farão emergir outros ecossistemas em escalas menores, uma série de elementos não planejados, mas, de qualquer forma, constituintes do sistema complexo em sua totalidade. Essa riqueza de informações em diferentes combinações de seus elementos básicos ultrapassa em muito uma perspectiva somatória de conhecimento sobre cada elemento individualmente.

Não há definição canônica para sistemas complexos. A forma de introdução ao tema que utilizamos no parágrafo anterior faz uso de uma definição heurística frequentemente citada por nossas referências: sistemas complexos são sistemas em que a soma das partes não abrange o sistema como um todo. Com isto queremos dizer que um sistema complexo não pode ser abarcado pela análise de suas partes menores isoladamente, como ocorre majoritariamente com sistemas lineares. Há um grande número de sistemas que encaixam-se nessa definição, como comenta Byrne (1998: 19), “o problema é que muito, e provavelmente a maior parte, do mundo não funciona desta forma [de forma linear]. A maioria dos sistemas não funciona de forma linear”⁴. Assim, a ubiquidade de sistemas complexos começa a ocupar progressivamente um espaço de maior relevo no meio científico.

Sistemas complexos não são determinísticos como os sistemas em paradigmas científicos anteriores. Retomando o paradigma newtoniano uma última vez, podemos refletir sobre como o trabalho com pequenas variações de sistema é compatível com modelos lineares de mundo. Ao se trabalhar com a grandeza de corpos celestes em uma perspectiva de sistemas lineares, as variações causadas por outros astros eram pequenas demais para tirar, por exemplo, a lua de sua órbita, pois pequenas forças não se desdobrariam em forças capazes de mover o satélite

4 “[t]he trouble is that much, and probably most, of the world doesn't work in this way. Most systems do not work in a simple linear fashion”.

natural – o sistema era, para os objetivos especificados, um sistema linear. Igualmente, ao trabalharmos com o cálculo de deformação de uma estrutura metálica, se as forças causarem apenas moderados afastamentos em relação ao estado de equilíbrio, então o sistema também pode ser visto como um sistema linear – a deformação será proporcional à força. No entanto, a partir de uma certa distância do equilíbrio, cada aumento de intensidade traduzir-se-á em um impacto de grandeza diferente da inicial, o que adentra o mundo de sistemas complexos e outros.

Em modelos lineares está presente, mesmo que implicitamente, uma expectativa de equilíbrio nos sistemas. O equilíbrio é o estado para o qual o sistema tende – independentemente das mudanças, o sistema sempre retornará a um mesmo estado, o qual chamamos de estado de equilíbrio. A órbita lunar ou a forma de uma barra metálica são estados de equilíbrio para os quais o sistema sempre voltará. Dessa forma, sistemas lineares seriam como materiais elásticos que não são imunes a mudanças, porém retornam sempre ao seu estado de equilíbrio, tal como ocorre com pneus e outros objetos que apresentam elasticidade. Como dito anteriormente, há que se lembrar que existe um limite e que a partir deste limite sempre haverá uma mudança não-linear, isto é, não proporcional e não previsível.

O *negative feedback* é outro termo que utilizamos para distinguir entre tipos de sistemas. Os *negative feedbacks* estão ligados à noção de equilíbrio, pois são justamente aquilo que retorna o sistema ao seu estado normal. Por exemplo, o corpo humano é dotado de *negative feedbacks* que regulam a temperatura corporal: quando a temperatura do corpo está abaixo do estado de equilíbrio, um mecanismo de queima de calorias entra em ação para aquecer o organismo, enquanto que um corpo sobreaquecido por atividades físicas secreta fluidos, a que chamamos de suor, para resfriar o corpo. Sistemas complexos são exemplos de sistemas que apresentam *positive feedbacks* – diferentemente dos *negative feedbacks*, tratam-se de mecanismos pelos quais um desequilíbrio no sistema é alimentado para que incremente seu impacto de maneira crescente, o que causa diversas mudanças no sistema e o afasta do estado de equilíbrio. A título de exemplo invocamos a imagem de um amplificador de som que acidentalmente amplifica um ruído por ele mesmo emitido em um rápido ciclo de reamplificação até que o som seja cortado pelas

limitações físicas do aparelho; ou ainda a imagem de uns poucos animais que entram em pânico e assustam os demais membros de seu grupo gerando um efeito em cadeia que leva até o estouro da manada.

Por outro ângulo, poderíamos discutir as repercussões das condições iniciais no desenvolvimento de um sistema como um diferencial entre sistemas lineares e não-lineares. Em um sistema linear as mudanças em condições iniciais seriam reproduzidas na história do sistema em grandeza equivalente. Em um sistema complexo, dentre outros sistemas não-lineares, a mudança nas condições iniciais não poderia ser medida de maneira formulaica, pois as interações desencadeadas por tal mudança não seriam previsíveis. O crescimento demográfico de qualquer população humana é um exemplo, pois não há como as mudanças em condições ambientais ou em números de indivíduos no momento inicial resultarem em mudanças populacionais calculáveis com grande nível de precisão. Estudos poderiam apontar alguns limites prováveis em tamanho populacional, relação entre o ambiente e a densidade populacional comportável etc., mas há uma série de fatores referentes às interações entre os indivíduos que gerariam variações imprevisíveis. A demografia atual saiu do modelo malthusiano de crescimento linear com um parâmetro constante e uma população crescendo de forma previsível. Esta sensibilidade às condições iniciais é também uma manifestação daquilo que chamamos de *positive feedback* anteriormente.

A ciência é reputada pelo grande controle que permite aos humanos quanto ao seu meio e essa atribuição está muito ligada ao talento da comunidade científica em apresentar previsões e possibilitar planejamentos. Os paradigmas científicos com os quais estamos acostumados e que tomam como base linearidade, estados de equilíbrio e negative feedbacks trabalham com a previsibilidade dos fenômenos que estudam. Os sistemas não-lineares, entretanto, geram pequenas margens de previsibilidade, o que altera nossa percepção do trabalho científico:

As dinâmicas de sistemas naturais, assim como as de sistemas sociais, não são lineares; desta forma, quanto mais distantes no futuro, mais imprevisíveis elas são. **Não podemos fazer previsões a longo prazo, por exemplo,** quanto a turbulências que se manifestam não apenas no movimento de um fluido, mas também, por exemplo, em mercados

financeiros, nas mudanças de opiniões populares e em desdobramentos demográficos e macroeconômicos.⁵ (BERTUGLIA; VAIO, 2005: 45, grifo nosso)

Este trabalho, portanto, introduz um campo de estudos que ainda não foi absorvido ao paradigma da comunidade acadêmica, mas que tem o potencial para descrever de maneira mais contígua, mais realista⁶, diversos fenômenos não-lineares em sistemas naturais e sociais. Dentre as hipóteses desta pesquisa, trabalhamos com a perspectiva de que sistemas literários são tipos de sistemas sociais, mas exploraremos essa tese posteriormente no trabalho.

Para o prosseguimento desta apresentação dos estudos de complexidade, aclararemos aquilo que faz dos sistemas complexos únicos. A estratégia empregada é explicar quais são os princípios de funcionamento que os separam dos demais sistemas não-lineares e a partir disso construir uma imagem do que são sistemas complexos.

Um dos princípios chave para os sistemas complexos é a **emergência**. Em um sistema complexo existem interações entre suas diferentes partes que fazem – e aqui está o princípio de emergência – emergir propriedades específicas. Essas propriedades não advêm da ação de uma parte por si só, mas apenas emergem em meio ao sistema com todas as partes que lhe constituem. A não-linearidade dos fenômenos emergentes deve-se ao emaranhado de interações entre seus agentes constituintes de forma contingente. Para entender esse mecanismo de emergência podemos nos utilizar da mesma metáfora que Holland (2012; 2014), o modelo da bola de bilhar (*billiard ball model*). A imagem de uma bola de bilhar lançando-se sobre as outras e o impacto decorrente espalhando todas pela mesa de bilhar é útil para entender como os diversos elementos de um sistema interagem entre si em

5 “The dynamics of natural systems, just as those of social systems, are not linear; therefore, the more distant the future, the more unpredictable they are. We cannot make long-term predictions, for example, about turbulence that manifests itself not only in the movement of a fluid, but also, for instance, in the financial markets, in the changes of mass opinions and in demographic and macroeconomic developments.”

6 Segundo Bertuglia e Vaio (2005: 40-42), é comum na ciência que se linearize sistemas sob estudo para os adequar a metodologias de pesquisa consolidadas dentro do paradigma mais tradicional, mesmo que haja aí uma disparidade entre a realidade observada e o modelo de estudos.

diversas combinações e com diversos resultados possíveis. A emergência é produto dessas interações não-lineares e não-previsíveis.

Um exemplo de emergência utilizado por Holland (2014: 39) refere-se a "propriedade do molhado", o que chamaríamos de "umidade". O autor pergunta: o que faria com que um aglomerado de moléculas de água radicasse "molhadez", "umidade", a um objeto? Pois não há uma quantidade certa de moléculas de água que faça com que sintamos que uma peça de roupa, por exemplo, esteja úmida. Trata-se de uma propriedade emergente da água e não está explicada claramente para os físicos. Já outra propriedade, o peso, entende-se com muita facilidade porque quanto mais massa submetida ao efeito gravitacional se tem, maior o peso medido. O peso, diferentemente da "molhadez", não é uma propriedade complexa. O princípio da emergência relaciona-se diretamente com nossa definição de sistemas complexos, pois o sistema é maior do que a soma de suas partes justamente porque é somente em sua totalidade que se tem a emergência e as propriedades que ela suscita. Para um segundo exemplo poderíamos pensar na precificação de bens no mercado: o preço de um bem qualquer não é estabelecido por um fornecedor sozinho, nem por dois, nem por n número de fornecedores, mas sim emerge da competição entre fornecedores no mercado. As propriedades emergentes não são alcançadas por uma soma de agentes, mas pela interação deles dentro do sistema, o que ocasiona novos fenômenos e agentes.

Tendo o modelo da bola de bilhar em mente entendemos porque não seria fácil, portanto, limitar uma propriedade qualquer do sistema a um componente específico: qualquer teste que buscasse isolar as causas do fenômeno interferiria com as dinâmicas internas do sistema, as interações dos elementos e por isso eliminaria a emergência. Ao corromper a lógica própria de funcionamento do sistema, a propriedade que se almejava investigar desapareceria sem deixar dados esclarecedores.

Voltando nossa atenção para o sistema literário como sistema complexo, podemos investigar algumas correspondências. Por exemplo, quando um autor é alçado em um sistema literário vemos o fenômeno da emergência em ação. O princípio de emergência não explica o porquê de tal ou tal autor serem reconhecidos no sistema, mas entendendo sua emergência podemos melhor compreender o

sistema em suas dinâmicas internas. O sistema literário é composto de diversos agentes, como os autores, os críticos, os tradutores, os editores etc., mas também é um sistema social acoplado a outros, como o sistema econômico. O modelo da bola de bilhar abrange as interações entre os agentes do sistema e também trata das influências externas que alcançam o meio interno, produzindo resultados inesperados, como a (re)descoberta de um autor, tal qual ocorreu com a obra de Gregório de Matos (HANSEN, 2004).

Apenas no século XX houve edições da obra do Boca do Inferno e pode-se aprofundar os estudos da crítica – foi como se o autor reemergisse no sistema literário. Sua emergência moderna ocorreu graças às interações entre agentes do sistema literário, entre a academia e o meio editorial. O nacionalismo que havia no século XX no Brasil era fenômeno social complexo e que se realimentava em diferentes instâncias do sistema, em seus sistemas aninhados, como o acadêmico, e o sistema literário também estava nessa confluência. Assim, podemos levar em consideração diversos fatores para a escalada do autor dentro do sistema literário até o seu posto de prestígio na contemporaneidade – lido e estudado em todo o território nacional como um de nossos grandes autores do período colonial.

Note-se que discutir o princípio de emergência aponta para o princípio da **não-linearidade**, ou *non-additivity* (HOLLAND, 2014: 45). Em um sistema linear está pressuposto que seus componentes funcionam como módulos que são apenas trazidos juntos para operar incrementalmente. Assim, um módulo de produção de energia somado a um segundo dentro do sistema leva-o a uma produção de energia total igual ao da soma da produção dos dois módulos. Para um gerente de produção, o número de robôs em sua fábrica pode indicar o volume total de produção por meio da soma da produção média de cada robô isoladamente, como um sistema linear simples. Se um robô produz cinco peças cerâmicas padrão em uma hora, dois robôs significam dez peças e três robôs entregarão quinze peças. Em um outro extremo poderíamos pensar em um gerente de produção e artesãos trabalhando em peças exclusivas: cada artesão produzirá a seu ritmo e cada peça representará um produto diferente e um tempo diferente de trabalho, o que nos leva a um sistema não-linear do ponto de vista da produção. Sistemas complexos, como sistemas não-lineares, não permitirão uma previsão direta dos resultados das ações

de seus agentes, assim como o segundo exemplo.

O exemplo de Gregório de Matos pode continuar como um curto estudo de caso em nossa discussão. Ao falar da escalada do autor na crítica da área, podemos pensar sobre como esse processo se deu de forma complexa também e não de forma linear. Os princípios que regem os sistemas lineares preveriam um processo também linear, no qual o despertar da crítica seria incremental, ou seja, um número cada vez maior de críticos, de pouco em pouco, produziram textos que gradualmente ergueriam Gregório de Matos dentre outros escritores de sua época. No entanto, sabemos que não é assim que a crítica literária funciona. O século XX no Brasil assistiu a uma concentração do trabalho da crítica dentro das universidades e Gregório de Matos foi alçado ao seu posto pelo trabalho de poucos críticos, como João Adolfo Hansen, que estavam bem posicionados em universidades como a USP e que operaram algo como uma virada em seu *status*. Não foi um trabalho incremental que mudou sua reputação no meio literário, mas poucos trabalhos vitais que serviram como “controles”, ou seja, elementos capazes de mobilizar o sistema de maneira qualitativa (não uma mudança em grau, mas em natureza) em prol do autor baiano. Da mesma forma que não podemos atribuir a re-emergência de Gregório de Matos ao trabalho crítico incremental, também não podemos atribuí-la a uma vontade de modernidade ou de nacional-ufanismo isolados, ou a uma conjuntura econômica simplesmente – o sistema é complexo.

Depreende-se também que se um sistema complexo apresenta não-linearidade em seu desenvolvimento ao longo do tempo, temos um contexto em que as suas partes não apresentam um comportamento estável e previsível. O princípio de emergência explica isso por um lado, posto que emergem novos fenômenos e agentes, alterando o destino do sistema. Por outro lado, a não-linearidade é produto também da adaptação dos agentes do sistema, isto é, as mudanças de comportamento causadas por mudanças dos agentes em resposta uns aos outros e ao meio em um sentido geral.

A adaptação é necessária para que o agente perpetue sua existência no meio em que se encontra. Para exemplificar adaptação podemos pensar nas diferentes estratégias que editoras tiveram de empregar para se manterem estáveis em um mercado em constante transformação, em especial quando lidaram com a

massificação de vendas em um número menor de pontos (grandes livrarias e redes de supermercado) ou em sua concorrência com os livros digitais. Thompson (2013: 33-68) retrata como as décadas de 70 e 80 (nos EUA e Reino Unido) assistiram a um aumento muito extensivo das vendas de livros em grandes livrarias e um aumento bastante elevado da venda de livros de bolso por redes de supermercado, ambos trabalhando com fluxos massivos de mercadoria. Trata-se de uma mudança sísmica nas dinâmicas de comercialização de livros, pois anteriormente as editoras vendiam seus livros em diversas pequenas livrarias locais, o que poderíamos chamar de uma capilarização no fluxo de livros entre as editoras e os leitores. A massificação que comentamos fez com que um grande volume de livros passasse por um número menor de pontos de venda – uma concentração da produção editorial em poucas vias de saída. Thompson discute como as editoras tiveram de se adaptar ao novo contexto e desenvolver estratégias de venda compatíveis, como foi o caso das parcerias entre as editoras e as grandes livrarias ou redes de supermercado, parcerias que envolviam volumes muito maiores de produtos e vantagens na precificação. Ou ainda, estratégias de valorização do projeto gráfico ou campanhas de venda mais agressivas. Agentes em qualquer sistema complexo têm de se adaptar para permanecer, o que configura uma tendência geral.

Muito próximo ao termo “adaptação” há ainda o termo “adaptabilidade”. Conforme vemos em Byrne e Callaghan (2014: 99): o termo adaptação refere-se ao processo pelo qual o sistema responde ao seu exterior, incluindo aí as mudanças constantes pelas quais o ambiente passa, configurando um processo ininterrupto e não-acabado de busca por equilíbrio. A adaptabilidade dá conta do quão bem o sistema está adequando-se ao exterior e a sua potencialidade de continuar mantendo um bom equilíbrio para seus elementos internos. Trata-se da característica que permite que o sistema mantenha sua integridade apesar/por causa das mudanças ao seu redor e internas a ele mediante acúmulo de experiências. Nossos estudos partem do pressuposto de que escritores, editores, tradutores e demais agentes, por exemplo, transitam entre sistemas sociais complexos, sendo o literário um destes, e adaptam-se aos diferentes estímulos, sejam eles internos ou externos. O sistema literário é um sistema com bastante independência por seu grande nível de adaptabilidade, mas é um dentre outros

sistemas sociais em acoplagem, ou seja, em relações de interação e trocas, e não está imune aos efeitos da globalização no mercado editorial, por exemplo.

Considerando a propriedade da adaptabilidade, somos capazes de visualizar a *perpetual novelty*, ou eterno inovacionismo, que os sistemas complexos demonstram. Holland (2014: 50), quando descreve o jogo de xadrez, aponta que “se, em média, cada movimento oferece uma escolha dentre 10 possibilidades legais, e em média um jogo leva 50 movimentos, então existem 10^{50} seqüências de movimentos permitidos – esse número é muito maior que a estimativa de número de átomos no universo”⁷, logo há um princípio de eterno inovacionismo, de irrepitibilidade do estado de coisas em um sistema complexo, como o jogo de xadrez ou o DNA humano com seus quatro nucleotídeos e suas virtualmente infinitas possibilidades para a constituição de um ser humano. Esse princípio faz com que necessariamente revisemos nosso conceito de equilíbrio, por exemplo.

O equilíbrio, na forma como o discutiremos aqui, não é sinônimo de estabilidade, mas de dinâmicas de adaptabilidade do sistema em função de sua reprodução no tempo. Ainda seguindo Byrne e Callaghan (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 100), temos que o equilíbrio direto é aquele alcançado de forma gradual e proporcional. Por outro lado, o equilíbrio indireto surge pelas respostas mais enérgicas dadas às condições iniciais do sistema, podendo até mesmo haver uma quebra do sistema em partes menores e mais flexíveis no caso de uma tentativa frustrada de equilíbrio. O equilíbrio em sistemas complexos é indireto e não seria, portanto, uma manutenção de um mesmo estado de coisas, mas sim um estado de coisas segundo os princípios de auto-organização e hierarquia (princípios que desenvolveremos mais abaixo) de um sistema que sempre está se movendo no tempo-espaço e, conseqüentemente, sempre mudando, evoluindo. Discutindo o segundo tipo de equilíbrio, percebemos que a flexibilidade no sistema é fundamental para a sua sobrevivência.

Avançamos para o princípio da **evolução**. Nos processos evolutivos estão implicados adaptação, adaptabilidade e equilíbrio indireto, sobre os quais já elaboramos. A evolução abrange o comportamento de sistemas complexos ao longo

7 “[i]f, on average, each move offers a choice of 10 legal possibilities, and an average game lasts 50 moves, then there are 10^{50} allowable move sequences – that’s a number much larger than the estimated number of atoms in the universe”

das dimensões tempo e espaço. Ao mesmo tempo em que a mudança é fruto da adaptação, é também a permanência de estruturas no sistema. O exemplo que demos das editoras e suas estratégias de sobrevivência no mercado de livros é um exemplo de adaptação e, ao mesmo tempo, da permanência de um estado de coisas. As editoras puderam adaptar-se ao contexto novo e, por essa mesma razão, foram capazes de manter sua posição como agentes centrais na circulação de livros dentro da sociedade.

Cabe dizer, é preciso romper com noções tradicionais de progresso: "a primeira noção que queremos descartar é a ideia de progresso, a qual gera alguns problemas, não menos, é claro, no que se refere a uma definição"⁸ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 90). É comum que o termo "evolução" seja cercado de uma concepção de progresso que não lhe cabe na acepção com a qual trabalhamos aqui. Como bem levantado pela citação logo acima, qual seria a definição de progresso de que trataríamos? A ideia de progresso inexorável bastante veiculada no discurso moderno de tecnologia e desenvolvimento não combina com o conceito de adaptação e passagem do tempo da evolução. Tratamos de deixar claro aqui que para nossos propósitos não há paralelo produtivo entre evolução e progresso moderno.

Prosseguimos porque o princípio de evolução refere-se ainda a outros processos de seleção de agentes no sistema, dos quais comentaremos mais quatro. Existem, por exemplo, (1) transformações nos agentes que não funcionam como adaptações ao meio, mas que por serem pareadas com adaptações benéficas ou por serem portadas por um agente bem adaptado, acabam sendo perpetuadas no sistema. Trata-se de um processo de seleção que carrega adiante características que foram selecionadas algo "acidentalmente" e não por serem características que fizessem dos agentes seres melhor adaptados. Em termos de sistema literário, vêm à mente temas de moda, aparentemente parte integral da evolução de uma forma literária, por exemplo, mas que se revelam posteriormente um acidente no processo evolutivo e não uma característica essencial – nem todas as épicas tratarão do espírito de um povo. Já a (2) co-evolução é um processo decorrente do

8 "[t]he first notion that we want to despatch is the idea of progress, which raises a number of problems, not least, of course, definition"

desenvolvimento de adaptações complementares entre mais de um agente que em interação conseguem perpetuar-se (um exemplo seria a relação entre parasitas e hospedeiros ou ainda as relações de simbiose) – podemos pensar na tradição de escritores que somavam sua ocupação a uma profissão no Estado brasileiro que os fornecesse estabilidade financeira e que hoje já não se trata do melhor *locus* de produção literária. Somam-se a esses os processos de seleção de características de (3) agentes de um mesmo sistema que são levados a uma separação que os retira da interação e possibilita que passem por processos evolutivos diferentes, levando-os a apresentar características diferentes e que se fossem mantidos em competição não haveriam desenvolvido – os usos novos de formas clássicas orientais, como o haikai. No sentido contrário, (4) há agentes que pertencem a meios diferentes, mas que por uma razão ou outra são levados a co-habitar um mesmo meio e então tornam-se implicados em um mesmo processo de seleção por competirem por recursos, por exemplo, como ocorre quando uma espécie animal é levada de um continente a outro por ação humana ou quando uma obra literária é traduzida de uma língua a outra – o gótico bem menos produtivo quantitativamente em sua implantação tupiniquim.

Os processos evolutivos são múltiplos, mas identificam-se pelas transformações ao longo do tempo e espaço sofridas por agentes que perpetuam suas características no meio ao conseguirem sobrevivência e reprodução. Sistemas complexos apresentam esse mesmo princípio de funcionamento em conjunto com a não-linearidade e a emergência.

Holland (2014), ainda elaborando sobre evolução, traz uma discussão interessante sobre como é da lógica dos sistemas complexos que a auto-organização e a hierarquia tragam tendências de especialização para seus elementos que, a seu tempo, resultam em diversidade e em aumento de eficiência. A evolução novamente mostra-se totalmente imbricada no desenvolvimento dos sistemas complexos com sua influência em outros princípios internos, ambos discutidos a seguir.

Seguindo com nossa apresentação de sistemas complexos, outro princípio constituinte é a **hierarquia** (HOLLAND, 2014: 40); utiliza-se ainda o termo módulo, ou *module* (HOLLAND, 2014: 164). A organização interna do sistema se dá pela

hierarquia que resulta da própria evolução do sistema, pois estruturas iniciais (seus módulos) são usadas dentro do processo evolutivo como base para as estruturas seguintes (novos módulos), sendo essa diferença de antecedência no tempo a origem da diferença em hierarquia. Exemplos da biologia servem bem ao entendimento da noção de hierarquia porque a taxonomia aplicada aos seres vivos deixa indicações desses módulos que discutimos. Os seres vivos mais simples são os procariontes, organismos unicelulares sem núcleo organizado, e, tendo sido os primeiros a surgir, carregam estruturas iniciais que se mantiveram integrantes em todos os seres vivos posteriores, por mais distantes que sejam suas ligações aos seus antepassados evolutivos. Alguns exemplos são as membranas celulares, os ribossomos e os lisossomos. Os eucariontes, organismos unicelulares com núcleo organizado, evoluíram dos procariontes e apresentam muitas das mesmas estruturas que os procariontes, somadas ao que chamamos de mitocôndrias, organelas de respiração (um exemplo). A partir dos eucariontes, as mitocôndrias tornaram-se estruturas básicas presentes nas células dos demais animais que resultaram dos processos evolutivos seguintes e assim sucessivamente. Tais transformações e adaptações levam a acréscimos na hierarquia do sistema que afetam agentes futuros.

Esse princípio de hierarquia é característico de sistemas complexos, pois as condições de emergência e evolução são dependentes das estruturas já presentes, mostrando que a trajetória de seus agentes não é aleatória apesar de não-linear: qualquer fase do sistema depende de seu estado no momento logo anterior, no sentido de haver determinações estruturais que são herdadas pelo sistema e que limitam o quadro de possibilidades evolutivas. O cinema ilustra um pouco disso ao construir seu cânone com base na tradição de técnicas narrativas já muito exploradas pela literatura e pelo teatro, até mesmo desenvolvendo suas releituras em novo meio que traduzem de uma mídia a outra aquela fábula. O mesmo processo existirá na evolução de qualquer gênero literário, pois as formas mais recentes sempre dependerão de uma relação de ancestralidade com outras formas já desenvolvidas no sistema literário. A hierarquia é então sintoma da organização, dada por auto-organização, vinda do próprio processo evolutivo com o fluxo do tempo em sua irreversibilidade.

A **auto-organização** refere-se ao princípio que permite aos sistemas complexos alcançarem repetições de padrões que os dotam de equilíbrio e coerência internos. Trata-se do princípio que traz unidade a um sistema complexo onde quer que ele esteja, qual seja o tempo em que ele estiver sendo considerado; é o que permite que o identifiquemos como um mesmo sistema ainda que com o passar de várias transformações. Mesmo que diversos eventos históricos exijam adaptações, mesmo que muitas décadas passem, importantes partidos políticos mantêm uma estrutura comum que responde ao seu meio e age sobre seu meio em uma dinâmica recircular. O partido democrata nos Estados Unidos da América lutou no período da Guerra Civil em meados do século XIX pela manutenção do regime de escravidão de negros no sul e, correntemente, trata-se do partido que mais se coloca em favor dos direitos sociais de negros estadunidenses. O que pode parecer contraditório a um público mais distante dessas questões, como é o nosso caso, na história do partido explica-se pelas reações de seus integrantes a vários debates no campo político, justificando-se historicamente, e por isso podemos chamá-lo pelo mesmo nome e identificá-lo como o mesmo agente, apesar de os posicionamentos contrários a conquistas de direitos da população negra terem se transformado em seu oposto contemporaneamente. O próprio sistema político como um todo mostra-se equipado para encontrar um ponto ótimo em sua ordem, isto é, um ponto de eficiência máxima; há autorregulamentação, há movimento em seu equilíbrio. Mas que fique claro, contudo, que os sistemas complexos não são isolados de seu exterior, pois em seu processo de constituição mantêm formas de comunicação entre seus lados de dentro e de fora – qualquer sistema político que se desligasse completamente da realidade exterior teria sido extinto. O que temos é uma tendência do sistema a realizar ajustes de rota que garantem sua organização ao longo do tempo. O trabalho de Hansen é metacrítico em partes porque o trabalho de vários colegas do pesquisador foi de atualizar a obra gregoriana segundo critérios da época, uma amostra de como o sistema segue dando respostas próprias a estímulos internos e externos simultaneamente – a crítica de Hansen a uma apropriação indevida da obra de Gregório de Matos é mais uma das respostas do sistema que mantêm a autorregulamentação e equilíbrio dinâmico.

Sistemas complexos são portanto sistemas que apresentam todos estes

princípios em funcionamento simultâneo: **emergência**, **não-linearidade**, **evolução** (implicados aí adaptação, adaptabilidade, inovacionismo e um certo entendimento da ideia de equilíbrio), **hierarquia** e **auto-organização**. Entender em que consistem esses princípios dão-nos os subsídios para entender o que é um sistema complexo. Note-se que todos os princípios são interligados, existem em relações de co-dependência, de forma que até mesmo delinear claramente onde acaba a ação de um princípio e o começo de outro não é muito claro. Cremos que isso seja resultado do tipo de relação que temos de enxergar entre todos, uma relação em que isolar as partes não é adequadamente descrever o todo. Para auxiliar na construção de uma imagem de sistema complexo vamos discutir a seguir de que forma os princípios que discutimos podem ser encontrados no sistema literário.

Uma boa forma de pensar sistemas literários à luz dos estudos de complexidade é talvez refazer o percurso pelo qual eu mesmo passei em minha pesquisa: começar pelo sistema literário de Antonio Candido. Se entendermos o sistema literário como um sistema complexo, encontraremos todos os princípios que discutimos até aqui em funcionamento no sistema literário brasileiro e poderemos, em um novo tempo-espaco e com um novo espírito teórico, pensar sistemas literários de outra maneira.

Antonio Candido (2012 [1959]) identificou no Brasil um sistema literário que começou por manifestações literárias no período colonial, configurou-se ao longo do século XVIII e apenas no século XIX está realmente constituído sobre o tripé dinâmico autor-obra-público – e também tradição, como posteriormente acrescenta Candido (2015 [1997]). A partir da proposta indicada, empenhemo-nos em passar para a perspectiva de sistema literário como sistema complexo.

O sistema literário é um sistema que apresenta emergência. O sistema literário será sensível a todos os seus componentes, como autores, críticos, leitores e demais agentes que o integram (os mesmos de Candido e mais outros). Obras literárias, a título de exemplo, emergirão em seu interior e serão como características novas do sistema, como um animal que sofre mutações e junta-se ao *pool* de animais em seu meio. Sejam essas obras pequenas ou grandes inovações, elas fazem parte do processo evolutivo do sistema, ou seja, entram em circulação para a apreciação de críticos e leitores. A literatura responde a toda uma conjuntura,

incluindo dinâmicas internas (do sistema literário em si) e externas (de outros sistemas sociais acoplados), que não podem ser discriminadas facilmente. Um novo romance será uma reação a um estado de coisas na esfera política da sociedade (diferentes sistemas complexos se sobrepõem), mas também uma reação pessoal do autor a um contexto mais próximo, mais experiencial, e também uma reação a outras esferas diversas: episódios históricos, convenções elaboradas ao longo da história na literatura, imaginários de personagens e de lugares, outros autores e suas obras, nichos de leitura contemporâneos, valores críticos em circulação, as condições de publicação, o contexto econômico... O sistema literário é um sistema social junto a outros e a eles acoplado.

Um sistema literário já bem **auto-organizado**, como o caso brasileiro, está representado nas dinâmicas do mercado editorial, na esfera comunicativa da mídia, na academia e seus críticos especializados, e no sistema educacional. Uma obra de grande sucesso em vendas terá demonstrado um bom nível de **adaptação** dentro do sistema e seu sucesso não deixa de ser um sinal de que o sistema literário está também bem adaptado ao seu meio, a sociedade de uma forma mais geral. O mercado editorial é composto de diversos setores, incluindo setores que nada têm a ver com a literatura em si, como os setores financeiros, mas também setores de captação de originais, agenciamento, revisão e tradução – o sucesso de um livro é o fruto da aposta e do trabalho de diversos profissionais e suas interações. Autores e obras **emergirão** em meio a uma trama de gostos de agentes e editores, preferências de revisores e tradutores, e inclusive a execução de uma boa campanha publicitária – é o modelo da bola de bilhar de Holland. Tendências do mercado influenciam a tudo isso, então a sociedade em um amplo sentido está presente na emergência e adaptabilidade.

Os meios de comunicação em massa, um sistema social eles mesmos, também interagem com o sistema literário. Há, obviamente, trajetórias próprios de comunicação do sistema literário – como os periódicos especializados, os encontros de pesquisadores e críticos etc., mas por vezes uma obra repercutirá mais ou menos a depender do destaque que os grandes veículos lhe derem. Dificilmente uma obra literária receberá tanta atenção – a mídia hoje volve-se para o mais chocante na política e outras esferas –, mas por vezes o enfoque que um ou outro

longa-metragem recebe acaba por, digamos, respingar em um livro de literatura. O sistema literário brasileiro recebe muitas traduções de outras línguas (“a introdução de espécies exóticas”, como diríamos usando o vocabulário da biologia para falar desse **processo evolutivo**), especialmente a inglesa, e muitas vezes o lançamento da obra fílmica significará um aumento de vendas da obra literária que a embasou (e mais raramente que nasceu a partir da obra de cinema). Tratam-se de casos bastante ligados ao mercado editorial que se orienta por grandes volumes de vendas (sua interpretação de uma obra com boa **adaptação** ao meio), mas a crítica especializada não está imune de seus efeitos.

A academia, dentro de uma tradição vinda do modernismo, está muita atenta à **inovação**. Para essa comunidade do sistema literário, a adaptação de uma obra dar-se-á por outros critérios, dentre os quais estão a sua complexidade, intertextualidade e **inovação** formal. Atualmente algumas das obras mais bem **adaptadas** conseguem atender as comunidades especializada e não-especializada simultaneamente – como faz um Daniel Galera, bem recebido pela crítica especializada e também por leitores mais casuais. A perspectiva acadêmica universitária é em boa medida reproduzida nos níveis acadêmicos inferiores, isto é, no sistema de educação básica nacional. A tradição escolar recomenda o estudo cronológico das escolas literárias, método que busca reconstituir a **hierarquia** do cânone literário – a maneira pela qual um Camões deu as bases para um Antônio Vieira que foi sucedido por um Tomás Antônio Gonzaga, e assim por diante. Obras literárias emergem a partir de condições anteriores do sistema, razão pela qual vemos o princípio de hierarquia nas formas literárias, por exemplo. Os grandes gêneros que estudamos atualmente – estamos pensando aqui em poesia, teatro e prosa – surgiram a partir de acréscimos em realizações entre uma e outra obra e alcançando momentos de virada, começando com a poesia e complexificando-se em outros gêneros, multiplicando “sub-gêneros”.

E somente para aqueles que prosseguirão para os estudos superiores em Letras ficará claro que **não** há tanta **linearidade** na sucessão dos grandes autores do cânone quanto se pensa olhando à distância. O processo de complexificação não pode ser separado do processo de desenvolvimento de um espaço em sociedade para a literatura, em um primeiro momento não tão destacado, mas

gradualmente mais independente e cristalizado. A literatura evoluiu, complexificou-se e organizou-se de determinadas formas – os agentes que identificamos como críticos são indivíduos em sociedade que especializam-se em ler e analisar obras literárias para então reportar ao restante da sociedade suas colocações –, então vemos que houve uma auto-organização, uma tendência do sistema em encontrar formas próprias de organizar suas instâncias. Em um sistema como descrevemos não há espaço para uma linearidade que explique a forma com que determinada obra foi escrita ou o sucesso de vendas que porventura alcançou ou a existência de um profissional especializado que a analisasse: estamos lidando com um sistema complexo, com todos os princípios que discutimos ao mesmo tempo.

Encerradas as primeiras aproximações aos sistemas complexos, chega o fim do capítulo 1 e começaremos o capítulo 2. Depois de apresentarmos considerações históricas que localizassem nosso trabalho em um movimento epistemológico da ciência e de fazermos a exploração inicial de o que seriam e como funcionariam os sistemas complexos, podemos desenvolver uma discussão mais aprofundada das propostas que o campo de estudos de complexidade introduz para os estudos literários.

2. CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS DOS ESTUDOS DE COMPLEXIDADE PARA OS ESTUDOS LITERÁRIOS

Como previamente mencionado no começo do capítulo 1, o trabalho de estado da arte em estudos de complexidade e ciências sociais servirá como a espinha dorsal que orienta e fundamenta esta pesquisa. Nossa opção por essa tendência de pesquisa se deu tendo em mente que a tarefa de construir um diálogo entre os estudos literários e os estudos de complexidade seria difícil pela falta de trabalhos já desenvolvidos que nos servissem de base. Até onde sabemos não há outros trabalhos propondo esse debate, então é necessário que nos apoiemos em trabalhos de áreas afins, como a área de ciências sociais, e a partir desse ponto façamos uma aproximação. Outro motivo central é a limitação de tempo e mesmo fôlego que o período de mestrado imprime sobre o autor: construir por completo uma visão própria de como seria feita a ponte entre a bibliografia nas ciências naturais e nos estudos literários não é um trabalho passível de se desenvolver em apenas dois anos ainda no começo da trajetória de um pesquisador. Por essas razões principalmente é que escolhemos autores que apresentassem uma proposta bem articulada, próxima de nossa área e com grande potencial para disparar novos debates. Tendo em mente nossos propósitos, Byrne e Callaghan (2014) prestam todo o aporte necessário.

O desenvolvimento da discussão teórico-metodológica demanda que mantenhamos em mente os conceitos do quadro de referência da complexidade e, ao mesmo tempo, as tarefas que caracterizam um trabalho científico. Byrne e Callaghan oferecem-nos um ponto de partida para o debate que estamos propondo, pois apontam quais são as três tarefas fundamentais de qualquer ciência:

"[...] As quais são:

- Definição – definir a natureza e a forma das coisas reais que são de nosso interesse.
- Descrição – apresentar relatos das características das coisas de nosso interesse.
- Tendência – por meio deste não tão novo neologismo, referimo-nos a apresentação de relatos de como as coisas de nosso interesse passam

pele tempo, como elas mudam ou mantêm-se iguais. Isso quer dizer que estamos interessados em suas trajetórias. Tendências requerem uma descrição de como entidades mudam através do tempo e/ou espaço. Estamos usando a palavra aqui para o processo de descrição científica da mudança ou estabilidade. Tendência é o que fazemos quando mapeamos as trajetórias de sistemas complexos. Quando registramos tendências, construímos narrativas. Contamos as histórias de como as coisas vieram a ser o que são, como permanecem da maneira que estão, e – fazendo projeções para o futuro – como elas podem vir a ser diferentes daquilo que são ”⁹ (2014: 154)

A partir desses três esforços para qualquer ciência, lançamos a discussão de como a área de estudos literários pode realizar pesquisas dentro do quadro referencial da complexidade. A metodologia será elaborada em subcapítulos referentes à “definição” (2.2), “descrição” (2.3) e “trajetórias e tendência” (2.4), correspondendo às três tarefas recomendadas por Byrne e Callaghan. Antes desta discussão de cada tarefa de estabelecimento de uma ciência, indicaremos as fundamentações teóricas que usamos no quadro de referência de complexidade, para então refletirmos sobre os pressupostos teórico-metodológicos que queremos propor. Quando apresentadas as fundamentações teóricas e a proposta de discussão teórico-metodológica, estaremos prontos para usá-las na leitura que faremos do trabalho de pesquisa de Pierpont (2015) e a carreira de Philip Roth.

Para dar a partida para este capítulo trazemos uma citação no intento de fazer um resumo das discussões sobre os estudos de complexidade que desenvolvemos no capítulo 1 e criar uma ponte que faça a ligação com o capítulo 2:

"[...] estamos lidando com coisas que são simultaneamente reais e construídas, que são realidades difusas com propriedades complexas, que têm um elemento holístico enquanto constituídas por configurações complexas, que são interseccionadas pelos seus meios com membranas que não são aquilo que rompe, mas sim que forma o campo de

9 "[...] These are:

- Definition - defining the nature and form of the real things which are of interest to us.
- Description - presenting accounts of the characteristics of the things of interest to us.
- Trending - by this not quite neologism we mean presenting accounts of how the things of interest to us pass through time, how they change or stay the same. That is to say we are interested in their trajectories. Trending requires a description of how entities change through space and/or time. We are using the word here for the process of the scientific description of change or stability. Trending is what we do when we map the trajectories of complex systems. When we trend we construct narratives. We tell the stories of how things have come to be what they are, how they stay as they are, and – projecting into the future – how they might come to be different from what they are"

intercomunicação"¹⁰ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 155).

Lembremos que os princípios de hierarquia e adaptabilidade dos sistemas complexos fazem deles "reais e construídos" ao mesmo tempo, pois dependentes das estruturas herdadas, mas também agentes que interagem com essas estruturas, adaptam-se a elas e as informam de maneira a afetar sua evolução. A partir dos elementos que os integram e pelo princípio de emergência, os sistemas complexos são formados dentro de "membranas", que não são "aquilo que rompem mas sim que formam o campo de intercomunicação", fruto do princípio de auto-organização dos sistemas complexos. Essa configuração não-linear que é natural aos sistemas complexos brindam-lhes com "realidades *fuzzy* com propriedades complexas que têm elementos holísticos".

Um novo paradigma é um desafio, mas é também um caminho para os grandes problemas que nos aguardam. Da abordagem dos estudos de complexidade, de acordo com Holland (2014: 48), dependem as soluções de vários problemas do século XXI, como "melhorar o sistema imunológico, fazer ecossistemas sustentáveis, regularizar o comércio global, curar transtornos mentais, encorajar inovações"¹¹, entre outros. Corroborando com essa apresentação, nos posicionamos como proponentes no debate teórico-metodológico dos estudos literários dentro da abordagem de estudos de complexidade.

2.1 FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICAS PARA O QUADRO DE COMPLEXIDADE

Neste subcapítulo avançaremos sobre três fundamentações teóricas para o trabalho das ciências sociais e humanas dentro do quadro de referência da complexidade. São eles a teoria evolucionária (2.1.1), um aporte teórico para lidar

10 "[...] we are dealing with things that are both real and constructed, that are fuzzy realities with complex properties, that have a holistic element whilst being constituted from complex configurations, that are intersected with their environment with boundaries being not the things that cut off but rather the domain of intercommunication"

11 "enhancing the immune system, making ecosystems sustainable, regularizing global trade, curing mental disorders, encouraging innovation"

com as tensões agência-estrutura (2.1.2) e, por fim, os conceitos centrais para trabalhar com as dimensões de tempo e espaço (2.1.3).

2.1.1 Teoria evolucionária

A teoria da complexidade tem em seus primórdios pesquisas no fim do século XIX feitas para responder à teoria da evolução. *A Origem das Espécies* foi publicada em 1859, escrita pelo já à época respeitado cientista inglês Charles Darwin, e fazia parte de um corpo de trabalhos que propunham a evolução biológica em um contexto de ainda forte censura religiosa. A teoria evolucionária que naquele livro foi proposta veio a ganhar grande adesão apenas no século XX para então ocupar a base dos estudos em ciências biológicas. Seus pressupostos aos poucos migraram para outras áreas do conhecimento e atualmente ela apresenta-se como uma opção de base comum entre disciplinas. A evolução é um princípio importante do funcionamento de sistemas complexos, como apresentamos em 1.2, no entanto há outros pontos de contato que fazem dela uma fundamentação importante, como discutiremos a seguir.

A teoria evolucionária é um fundamento da teoria da complexidade. Quando Darwin fez sua viagem e analisou espécies de diferentes lugares, a realidade complexa que ele encontrou não cabia facilmente em conceitos da época. O paradigma da física (e da ciência de uma forma mais geral) na época era a newtoniana e, portanto, concebia o mundo de forma bastante mecânica, procurando por claras relações de causa e efeito. Mas como as espécies que Darwin encontrou encaixariam nessa mecanicidade? Não estamos dizendo que esta era uma preocupação consciente do cientista, mas tendo em conta o paradigma científico da época podemos entender como as observações que Darwin fazia não seriam capazes de levá-lo a explicações lineares para a diversidade de espécies que ele encontrou. Suas observações apontavam tendências gerais entre espécies, semelhanças e diferenças, e o ajudavam a descrevê-las, mostrando a lógica da seleção natural com grande riqueza de dados (muitas espécies diferentes, meios diferentes etc.). Darwin pode ter tido suas inseguranças, mas publicou um livro que

trazia uma visão diferente, uma visão que partia dos casos específicos para alcançar uma descrição de sua história evolutiva pelo método de retrodução. O conceito de retrodução entra como o método para se abordar o empreendimento científico: "Queremos sugerir que teorias evolucionárias podem, com emendas, incluir explicações retrodutivas para mudanças de sistemas que paralelam a abordagem de Darwin para o raciocínio científico."¹² (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 106). Os elementos causais, algo a se buscar em um paradigma mecanicista como era o da época, não eram visíveis para muitos dos processos evolutivos que Darwin encontrou. O paradigma científico demandava que a teoria realizasse previsões, mas como saber para onde iriam as espécies agora? É difícil dizer. Melhor era tratar apenas de sua possível origem. Como cientistas, pode-se a partir da teoria evolucionária começar a pesquisa com a realidade que se vive e a estudar para então entender como as coisas vieram a ser, seu percurso de antes até aqui, sem a necessidade de obter dados que subsidiem previsões de comportamento futuro.

Byrne e Callaghan afirmam que é possível identificar "[...] a gênese de ideias evolucionárias na teoria biológica e na teoria social originando em um discurso compartilhado [...]"¹³ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 105), indicando que houve uma base comum entre as ideias evolucionárias na biologia e na teoria social e que do ponto de vista teórico-metodológico houve trocas entre os pesquisadores dos dois campos. Isso nos sinaliza a possibilidade de manter o diálogo e a fundamentação na teoria evolucionária interdisciplinar para nossa metodologia também. Os autores aproximam a teoria evolucionária das ciências sociais e da complexidade fazendo também uma comparação: "[...] a biologia evolucionária compartilha muito mais com a teoria social do que com a física newtoniana"¹⁴ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 81). Uma das formas pelas quais vemos essa proximidade com as ciências sociais se constrói sobre o trabalho de Spencer. Ele desdobra a teoria evolucionária em uma teoria que toma sistemas, o que, conforme veremos adiante, conforma os sistemas complexos dentro do escopo teórico evolucionário: "Spencer estabeleceu a

12 "We want to suggest that evolutionary theories can, with amendment, include retroductive explanation of systems change which parallels Darwin's approach to scientific reasoning."

13 "[...] the genesis of evolutionary ideas in biological and social theory, originating in a shared discourse [...]"

14 "[...] evolutionary biology shares much more with social theory than it shares with Newtonian physics"

evolução como um processo que envolve a sociedade como um sistema. Inclusive foi Spencer, e não Darwin, que introduziu essa maneira de conceber a mudança evolucionária ¹⁵ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 92). Além disso, foi Spencer quem cunhou o termo “survival of the fittest” (“sobrevivência do mais adaptado”) em 1864 (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 87), dando margem para que a teoria fosse popularizada (nem sempre em adequada acepção...) e para que a questão da adaptabilidade viesse à tona, relacionando os sistemas com seu exterior.

Ainda sobre essa aproximação, vemos que

"As contiguidades com a ontologia da complexidade são evidentes e se estendem mais além ao implicarem uma abordagem para o conhecimento que não considera a incapacidade de fazer previsões como uma falha da teoria. A biologia evolucionária como uma explicação baseada em mecanismos causais contingentes busca enquadrar a evidência em vez de prever."¹⁶ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 82)

Portanto, a teoria evolucionária está mais próxima das ciências sociais do que da tradicional física newtoniana, posto que desenvolveram-se em diálogo a respeito de processos evolutivos. A citação acima tem também a função de levantar a relevância que há na troca do objetivo de prever para o objetivo de descrever. Não se trata de uma mudança radical na metodologia em si, mas é bastante importante do ponto de vista da orientação da pesquisa e da justificação social do campo científico. Os estudos literários nesta chave teórica tratarão de "enquadrar a evidência", no caso as obras literárias e demais agentes do sistema literário complexo, "em vez de prever" ou ainda ditar os desenvolvimentos seguintes. Discutiremos mais acerca da retrodução no subcapítulo 2.2.

Um último ponto que gostaríamos de levantar é a interação entre sistemas. Como indicado anteriormente, Spencer colocou sistemas na posição de objeto observado na teoria evolucionária. Nesse âmbito, como reportado por Byrne e Callaghan, Carneiro é a referência para se pensar em sistemas agindo sobre outros sistemas:

15 "Spencer established evolution as a process which involved society as a system. Indeed it was Spencer, rather than Darwin, who introduced this way of conceiving of evolutionary change"

16 "[t]he continuities with a complexity ontology are evident and extend further in implying an approach to knowing that does not regard an inability to predict as a failure of theory. Evolutionary biology as an explanation based on contingent causal mechanisms seeks to frame evidence rather than predict."

"Usamos a análise de Spencer feita por Carneiro¹⁷ para apoiar uma interpretação de sistemas sociais como conjuntos dinâmicos interagindo com seu meio ambiente, incluindo outros sistemas. Em tais explicações a noção de que poderia haver qualquer fim para a evolução é claramente inapropriada pois assumir um ponto de adaptação total implicaria um meio constante"¹⁸ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 105)

Essa última colocação é importante quando consideramos que em estudos de sistemas temos grandes nomes, como Luhmann, para os quais o sistema tem uma relação mais limitada com o mundo exterior a si. "[Luhmann] desenvolve seu relato de sistemas sociais autopoieticos como sistemas complexos autorreferenciais que se reproduzem através de comunicação"¹⁹ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 97), portanto não desenvolvendo uma discussão que lança luzes tão habilmente sobre a evolução do sistema em termos de adaptabilidade com relação ao seu ambiente, como faz Carneiro.

Alguns dos problemas decorrentes da visão de Luhmann seriam que, para ele, a autopoiesis ocorre inteiramente pela comunicação e o que se tradicionalmente se conhece como 'agente' não é tão relevante (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 98); porém isto parece-nos um enfoque na dimensão comunicativa que deixa de abranger outras trocas. Luhmann entende que há autonomia no sistema social das artes, como é o caso do sistema literário – "a evolução de um espaço separado, específico de arte, na sociedade é ocasionado pelo fato de que a obra de arte demanda decisões referentes ao que se encaixa (é belo) ou não se encaixa (é feio), para os quais *não há orientação externa*"²⁰ (LUHMANN, 2000: 228) –, mas sua discussão da evolução desse sistema parece dar-lhe autonomia *demais* quando o que vemos é uma autonomia ainda *relativa*. Há também a colocação de Byrne e

17 Carneiro, R. L. Structure, function, and equilibrium in the evolutionism of Herbert Spencer. *Journal of Anthropological Research*, v. 29, p. 77-95, 1973.

18 "We used Carneiro's analysis of Spencer to support an interpretation of social systems as dynamic wholes interacting with their environments, including other systems. In such explanations the notion that there could be any completion to evolution is clearly inappropriate in assuming a point of ultimate fitness which implies an unchanging environment"

19 "[Luhmann] develops his account of autopoietic social systems as complex self-referential systems that reproduce themselves through communication"

20 "The evolution of a separate, art-specific domain within society is occasioned by the fact that the artwork demands decisions concerning what fits (is beautiful) or does not fit (is ugly), for which there is *no external orientation*"

Callaghan de que o trabalho de Luhmann é uma teoria que não lida diretamente com relações de poder e que é demasiado abstrata (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 98). Tal análise estaria negando aspectos de agência em sistemas sociais, uma inconsistência com a complexidade e seus princípios, como emergência e evolução que fazem sistemas complexos dependerem das ações de agentes em sua trajetória. Para o nosso entendimento da evolução em quadros de complexidade, o sistema interage com os sistemas internos e externos a ele e nesse processo ocorre a adaptação necessária para a sobrevivência do agente sob consideração – é mais do que somente um processo interno.

Neste subcapítulo discutimos como a teoria evolucionária dá importantes bases para os estudos de complexidade, como os conceitos de retroação, e os procedimentos teórico-metodológicos de se ter o objeto de estudo como sistema e o ambiente contendo outros sistemas a interagir entre si e com o sistema em questão. A seguir acomodaremos o debate entre as forças da agência e da estrutura em sistemas sociais complexos, como é o caso do sistema literário também.

2.1.2 Agência e estrutura

A discussão com relação a agência provocada pela proposição de Carneiro nos leva ao clássico debate entre agência e estrutura nas ciências sociais e humanas. A questão coloca-se nos seguintes termos:

"Historicamente a disciplina [a sociologia] foi dividida entre aqueles que interpretavam o mundo em termos de estruturas que criam regularidades em uma perspectiva funcionalista normativa, e aqueles que viam o mundo surgindo da ação de agentes individuais. Enquanto o primeiro grupo desafiava a perspectiva de ação pela sua incapacidade de explicar continuidades, o segundo grupo acusava seus oponentes de reificarem o que eram, em essência, as práticas de seres humanos ao longo do tempo"²¹ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 108)

21 "Historically the discipline had been split into those who interpreted the world in terms of the structures that created regularities, in a normative functionalist account, and those who saw the world as springing from the action of individual agents. While the former challenged the action account for its inability to explain continuity, the latter charged their opponents with reifying what were, in essence, the practices of human beings over time"

De um lado há aqueles modelos que caracterizam a sociedade como se ela fosse movida por grandes estruturas superiores aos indivíduos e determinantes de suas ações, o que implicaria nas regularidades que vemos (ex.: a teoria althusseriana que abre pouco espaço para a ação individual). Do outro lado temos aqueles modelos que atribuem a indivíduos poder para mudar seu curso de ação e promover mudanças em seu meio (ex.: a tradição racionalista que a partir da universalidade da razão humana pressupõem a existência da agência). Os debates que existem entre os dois grupos que delineamos giram em torno de aspectos como a falta de explicação para como as sociedades mudam se são tão determinadas por estruturas ou como poderia ser a sociedade composta pelas ações do indivíduo e apresentar tamanha coincidência ao longo do tempo.

Para dar a esse impasse entre agência e estrutura uma resposta na teoria da complexidade, Byrne e Callaghan lançam mão de uma série de conceitos trazidos dos trabalhos de Bourdieu e Archer, os dois principais autores aqui e ambos compatíveis com os estudos de complexidade. Bourdieu é interessante, por exemplo, porque, por mais que análises sejam sempre reducionistas, ele aponta para modelos recursivos entre estruturas e posições incorporadas por indivíduos, então seus modelos teóricos permitem descrever interações entre as diferentes partes do sistema, como se espera para que a emergência seja suscitada, requisito para o trabalho com complexidade. Ademais há claras concordâncias entre o trabalho de Bourdieu e o realismo crítico (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 112), sendo esse chamado "realismo crítico", por sua vez, a teoria desenvolvida por Archer com base no trabalho de Bhaskar. Assim, temos compatibilidade teórica entre os trabalhos de Bourdieu, Archer e as pretensões de Byrne e Callaghan (e nossas) para a teoria da complexidade.

Começamos pela teoria de Bourdieu, seguindo Byrne e Callaghan. A estrutura (*structure*) em Bourdieu será entendida a partir do princípio de que as estruturas não são externas, mas incorporadas pelos atores, o que quebra a dicotomia que se estabelece muitas vezes entre o coletivo e o indivíduo – o indivíduo incorpora as estruturas do coletivo, internalizando algo que se considera externo. Para Bourdieu, “relações estrutura-agência envolvem tanto atores atuais quanto atores passados, dos quais ações tornaram-se sedimentadas em

estruturas"²² (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 111), de forma que a estrutura nasce da reprodução sucessiva de atitudes dos indivíduos, ligando os dois polos da relação. Mas existem ainda outros conceitos do autor que nos ajudam a enxergar as formas pelas quais estrutura e indivíduo estão ligados.

A formulação base para a ideia de ação (*action*) será que "a ação compreende tanto a reflexividade da agência quanto os elementos reproducentes e não-reflexivos que são consistentes com o contexto estrutural"²³, então vemos aqui como Bourdieu faz para diminuir a distância entre a agência (*agency*) e a estrutura (*structure*) por meio do conceito de ação, visto que a estrutura se vê incorporada na ação, assim como a agência. Tarefa similar executam os conceitos bourdieuanos centrais de *habitus* e campo (*field*). Aceitamos o pressuposto de que "[...] *habitus* é parte da ação mais do que da agência e campos abrangem relações estruturais sedimentadas no passado (ações de atores há muito mortos, tanto individuais quanto coletivos) e também as atuais"²⁴ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 113), sendo *habitus* a incorporação de estruturas pelo indivíduo, como comentamos anteriormente, e campo um conceito que media o indivíduo dentro das relações estruturais no tempo.

Abaixo trazemos uma citação de Bourdieu para maiores detalhes:

"A cada classe de posições corresponde uma classe de *habitus* (ou de *gostos*) produzidos pelos condicionamentos sociais associados à condição correspondente e, pela intermediação desses *habitus* e de suas capacidades geradoras, um conjunto sistemático de bens e de propriedades, vinculadas entre si por uma afinidade de estilo" (BOURDIEU, 1996: 21).

Habitus faria parte da ação, porém diferentemente da agência, seria aquilo que é pré-consciente e sequer desejado individualmente, mas orientações absorvidas para a ação de reproduzir o mundo. O campo justifica-se porque ele "toma uma considerável importância explanatória não como estrutura, mas como um

22 "[s]tructure-agency relationships involve both current and past actors, whose actions have become sedimented into structures"

23 "[a]ction comprehends both the reflexivity of agency and the non-reflexive, reproductive elements that are consistent with the structural context"

24 "[...] *habitus* is part of action rather than agency, and fields comprise both the structural relations sedimented from the past (actors long dead both individual and collective) and those current"

‘espaço social’ produzido por atores e não auto-producente. Campos são ‘sistemas de relações que são independentes da população que tais relações definem’²⁵ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 116), o que nos habilita a discutir conflitos entre tendências estruturais em vez de conceber estruturas como se fossem absolutas e apenas pairassem sobre os indivíduos. Para nossos interesses em discutir sistemas complexos esses pontos serão relevantes, visto que nos assistem a escapar de categorias rígidas que não permitam um trabalho de níveis interagentes nem a navegação entre diferentes níveis de enfoque.

Podemos visualizar a relação entre os cinco conceitos como uma progressão entre os polos de indivíduo e coletivo. No extremo do indivíduo o primeiro conceito é a agência, sua iniciativa individual, seguida pela ação, o conceito que media a agência e o *habitus*. O *habitus*, por sua vez, traz as características da estrutura, como suas regularidades, para dentro do indivíduo, influenciando sua ação juntamente com a agência. O conceito de *habitus* facilita nosso entendimento acerca da suscetibilidade de certos indivíduos e não outros aos padrões de comportamento em um certo grupo, por exemplo, porque dão nome ao tipo específico de internalização de estrutura que um indivíduo opera. A ação é movida pelos vetores da agência e do *habitus*, e substitui aquilo que muitas vezes seria a agência em outras perspectivas, trazendo nuances importantes para as tensões entre agência e estrutura. A ação molda e reage ao campo, as relações estruturais entre indivíduos do passado e presente, entre aquilo que foi reproduzido e aquilo que é novo, o que é mais estrutural e aquilo que é mais agencial. A estrutura é o outro extremo, o outro polo, conectado pelo campo ao que chamamos de ação. Temos então: Indivíduo – agência – ação – *habitus* – campo – estrutura – coletivo.

Conceber as tensões entre agência e estrutura nesses termos parece-nos ser um avanço em direção ao tipo de descrição que faremos de sistemas complexos. Sistemas complexos exigem um maior detalhamento das redes de interações que fazem um certo estado de coisas possível e, por isso, é importante que façamos como Bourdieu e mediemos mais cuidadosamente as influências entre diferentes instâncias da sociedade. Mais acerca disso no capítulo 2.

25 “[t]akes on a considerable explanatory importance not as structure, but rather as a ‘social space’ produced by actors rather than being self-producing. Fields are ‘systems of relations which are independent of the population these relations define’”

Bourdieu, além dos conceitos valiosos que fornece, também tem outros motivos para ser trazido para a discussão de complexidade. Como indicado previamente por Byrne e Callaghan (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 117), existem três razões chave para trabalhar com a teoria de Bourdieu. Primeiramente, o fato de que o trabalho sob a orientação do teórico francês é sempre um trabalho que propõe o diálogo e não a exposição somente; em segundo lugar, é um trabalho pautado pela pesquisa empírica e vê a teoria pelo seu valor na compreensão dos fatos; por último, fica claro que as explicações têm de ser locais, dando margem para a significação das ações, para a emergência, para a imprevisibilidade da agência. Trata-se de desenvolver modelos de estudo que nos auxiliem em efetivamente olhar para a realidade e enxergar a rede de relações ali existentes, como recebem os estudos de complexidade.

Retornemos ao trabalho de Archer, conforme Byrne e Callaghan o instrumentalizaram. Queremos indicar aqui compatibilidades teóricas entre Archer e Bourdieu e acoplar algumas de suas noções para o nosso trabalho com complexidade.

Os principais conceitos do realismo crítico que Archer desenvolve a partir do trabalho de Bhaskar são a morfogênese (*morphogenesis*) e a reflexividade (*reflexivity*). Primeiramente, a morfogênese: "[...] a morfogênese descreve um processo de mudança no sistema que emerge da interação (em oposição à reprodução da morfoestase) para produzir um mundo que não é planejada nem resultado de determinadas estruturas mestras"²⁶ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 119). A morfogênese é o ponto na esfera social onde ocorre uma mudança no sistema por resultado de interações (que podemos aproximar dos conceitos de ação e campo) e ali temos a emergência, a adaptação e a materialização das tensões entre agência e estrutura. Basicamente, a teoria de Archer envolve as interações entre os grupos sociais culturais (que produzem e circulam ideias) e os grupos sociais estruturais (de diferentes condições materiais): para Archer novas organizações em sociedade, ou morfogêneses, ocorrem quando uma das duas esferas começa a ter grupos sociais dissidentes por influências da outra esfera

26 "[...] morphogenesis describes a process of system change that emerges from interaction (as compared with the reproduction of morphostasis) to produce a world that is neither planned nor a result of determinate master structures"

(dissidentes na esfera cultural por novas condições materiais ou dissidentes na esfera material por novas condições ideacionais). Nas palavras da autora, um exemplo,

“Uma vez que novos grupos de interesses materiais lançam novas ideias e contando que as mantenham, então por definição a unificação cultural anterior é prejudicada. Desse ponto em diante a tradicional reprodução de ideias tem que lidar com a oferta de novas opções. Pelo fato de os grupos de interesses materiais buscarem legitimar o avanço de sua estrutura social, apelando para as novas ideias elaboradas, é que eles necessariamente promovem divisões e seccionalismo no terreno cultural. Aqueles cujo silêncio foi o produto de estratégias de contenção ou aqueles cuja conformidade era causada por uma falta de alternativas podem então tornarem-se uma oposição competitiva ou juntarem-se a novas oportunidades, logo aumentando o conflito Sócio-Cultural para além de seu ímpeto estrutural original e gerar uma dramática Elaboração Cultural. Sem o estímulo estrutural, enraizado na disjunção entre dois campos, essa sequência de elaboração não teria sido disparada, pois faltariam agentes com o poder para promovê-la”²⁷ (ARCHER, 2004: 274)

Entendemos que a morfogênese situa-se no lugar do campo, pensando na progressão entre individual e coletivo, mas, aproximando-se do que é a ação, é um “cabo-de-guerra” entre diferentes impulsos, no caso sendo impulsos estruturais, coletivos. Assim, Archer traz poder explicativo para as interações em grandes escalas dos grupos sociais enquanto ao mesmo tempo faz o mesmo a nível de agentes. O conceito de reflexividade entra em cena ao pensarmos sobre como a morfogênese é capaz de mudar as estruturas estabelecidas, visto que

“A morfogênese ocorre no nível coletivo à medida que grupos se organizam para tomar poder das elites existentes enquanto que no nível individual o processo de elaboração traduz-se em papéis redefinidos. Tanto agentes quanto atores alocam-se em pessoas e aqui temos a centralidade da reflexividade já que, para Archer, seres humanos possuem reflexividade como um poder. Indivíduos desenvolvem identidades pessoais por meio do

27 “Once new material interest groups have unleashed novel ideas and providing that they continue to hold to them, then by definition the old cultural unification of the population has been undermined. Henceforth, the traditional reproduction of ideas has to contend with the new options on offer. Because the material interest groups seek to legitimise their advancement in the social structure, by appeal to the newly elaborated ideas, then they necessarily promote cleavage and sectionalism in the cultural domain. Those whose quietism had been the product of containment strategies and those whose conformity had been due to lack of alternatives may well now leap to competitive opposition or flock to the new opportunities, thus augmenting Socio-Cultural conflict well beyond its original structural impetus and issuing in dramatic Cultural Elaboration. Without the structural stimulus, rooted in the disjunction between the two domains, this elaborative sequence would not have been triggered, for agents with the power to promote it would have been lacking.”

processo reflexivo de um diálogo interno que demonstra nossa habilidade de nos monitorarmos em relação a nossas circunstâncias"²⁸ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 120).

A reflexividade, conceito sem paralelo claro em Bourdieu, será o “diálogo interno” que temos com nós mesmos à medida que podemos “nos monitorarmos em relação a nossas circunstâncias”. Aqui a teoria de Archer guia-nos para entender melhor a agência, especificando como a agência e a ação são determinadas pela reflexividade do indivíduo. Para Archer,

“A história a se contar é sobre a confluência de forças causais – aquelas da realidade externa e a nossa própria que emerge de nossas relações com ela: as duas são, ao fim e ao cabo, mediadas pelo ‘diálogo interno’. É a única história humana que vale ser contada, pois é sobre o poder transcendental dos seres humanos de transformar o mundo social e a si mesmos: que eles podem simultaneamente mudar significados é apenas um capítulo dela”²⁹ (ARCHER, 2004: 315)

Vemos que pela perspectiva de Archer o agente não é um sistema completamente autônomo, pois sua reflexividade é uma “confluência de forças causais” que incluem a “realidade externa”, mas vemos que a autora imprime em seu conceito de reflexividade um grande poder de agência individual e ali radica parte do que faz os seres humanos criaturas únicas. A reflexividade é um conceito diferente dos outros que temos apresentado, sem equivalentes, e é por ele que pretendemos discutir as escolhas feitas por escritores e outros agentes do sistema literário.

Para nós a morfogênese e a reflexividade decidem como o papel da estrutura é mediado pelo diálogo interno (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 121) e, enquanto isso, Bourdieu, por meio do conceito de campo, ajuda-nos a pensar melhor sobre a

28 “[m]orphogenesis takes place at the collective level as groups organize to claim power from existing elites while at the individual level the elaboration process means roles are redefined. Both agents and actors exist within persons and here we come to the centrality of reflexivity as, for Archer, human beings possess reflexivity as a power. Individuals develop personal identity through the reflexive process of an internal conversation which denotes our ability to monitor ourselves in relation to our circumstances”

29 “The story to tell is about the confluence of causal powers – those of external reality, and our own which emerge from our relations with it: the two ultimately being mediated through the ‘internal conversation’. It is the only story really worth telling, for it is about the transcendental power of human beings to transform the social world and themselves: that they can simultaneously change meanings is only one chapter of it”

reprodução em sociedade. Ambos, porém, mantêm suas teorias abertas para a agência e para a estrutura: "[...] a teoria deve ter o status de ferramenta com a qual desenvolver explicações em relação ao empírico. Essa posição, tomada por ambos Bourdieu e Archer, é altamente compatível com as formas de pensar da complexidade"³⁰ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 124).

Entendemos, então, que as teorias de Archer e de Bourdieu apresentam compatibilidade entre si e com a teoria da complexidade. Aqui o pesquisador Elder-Vass é convocado para apontar para o caminho teórico que podemos percorrer, já que segundo ele o diálogo interno de Archer é uma contribuição substancial para complementar a teoria de *habitus* de Bourdieu, dando fundamentação para a emergência da ação (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 125), atualizando a ação ao especificar como a agência está radicada no poder do ser humano de refletir, no conceito de reflexividade de Archer. Elder-Vass funciona para os nossos estudos como a ponte que faltava para ligar os continentes de Bourdieu e Archer em uma fundamentação para os estudos de complexidade.

"Ao apresentar um teoria da ação baseada na emergente relação entre as disposições mantidas em redes neurais (por ele identificadas com o *habitus*) e o processo de decisão mental, reflexivo, de Archer, Elder-Vass³¹ sugere que é possível ver uma co-determinação que indica que um diálogo mais aprofundado é necessário para acomodar os processos co-evolucionários aos quais nos referimos anteriormente [...]"³² (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 126).

Do ponto de vista da estrutura sobre a ação, contamos com o *habitus* de Bourdieu, uma estrutura que aporta a flexibilização de conceber um agente influente; da perspectiva da agência sobre a ação, Archer brinda-nos com o conceito de reflexividade, empoderando o agente, contudo sem deixar de entender que há predisposições estruturais em sua ação. Nossa progressão é atualizada: indivíduo –

30 "[...] theory must have the status of tools with which to develop explanations in relation to the empirical. This position, taken by both Bourdieu and Archer, is highly sympathetic to complexity ways of thinking"

31 Elder-Vass, D. For emergence: refining Archer's account of social structure. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, v. 37, n. 1, p. 25-44, 2007.

32 "Presenting a theory of action based on the emergence relation between dispositions stored in neural networks (which he identifies with *habitus*) and the mental, reflexive decision making process by Archer, Elder-Vass suggests we can see co-determination that suggests a further dialogue is necessary to accommodate the co-evolutionary processes we alluded to [...]"

agência – reflexividade – ação – *habitus* – campo – estrutura – coletivo. Elder-Vass traz a relação de co-evolução, permite a emergência e, dessa forma, constrói a fundamentação que era necessária para pensarmos agência e estrutura na teoria da complexidade. Munidos desses conceitos temos maior segurança em descrever os sistemas literários complexos tanto em sua pré-determinação herdada pelo estado de coisas anterior aos agentes e também como estes são capazes de introduzir novos elementos. Agora como última fundamentação teórica do quadro de complexidade em sistemas complexos sociais e literários teremos o debate sobre as dimensões de tempo e espaço.

2.1.3 Tempo e espaço

Tempo e espaço são dimensões importantes para os estudos de complexidade. Nesta etapa buscaremos compreender de que forma chegamos à conclusão de que as duas dimensões devem ser tratadas sempre conjuntamente, não mais fazendo diferenciação entre elas, mas sim sempre necessariamente referindo-nos ao binômio tempo-espaço.

Como discutido em 2.1.1 (e também em 1.1), o paradigma científico anterior a Darwin e sua teoria evolucionária era firmemente newtoniano. O mundo era visto pelas lentes mecanicistas das cadeias lineares de causa e efeito. Assim como a teoria evolucionária traz atualizações para esse paradigma, nesta seção atualizaremos os conceitos de tempo e espaço sedimentados naquele mesmo espírito teórico – tratar tempo e espaço como unilineares e invariáveis torna-se um problema para o trabalho com sistemas sociais em termos complexos pela forma que a agência deixa de ser constitutiva em ambos naquela perspectiva (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 128) – e cremos ser bastante claro que, como discutido em 2.1.2, não podemos prescindir da agência em estudos dentro do quadro de referência da complexidade. A compreensão newtoniana, no entanto, alimenta muito da mundivisão cultivada pelo senso comum, como é afirmado a seguir:

"Historicamente, o conceito newtoniano de tempo orientou pesquisas de

uma forma irreflexiva porque sua operacionalização como tempo cronológico tornou-se tão dominante nas sociedades industriais ocidentais que ela excluiu outras formas. A perspectiva linear do racionalismo iluminista marcou um desenvolvimento que teve consequências significantes para a epistemologia, separando observadores de seu objeto de estudo e desenvolvendo a ciência reducionista: 'A abstração do contexto, observação objetiva, quantificação de dados advindos dos sentidos, o foco fixado único, a preferência pelo espaço em detrimento do tempo e a associação do 'real' com a visibilidade são suas características inovadoras' (Adam 2003³³: 62)"³⁴ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 139).

Logo, entendemos que o esforço que devemos investir, como feito na discussão sobre a teoria evolucionária e sobre a tensão agência-estrutura, tira-nos do lugar comum e em boa parte também da tradicional perspectiva científica (separação entre sujeito e objeto, "ciência reducionista" etc.), como exemplifica o alinhamento "naturalizado" com o conceito de tempo de relógio, o tempo cronológico (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 139).

O caminho que seguimos é aquele do pareamento do tempo e do espaço, pois é cada vez mais claro que separar tempo e espaço é muito difícil com o desenvolvimento conceitual que temos operado (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 130). Harvey (1989), dentre outros teóricos, colaborou bastante para um novo exame de nossos conceitos de tempo e espaço, primeiro na geografia, mas depois em outras áreas. Byrne e Callaghan comentam que "a virada para o entendimento do espacial como socialmente construído foi a base para um interesse renovado na natureza e importância do espaço e do lugar para produtos e processos sociais, e então de interesse para a geografia do social"³⁵ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 131) – houve um reposicionamento do que é espacial como construído socialmente. A nova compreensão é ainda relacional, pois como uma resposta às mudanças globais, o

33 Adam, B. Reflexive modernization temporalized. *Theory, Culture & Society*, v. 20, n. 2, p. 59-78, 2003.

34 "Historically, the Newtonian concept of time framed research in an unreflexive way because its operationalization as clock time became so dominant in Western industrial societies that it excluded other forms. The linear perspective of Enlightenment rationalization marked a development that had significant consequences for epistemology, separating observers from their subject matter and developing reductionist science: 'Abstraction from context, objective observation, quantification of sense data, the single fixed focus, preference for space over time and the association of the 'real' with visibility are its innovative features' (Adam 2003: 62)"

35 "[t]he shift to understanding the spatial as socially constructed was the basis of renewed interest in the nature and importance of space and place for social outcomes and processes, and hence of interest in geography in the social"

espaço têm sido compreendidos como redes e fluxos relacionais (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 131). Compactuamos dessa revisão da dimensão espacial como socialmente construída e relacional.

As pressões do mundo em que vivemos seguem direcionando a ciência e a academia para antigos debates só que com novos ângulos de exploração. O tempo e espaço seguem sendo conceitos fundamentais, entretanto não é mais possível manter a noção rígida de espaços físicos, de territórios, tendo em conta que a flexibilização da ocupação desses espaços é crescente. Um exemplo que vem à mente é a flexibilização da força de trabalho, agora não mais colhida na região próxima à sede da empresa, algo dentro de uma visão naturalizada de deslocamento do trabalhador; gradualmente os postos de trabalho são ocupados por trabalhadores em outras divisões geográfico-políticas, inclusive de forma virtual pela internet. O entendimento que temos de espaço tem de refletir essas novas relações para a geografia, para as ciências sociais e que afeta também a circulação de obras literárias, por exemplo. Para explorar um pouco mais o debate usamos de uma citação longa:

"Nosso foco recai menos no conteúdo desses debates e mais no tipo de mundo que eles descrevem, movendo-o de um território aparentemente sólido e definido por fronteiras para espaços indefiníveis de redes e relações. [...] Relações interregionais constituídas por forças políticas, sociais, culturais e econômicas impossibilitaram noções simples de economias e identidades regionais. [...] A nova geografia regional buscou trabalhar com escalas, argumentando que espaço e tempo eram constitutivos em vez de passivos/objetivos"³⁶ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 133).

Escalas representarão, portanto, o espaço e o tempo de forma constitutiva, ou seja, influenciando diretamente o desenvolvimento da evolução dos sistemas e intervindo em suas tensões agência-estrutura. Temos que nos mover para uma compreensão de limites tempo-espaciais nova, como reportam Byrne e Callaghan

36 "Our focus is less on the substance of these debates than on the kind of world they describe, moving it seemed from solid, bounded territory to indefinable spaces of networks and relations. [...] Interregional relations constituted by economic, social, cultural and political forces undermined simple notions of regional economies and identities. [...] The new regional geography sought to work with scales, arguing that space and time were constitutive rather than passive/objective"

ao dirigir o texto de Cilliers³⁷: fronteiras não como divisoras, mas como conectoras, como espaços de interpenetração que dificultam a separação entre o lado de fora e o lado de dentro (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 134).

Este "giro relacional", digamos, também se estende sobre o conceito de tempo. Retomamos um autor clássico das ciências sociais, Elias, para começarmos a construir a ponte entre o "mundo newtoniano" e o mundo complexo que entendemos habitar. Elias discutiu a identidade dos indivíduos em seus trabalhos e para ele

"O tempo é redefinido para longe de seu entendimento convencional como objetificado e medido para assumir seu papel essencial, para marcar a capacidade das pessoas de criar relações entre objetos de significação, criando então narrativas. Essas condições nucleares de mudança relativa e ordenamento sequencial são base crucial para a agência humana porque permitem que atores estabeleçam significado e ordem, e para desenvolver a coordenação coletiva que identificamos como essenciais em sociedades diferenciadas."³⁸ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 140)

Basicamente, em nossas pesquisas o tempo tem de tornar-se relacional para que a escala humana de tempo seja tomada como nossa medida de trabalho. Concepções de tempo alheias à escala humana não são capazes de adequadamente representar a dinâmica dos grupos humanos e dar conta da capacidade de agência dos indivíduos. Ao tomar tanto a agência quanto a estrutura como realidades coexistentes e codeterminantes das sociedades humanas, a escolha adequada seria pelo tempo relacional.

O tempo cronológico é então subsumido na compreensão do tempo relacional, mas sem os prejuízos de se ignorar a escala humana. Temos de lembrar que "na sociedade moderna a autorregulação está em toda parte. Não inspirada biologicamente nem metafisicamente, ela responde às demandas sobre o indivíduo que originam-se no mundo social, o qual Elias descreveu como o processo

37 Cilliers, P. Boundaries, hierarchies and networks in complex systems. *International Journal of Innovation Management*, v. 5, n. 2, p. 135-147, 2001.

38 "Timing is redefined away from its conventional understanding as objectified and measured in order to denote its essential role, to mark people's capacity for connecting relations between meaningful objects, thereby creating narrative. These core conditions of relative change and sequential ordering are the crucial basis of human agency because they allow actors to impose meaning and order and to develop the collective co-ordination that we have identified as essential to differentiated societies."

civilizatório"³⁹ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 141), portanto o tempo cronológico pode ser entendido como parte da dinâmica das sociedades humanas, porém sem ser sua medida absoluta.

Observe-se que o já discutido conceito de *habitus* aparece pela primeira vez dentro da obra de Elias. Assim, fica indicado que a fundamentação que construímos com a obra bourdieuana já carrega consigo uma concepção de tempo compatível com a discussão que desenvolvemos aqui. Essa autorregulação (*self-control*) mencionada no parágrafo acima é computada por Elias, pois

"Para explicar o mecanismo pelo qual a autorregulação funciona, Elias usou o conceito de *habitus* para tratar da internalização de normas temporais que permitem a organização da vida social. Estas normas internalizadas garantem a continuidade na reprodução e fazem com que o reconhecimento da descontinuidade, quando ela ocorre, seja administrável [...]"⁴⁰ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 141)

Contudo, não encerramos nossa fundamentação com Elias. Trazemos também as discussões de Luhmann, Weber e, por último, Adam. Luhmann nos parece interessante porque ele informa-nos sobre como no cotidiano do ser humano as noções de passado e futuro são integradas por meio de suas orientações à ação; vemos que a noção de Luhmann poderia integrar nossa noção do tempo como relacional: o foco de Luhmann no presente deixa claro que o passado e o futuro são seleções que fazemos (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 143). A própria pesquisadora Adam comenta que ao reconhecer a importância do tempo linear e também o cíclico, Luhmann teria conceitualizado o tempo em sua constituição em todos os níveis de existência (Adam 1990)⁴¹, como reportam Byrne e Callaghan (2014: 143).

No que se refere a Weber, há um reforço daquilo já exposto por Luhmann porque Weber identificava os atores como orientados ao futuro, agindo em resposta a futuros imaginados (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 144) – o futuro está já no

39 "[i]n modern society self regulation is pervasive. Neither biologically nor metaphysically inspired, it responds to demands on the self that originate in the social world, which Elias described as the civilizing process"

40 "To explain the mechanism by which this self-control operates, Elias used the concept of *habitus* to denote the internalization of temporal norms that allow the organization of social life. These internalized norms ensure continuity in reproduction and make the recognition of discontinuity when change occurs, manageable [...]"

41 Adam, B. Time and social theory. Philadelphia, EUA: Temple University Press, 1990.

horizonte dos agentes no presente. Ficando claro, portanto, que é necessário pensar no tempo para além de sua naturalizada forma linear se quisermos lidar com o impacto do futuro no presente (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 144). São os mesmos esforços na direção de expandir nossa compreensão do conceito de tempo. Adam junta-se aos outros pesquisadores:

"A crítica de Adam acerca do tempo social descreve o campo como um 'caos conceitual'. Desafiando a posição ainda dominante de que todo tempo é tempo social, ela argumenta que o tempo humano e o tempo social devem ser entendidos como parte de um conceito de tempo geral para que seja possível pensar para além da estrutura newtoniana/cartesiana que restringiu a teoria social no passado. O tempo relacional de Elias foi prejudicado pela ciência disciplinar, o que pode apenas ser superado por uma abordagem pós-disciplinar na qual o tempo seja um denominador comum."⁴² (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 144)

Entendemos que é com Adam que há uma virada complexa no entendimento do tempo. Como ocorre com muitos outros pesquisadores de nossa época, há uma alimentação interdisciplinar nas reflexões de Adam que a leva a conclusões interessantes. Vemos que em seu trabalho, Adam sugere uma abordagem em níveis, inspirada na teoria termodinâmica, concebendo que somos, criamos e experienciamos o tempo simultaneamente (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 144). Assim a autora está indicando que comunicações com outras disciplinas (como a física) faz ampliar a compreensão do tempo para uma abordagem de níveis em que o tempo é experienciado não-linearmente (ou seja, passado, presente e futuro são componentes de todo e qualquer momento). Parece-nos claro o eco que Adam faz das discussões de Elias (tempo relacional), Luhmann e Weber (experiência do tempo em níveis simultâneos), porém trazendo novos ingredientes em seus fundamentos. Vemos que também para Adam seu conceito de tempo traz à frente a agência sem deixar de reconhecer a construção do tempo na/pela realidade, em compatibilidade com o trabalho em complexidade (BYRNE; CALLAGHAN, 2014:

42 "Adam's critique of work on social time describes a field of 'conceptual chaos'. Challenging the still dominant position that all time is social time, she argues that human time and social time must be understood as part of all time to enable us to think of time beyond Newtonian/Cartesian structure that has constrained social theory in the past. Elias' relational time was undermined by disciplinary science, which can only be overcome by a post-disciplinary approach in which time is the common denominator."

145), encaixando bem tempo, espaço, agência e complexidade.

O que ainda nos resta desenvolver? Temos com clareza, como anteriormente discutido, que as dimensões de tempo e espaço são apenas custosamente separadas. Tendemos, como outros pesquisadores em estudos de complexidade, a entendê-las como uma mesma dimensão. Há um interessante histórico de reflexões que seguem a mesma linha e com nomes relevantes:

"Tentativas notáveis de desenvolver conceitos de espaço-tempo no trabalho de Giddens (distanciamento espaço-tempo) e Harvey (compressão espaço-tempo) buscaram incorporar essa mútua implicação e muita atenção empírica focou na análise de processos de co-presença alongando-se pelo tempo e espaço que se tornaram possíveis pela economia financeira e pelas tecnologias modernas"⁴³ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 146).

Temos de nos lembrar que, para além da tensão entre agência e estrutura que estamos tentando equilibrar, há outros critérios importantes impostos pelo trabalho com a complexidade, como a teoria evolucionária e a passagem do tempo que ela implica. Anteriormente, mencionamos a dimensão tempo para enfatizar a irreversibilidade dos processos evolutivos em sistemas complexos (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 147), ou seja, o fato de que a evolução dá-se sobre os elementos que passaram por processos evolutivos em momentos anteriores, a partir deles, de forma que é intrínseco à evolução que os passos que foram tomados anteriormente sejam integrados nos passos seguintes de forma irreversível. E ainda: concebemos agentes que trabalham com estruturas em relações recursivas que são iterativamente e não repetitivamente enquadradas (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 147), então olhamos para relações que, mais do que se formarem uma vez e a partir daí se reproduzirem, são constantemente re-atadas – nossa concepção complexa de estruturas ao longo do tempo.

Note-se que finalmente estamos no ponto em que resolvemos diversos nós entre as concepções de tempo e espaço dentro das ciências sociais (e humanas, pois as consideramos compatíveis nesse quesito) e os estudos de complexidade.

43 "Notable attempts to develop space time concepts in the work of Giddens (time space distanciation) and Harvey (time space compression) have sought to incorporate this mutual implication, and much empirical attention has focused on the analysis of processes of co-presence and stretching over time and place made possible by money economies and modern technologies"

Alcançamos a posição na qual conseguimos trabalhar com a emergência, um dos aspectos fundamentais da complexidade, por exemplo. Esse estofo teórico permite-nos conceber estudos desde a escala do escritor e sua produção, passando pela circulação de seu trabalho em sociedade, até o nível em que debatemos as tradições literárias ao longo do tempo com suas inúmeras aquisições formais e temáticas.

Encerramos com uma última citação longa sobre o trabalho de Adam:

"[...] como Adam aponta, 'pesquisadores em sociais interpretam um mundo pré-interpretado', portanto significações devem ser entendidas como práticas de conhecimento para enfatizar a ativa construção do conhecimento e a autoria daqueles construindo-o, em comparação com a distância entre sujeito e objeto na ciência newtoniana. Isto atribui a responsabilidade porque a perspectiva de complexidade nos retira da 'perspectiva de lugar nenhuma'⁴⁴ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 148).

Adam dá-nos uma solução muito boa para a separação clássica entre tempo e espaço, mas temos de levar em conta que a integração entre os dois conceitos também, como faz a complexidade, traz outras mudanças de perspectiva. Talvez a maior está ali posta: temos de ter o pesquisador integrado à pesquisa, temos de "enfatizar a ativa construção do conhecimento e a autoria daqueles construindo-o". Parece-nos que o paradigma newtoniano foi primoroso em romper as interdependências no mundo para empreender análises. Quando trabalhamos no paradigma da complexidade, movemo-nos para o restabelecimento das relações que havíamos suprimido. Mais dessa discussão no subcapítulo 2.3. Agora movemo-nos para 2.2, o começo da discussão teórico-metodológica em quatro enfoques.

2.2 DEFINIÇÃO

44 "[...] as Adam notes, 'social investigators interpret a pre-interpreted world', so meaning must be understood as knowledge practices to emphasize the active construction of knowledge and the authorship of those constructing it, in comparison with the distance between subject and object in Newtonian science. This locates responsibility because a complexity perspective divests us of the 'view for nowhere'"

A área dos estudos literários, desde a conquista de seu espaço dentro da academia, passou por várias correntes de pesquisa desde "uma perspectiva de teor historicista, calcada em princípios científico-causalistas" (COUTINHO, 1996: 67) e passando pelo formalismo russo e *new criticism* de ênfase na forma literária, "uma óptica predominantemente formalista" (COUTINHO, 1996: 68), entre outras variadas correntes posteriores; o campo definiu-se pelo trabalho com a literatura e, mais especificamente, com as literaturas nacionais (BULGER, 2004: 95). A discussão de culturas nacionais convivia com uma prática de avaliação da literatura em termos de sua desejabilidade para a nação e de sua realização estética, o que nos levou às posições prescritivas frente ao corpo literário que se analisa, julgando-lhe o valor de um ponto universalista (COUTINHO, 1996: 68). É essencial refletir sobre como nosso objeto, os sistemas literários complexos, muda a nossa perspectiva em vários desses pontos, portanto redefinindo alguns de seus contornos.

A primazia dada ao texto literário deve continuar, mas é também necessário que em reconhecimento da complexidade do sistema alarguemos nosso escopo para incluir a circulação da literatura em sociedade, incluindo, por exemplo, as relações interartes, as relações de produção, a atmosfera de ideias dos autores, entre outros espaços por vezes considerados, mas não sistematicamente concebidos como parte de nosso objeto de estudo. A visada da complexidade apresenta-se como uma abordagem diferente a integrar o literário em suas manifestações para além das páginas do livro, percorrendo novos circuitos sem a preocupação de se fechar em uma concepção mais restrita do fenômeno literário. Os sistemas literários complexos são também sistemas sociais complexos em uma relação de sistemas aninhados.

Nossa definição de um objeto de estudo literário dentro da epistemologia dos estudos de complexidade trilhará outros caminhos também por seu método de retroação em vez de prescrição (ou avaliação, julgamento). A crítica nesta metodologia perde prioridade em relação ao trabalho descritivo e analítico do sistema literário complexo. Isso ocorre porque os estudos de complexidade estão alinhados com uma postura realista crítica que não prioriza a valoração, mas a ontologia. Esta orientação ao que se apresenta no sistema literário afasta-nos da posição de críticos por um momento e enfatiza nosso trabalho descritivo e analítico,

brindando-nos de novas perspectivas. Uma forma de visualizar os ganhos que nossa metodologia oferece neste sentido é ter em conta que a própria crítica, acadêmica ou não, é concebida como parte do sistema literário complexo nesta metodologia e, ao nos afastarmos do trabalho de crítica, conseguimos nos desprender do grupo e o incluímos em nosso objeto de estudo. Portanto, em comparação com os trabalhos mais tradicionais da área, daremos menos enfoque ao trabalho crítico e mais ao trabalho descritivo e analítico.

Para levar adiante a discussão sobre o método de retrodução mencionado acima, devemos além de focar mais a descrição também devemos absorver a dimensão temporal (e espacial, conforme discussão em 2.1.3). Os estudos literários sempre trabalharam com a dimensão temporal, mas de uma forma diferente daquela que propomos. Tradicionalmente o que se tem em conta em um estudo literário é a história literária e, de forma bastante relevante, uma história de correntes intelectuais e estéticas (classicismo, barroco, romantismo etc.) "como se a criação literária fosse uma caminhada progressiva de causas e efeitos" (BULGER, 2004: 94). Em nossa metodologia será a teoria evolucionária que nos auxiliará a tratar da dimensão espaço-temporal. A apresentação da teoria evolucionária e sua relação com os estudos de complexidade foram incluídas em 2.1.1, então apenas repetiremos que a importância que a evolução tem aqui é como princípio geral de sistemas complexos, como uma meta-disciplina, princípio visível ao tomarmos nota das mudanças qualitativas dos sistemas ao longo do tempo (e espaço) e que o princípio de emergência evita-nos de cair na armadilha da linearidade reducionista de "causas e efeitos".

Estudaremos, portanto, as mudanças pelas quais o sistema literário passou ao longo do tempo, sua evolução, sendo que nosso recorte de estudo pode ser diverso. A possibilidade que investigaremos a título de demonstração metodológica será um estudo centrado em um escritor, Philip Roth, mas há outras possibilidades, tais como o estudo de gêneros literários ao longo do tempo, o trabalho de editoras ao longo do tempo, o trabalho crítico ao longo do tempo, entre outros. Tomar o sistema literário como um sistema complexo e estudá-lo por retrodução leva-nos a explorar novas possibilidades de estudo em matéria de objeto e de geração de dados que enriquecerão nossa compreensão do sistema literário como um todo.

Para ilustrarmos um pouco da diferença que se faz presente quando deixamos de buscar a predição e fazemos uso da retrodução, evocamos a seguinte descrição sobre mudança de paradigma:

"A compreensão retrodutiva de Darwin da natureza da mudança evolucionária apresentou um desafio profundo para visão de mundo newtoniana porque ela descrevia as origens não apenas das espécies mas de ecossistemas inteiros em termos que não podiam ser acomodados em um programa reducionista que tem sido o centro das ciências duras"⁴⁵ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 253).

Assim, de forma similar, a metodologia complexa revela "ecossistemas inteiros" da literatura que tradicionalmente escapam aos estudos literários. Isso se vê em nosso afastamento do conceito de literatura nacional, por exemplo. Por meio do estudo de sistemas literários como sistemas complexos sustentamos um olhar parecido ao que propõe Casanova, pois partimos da mesma compreensão de que "Este mundo [o mundo da literatura] é bastante separado do mundo ordinário, mas é apenas *relativamente* autônomo, apenas relativamente independentemente dele – o que significa, pelo mesmo raciocínio, relativamente *dependente*"⁴⁶ (2004: 349). Então entendemos que existe uma autonomia do sistema literário, mas relativa, que não o divorcia do mundo social como um todo. Trata-se de um movimento de re-enquadramento da literatura na qual enxergamos o mundo social acoplado ao sistema literário, mas no qual estamos mais livres de concepções tradicionais, como a dos cânones nacionais:

"A canonicidade gerada neste modelo [cânone literário como suporte de uma identidade nacional] teve como resultado um isolacionismo que excluía relações com textos de outras literaturas com as quais o texto canônico mantinha uma intertextualidade formal ou temática, razão por que de um modo geral Proust continua a ser ignorado pela literatura inglesa, tal como Joyce pela francesa, apesar das afinidades de natureza estética que existem entre os dois ficcionistas" (BULGER, 2004: 95).

45 "Darwin's retroductive understanding of the nature of evolutionary change presented a profound challenge to the Newtonian world view because it described the origins not just of species but of whole eco-systems in terms which could not be accommodated to the reductionist programme which has been the core of the hard sciences"

46 "This world is quite separate from the ordinary world, but it is only *relatively* autonomous, only relatively independent of it – which is to say, by the same token, relatively *dependent* upon it"

Essa exploração de outras ligações do sistema ocorre com a mudança em nossa própria compreensão de nosso objeto de estudo que passa a conceber uma maior abrangência de categorias de agentes a serem apreendidos. Entendemos que os estudos literários mais tradicionais tomam a obra literária como objeto, tecem relações entre obras, incluem os autores e, a partir de diversas possibilidades teóricas realizam análises. Em nossa proposta teórico-metodológica manteremos as obras literárias como objeto de estudo, os autores e as redes de relações que estes desenham, comportando assim os estudos tradicionais sem grandes cismas; mas o sistema literário entendido em sua complexidade precisa também abranger outros agentes, como os tradutores, as editoras, o mercado editorial e até mesmo outros sistemas complexos acoplados, mirando em recortes que deem melhor conta da circulação de obras literárias. O tempo cronológico é levado em conta (o tempo-espço relevantes para o sistema), mas não sem assumir que a literatura existirá no tempo-espço de sua maneira própria, considerando passado-presente-futuro da forma que lhe cabe – como bem discute Casanova (2004), por exemplo. Os subcapítulos seguintes demonstram melhor de que forma os estudos literários consoantes com a complexidade contemplam as categorias tradicionais e novas categorias, assim arejando as discussões do campo de estudos literários com novas propostas.

Deste último ponto podemos extrair outra discussão. Essa outra discussão refere-se ao que podemos chamar de relevância do recorte escalar do sistema complexo, a tela que usamos para o objeto sob análise. Os princípios de funcionamento de sistemas complexos ajudaram-nos a enxergar os diferentes níveis hierárquicos de sistemas complexos em sua dinamicidade e mútua influência, mas também nos mostraram que pela nomenclatura convencionada vamos determinar certas escalas de estudo em detrimento de outras. Analogamente, a célula faz parte do sistema digestivo, mas nosso enfoque será melhor colocado em uma ou outra escala (a escala da célula ou a escala do sistema digestivo). Abaixo inserimos uma citação que desenvolve esse debate de outra forma, de analogia mais próxima ao livro literário:

“Um relógio é bem descrito como uma série de molas e engrenagens *complicadas*, mas, em uma extensão disso, podemos ver ‘olhar as horas’ como uma propriedade emergente dele. Seria, então, o relógio um *sistema complexo*? Embora possamos dizer que um relógio induziria seu usuário a ‘ajustá-lo’ quando ele ‘para’ (uma interpretação *top-down*), tal interpretação não seria capaz de afetar consideravelmente nosso entendimento de relógios e não nos ajudaria a fazer comparações com elementos próximos a ele (tal qual um relógio digital)”⁴⁷ (HOLLAND 2014: 40-41).

Nesse trecho fica demonstrado que por mais que haja várias escalas diferentes em sistemas complexos, há algumas que cabem melhor a nossos interesses. Nosso recorte pode se dar sobre a obra literária, sobre o autor de literatura, sobre o prêmio literário, entre outros. Philip Roth pode ser enquadrado como o agente focal do trabalho de Pierpont, que avaliaremos, mas não nos pareceria produtivo querer discutir o sistema literário estadunidense no século XX como um todo, frente às limitações que teríamos com essas lentes. É importante que o pesquisador consiga posicionar-se frente ao seu objeto escolhendo o recorte mais interessante para seus objetivos.

Nessa tarefa de delimitação é importante refletir sobre o que suas fontes podem lhe fornecer. Vejamos resumidamente quais são as fontes de nossa metodologia quando debruçamo-nos sobre os sistemas literários complexos. Para os tipos de dados passíveis de estudo temos três tipos definidos como:

- **"Narrativas qualitativas baseadas em textos [...]**
- **Conjuntos de dados quantitativos [...]**
- **Narrativas em progresso [...]"**⁴⁸ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 198-199).

No presente trabalho não lidaremos com conjuntos de dados quantitativos expressivos, mas sim com narrativas qualitativas baseadas em textos. No campo dos estudos literários entendemos que a tendência será essa, embora enxerguemos outras possibilidades dentro do espectro quantitativo-qualitativo. O trabalho de

47 “A watch is well-described as a *complicated* train of gears and springs, but, at a stretch, we can think of ‘time-keeping’ as an emergent property of the watch. Is the watch, then, a *complex system*? Though we could say that a watch induces the user to ‘wind it’ when it ‘runs down’ (a top-down interpretation), that interpretation is not likely to greatly affect our understanding of watches, and it does not help us in making comparisons with closely related (such as digital time-keepers)”

48 **"Qualitative text-based narratives [...]**

Quantitative data sets [...]

Ongoing narratives [...]"

Pierpont também não se encaixa como um trabalho de narrativa em progresso, como poderiam também ser concebidos estudos dentro do quadro de referência da complexidade. Assim, por mais que nosso entendimento do campo e de suas fontes permita outros estudos, tivemos de optar por um enfoque e demonstrá-lo (o que faremos mais detidamente no capítulo 3), operando um recorte que traz a demonstração da metodologia sem haver comprometimento com um trabalho de pesquisa e análise grande demais para nossa dissertação.

Para encerrar com este subcapítulo vamos apenas fazer algumas marcações sobre a pós-disciplinaridade da metodologia, mencionada no capítulo 1.

Depois de uma crescente especialização dos campos do conhecimento desde o chamado Iluminismo no século XVIII, iniciou-se um processo de valorização do trabalho que é de natureza interdisciplinar. Em tempos mais recentes essa discussão passou para o debate em torno da categorização em “multidisciplinar”, “transdisciplinar”, “interdisciplinar” (POMBO, 2005) ou ainda “pós-disciplinar” (BYRNE; CALLAGHAN, 2014) – são todos termos cada vez mais comuns que indicam uma mudança: os estudos acadêmicos passaram a valorizar a interação entre diferentes disciplinas.

A pós-disciplinaridade é um convite que as metodologias no quadro de referência da complexidade estendem à estrutura acadêmica típica. Faz parte do movimento epistemológico dos estudos de complexidade que desafia a organização clássica da ciência/academia em disciplinas independentes entre si e com territórios, por assim dizer, bem definidos. A quebra da disciplinaridade estrita foi prevista por diversas frentes. Um exemplo foi o desenvolvimento do que chamam Byrne e Callaghan de “Area Studies”, o que seriam

“[...] campos acadêmicos organizados entorno de um programa interdisciplinar estendendo-se por todas e para além das ciências sociais elas mesmas e preocupados com localizações geográficas/culturais – Estudos de Oriente Médio, Estudos Latinoamericanos, Estudos de Extremo Leste etc. [...] o desenvolvimento de tais programas em relação à realidade da era pós-Segunda Guerra”⁴⁹ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 234).

49 “[...] academic domains organized around an inter-disciplinary programme stretching across and beyond the social sciences themselves and concerned with specific geographical/cultural locations - Middle East Studies, Latin American Studies, East Asian Studies etc. It, correctly, located the development of such programmes in relation to the geopolitical realities of the post-Second World War era”

E mais recentemente temos já estudos em diversas áreas que seguem os princípios dos estudos de complexidade, além desses "Estudos de Área" motivados pela crescente globalização pós-Segunda Guerra Mundial. Existem estudos sobre o planejamento e a governança de cidades, sobre a educação, entre outros, que são estudos chamados de pós-disciplinares (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 239). A maioria dos fenômenos de dimensão social (mas não somente estes) é de natureza complexa, de forma que a usabilidade de metodologias dentro do quadro de referência da complexidade é bastante ampla. Em sintonia com a inter/pós-disciplinaridade requerida pelos estudos de complexidade é que aproximamos nosso trabalho das ciências sociais, como a sociologia, e as colocamos junto dos estudos literários na pesquisa sobre sistemas literários complexos.

Ao que vemos, as afirmações metodológicas dos autores sobre a fundamentação em complexidade apontam para debates diferentes, como quando deixam claro que querem evitar o debate entre os estudos "puros" e os "aplicados", um tipo de debate que existe também na linguística, por exemplo, e que se poderia dizer mais atrasam do que impulsionam as pesquisas. Os teóricos Byrne e Callaghan indicam que os estudos que eles propõem são "[...] informados pela fundamental virada de complexidade" e que

"Devemos deixar claro que somos ecléticos quanto as ferramentas e seu uso enquanto preservamos as especificações ontológicas sobre como a emergência subjaz o mundo social como um todo, que estabilidade/mudança são focos de interesse chave e que em termos epistemológicos não existe realidade transcendental a ser descrita apenas em termos de formalismos matemáticos"⁵⁰ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 209)

No mesmo espírito, as contribuições teórico-metodológicas que apresentamos neste texto são de natureza "eclética em relação aos instrumentos e seu uso", porém mantendo as "especificações ontológicas" do quadro de referência da complexidade, que as dinâmicas entre "estabilidade/mudança são os focos-

50 "It should be clear that we are eclectic both in relation to tools and to their deployment whilst preserving our ontological specification that emergence underpins the whole social world, that stability/change are the key foci of interest, and that in epistemological terms there is no transcendental reality to be described only in terms of mathematical formalisms"

chave de interesse" a cada pesquisa e que não existe "realidade transcendental para ser descrita somente em termos de formalismos matemáticos". Discutida a definição de nosso objeto de estudo, a etapa de descrição nos aguarda.

2.3 DESCRIÇÃO

A descrição do sistema sob estudo é o primeiro desenvolvimento de pesquisa, considerando que a definição de objeto é uma etapa do método anterior ao trabalho de análise em si. Em termos de método, a descrição se centrará em estudos de caso de sistemas complexos. Entendemos que "podemos entender sistemas complexos como casos e a maioria dos casos como sistemas complexos" (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 155), ou seja, os sistemas complexos serão tomados como casos a serem estudados, o que nos dá um ponto para o começo de nossas descrições. Neste texto, especificamente, não tivemos tempo hábil para discutir a teoria e ainda colher os dados, então poderíamos falar de uma redescrição que aplica as contribuições teórico-metodológicas que trouxemos a um estudo já feito. Trabalhando com a descrição da carreira de Philip Roth feita por Pierpont, fazemos uma redescrição que aponta para a pertinência da teoria que apresentamos, em uma comparação entre os resultados que Pierpont obteve com as potencialidades do quadro de referência da complexidade.

Nessa empreitada trabalhamos com a teoria da complexidade, que vimos discutindo desde o capítulo 1, e neste subcapítulo resolveremos a questão de método descritivo. Nosso norte em matéria de método de descrição será o método da Teoria Ator-Rede de Bruno Latour, que julgamos compatível com o quadro de referências da complexidade e útil para desenvolver a descrição satisfatoriamente.

Latour (2007) apresenta o slogan da Teoria Ator-Rede (sigla ANT no inglês) que é "siga os atores mesmos" (12). Essa frase não parece fazer muito sentido, mas quando se descobre que é uma frase cunhada por Latour para contrastar a ANT dos estudos sociológicos tradicionais tudo se esclarece. Basicamente, Latour critica a

sociologia clássica por esta explicar tudo que há em sociedade por uma base de “social” sem nunca explicar adequadamente o que é afinal de contas esse “social”. As bolhas econômicas estouram, as práticas racistas se perpetuam, a culinária local se diferencia das vizinhas – tudo isso se deve ao “social” - mas nada é adequadamente explicitado, aos olhos de Latour. Frente a isso é que Latour nos recomenda que sigamos os atores em suas ações e assim tenhamos a capacidade de ver o que é, afinal, que os leva a agir de determinada forma. Lemos que para “seguir os atores mesmos” devemos:

“[...] tentar alcançar as inovações malucas para poder aprender com elas o que a existência coletiva tornou-se em suas mãos, quais métodos elas elaboraram para fazer com que ela esteja assim arranjada, quais relatos poderiam melhor definir as novas associações que elas foram forçadas a estabelecer”⁵¹ (LATOURE, 2007: 12).

Temos que dar aos atores (ou “agentes” em nossa terminologia) a atenção devida e, ao descrever as redes de relações que eles integram, começar a entender verdadeiramente suas relações. Enquanto isso a prática clássica ao se estudar grupos humanos é descartar sua fala pelo fato de os objetos de estudo tipicamente não estarem informados pelo saber especializado. Em nosso caso, por exemplo, temos de dar ouvidos aos escritores, aos críticos literários e outros agentes do sistema literário porque, apesar de não serem eles os acadêmicos com formação especializada, eles têm muita informação valiosa para nossos objetivos. Os métodos clássicos, para Latour, hoje mascaram as associações de agentes que fazem o social ao invés de mapear suas ligações e assim serem realmente capazes de enxergar as dinâmicas de grupos humanos. Latour indica que temos que rever nosso entendimento do que foi associado porque as associações anteriormente entendidas tornaram-se irrelevantes (LATOURE, 2007: 6).

Em ANT há alguns passos a seguir no estudo. Um deles é dar atenção ao momento em que o grupo se forma, pois grupos são produtos da confusão constante de milhões de vozes contraditórias quanto ao grupo e quem pertence a o que (LATOURE, 2007: 31) e logo, agrupamentos precisam ser sempre feitos, refeitos

51 “[...] try to catch up with their often wild innovations in order to learn from them what the collective existence has become in their hands, which methods they have elaborated to make it fit together, which accounts could best define the new associations that they have been forced to establish”

e nesse processo de criação aqueles que montam os grupos deixam pistas que podem ser usadas pelo informante (LATOUR, 2007: 34). Há aqui compatibilidade na compreensão de como se mantêm as estruturas dos sistemas: elas se fazem e refazem e não simplesmente permanecem intactas ao longo do tempo.

Faz parte dos princípios do trabalho com ANT entender a agência pelo viés do "fazer-agir" em vez do agir da acepção tradicional. Explicamos: em ANT, "um 'ator' na expressão hifenizada ator-rede não é a origem de uma ação, mas o alvo em movimento de uma vasta matriz de entidades que como um enxame a perseguem"⁵² (LATOUR, 2007: 46), entidades que formam a rede sob estudo. Para nossos estudos literários, podemos dar atenção às ações por parte do escritor para entender que forças o levam a tomar determinada atitude em sua carreira literária e entender como ele toma parte em uns grupos e não em outros. ANT fará parte das narrativas que escrevemos em pesquisas alinhadas com os estudos de complexidade:

"Embora nunca saibamos ao certo quem e o que nos faz agir, podemos definir uma lista de características que estão sempre presentes em argumentos contraditórios sobre o que aconteceu; elas são uma imagem de algum tipo; elas são antagonistas de outras agências em disputa; e, finalmente, elas são acompanhadas por alguma teoria explícita de ação"⁵³ (LATOUR, 2007: 52).

A partir dessa concepção de agência, é apenas lógica a terceira demanda de um estudo em ANT: os objetos também têm agência. Objetos são alvo de "fazer-agir" e, para Latour, são agentes que podem vir a ser úteis na descrição da rede:

"[...] a aparentemente razoável separação entre material e social torna-se precisamente aquilo que ofusca qualquer pesquisa em como a ação *coletiva* levada a cabo por forças sociais homogêneas, mas, ao contrário, uma ação que coleta diferentes tipos de forças costuradas juntas porque são diferentes. É por isso que, de agora em diante, a palavra 'coletivo' deverá tomar o lugar de 'sociedade'"⁵⁴ (LATOUR, 2007: 74-75).

52 "[a]n 'actor' in the hyphenated expression actor-network is not the source of an action but the moving target of a vast array of entities swarming toward it"

53 "Although we never know for sure who and what is making us act, we can define a list of features which are always present in contradictory arguments about what has happened: agencies are part of an account; they are given a figure of some sort; they are opposed to other competing agencies; and, finally, they are accompanied by some explicit theory of action"

54 "[...] the apparently reasonable division between material and social becomes just what is obfuscating any enquiry on how a *collective* action carried over by homogeneous social forces, but,

Assim, podemos entender que as obras literárias também têm agência dentro do sistema literário, pois fazem outros agentes também agir. O exemplo que mais nos interessa nesse quesito é a tradição literária ou o cânone – autores já há muito falecidos continuam sendo influentes porque suas obras seguem sendo agentes, seguem motivando, desafiando novos autores que produzem em resposta a essas grandes obras.

E, por último, os dois últimos princípios receitados por Latour referem-se a característica da ANT em tratar das questões por descrição e não como fatos a-históricos, e em como ANT se faz com boas narrativas em formato textual. O que almejamos no capítulo 3 deste trabalho é algo próximo ao que determina Latour quando diz que um bom relato da teoria ator-rede é uma narrativa ou uma descrição ou uma proposta na qual todos os atores agem (LATOUR, 2007: 128).

Tomados os cinco pontos de sustentação do método ANT, à guisa de exemplo, inserimos um comentário bastante ilustrativo acerca do tipo de produto final que devemos ter:

"[...] embora a questão pareça bastante estranha em um primeiro momento – para não dizer de mau gosto – quando alguém falar de um 'sistema', uma 'característica global', uma 'estrutura', uma 'sociedade', um 'império', uma 'economia mundial', uma 'organização', o primeiro reflexo da teoria ator-rede deveria ser perguntar: 'Em qual prédio? Em qual escritório? Por qual corredor é acessível? Para quais colegas ela foi lida? Como ela foi compilada?'"⁵⁵ (LATOUR, 2007: 183).

A fim de concluir com a participação de Latour em nosso texto, falta apenas apontar as convergências entre ANT e os estudos de complexidade que fazem de nossa instrumentalização do método descritivo de ANT possível para nossos propósitos dentro do quadro de complexidade. Primeiramente, está constatado que Byrne e Callaghan notam a utilidade de ANT para os estudos de complexidade: "podemos rejeitar a ontologia rasa da teoria ator-rede enquanto mantemos nosso

on the contrary, an action that collects different types of forces woven together because they are different. This is why, from now on, the word 'collective' will take the place of 'society'"

55 "[...] even though the question seems really odd at first - not to say in bad taste - whenever anyone speaks of a 'system', a 'global feature', a 'structure', a 'society', an 'empire', a 'world economy', an 'organization', the first ANT reflex should be to ask: 'In which building? In which bureau? Through which corridor is it accessible? Which colleagues has it been read to? How has it been compiled?'"

interesse pelas redes"⁵⁶ (BYRNE; CALLAGHAN,2014: 73). Do outro lado, Latour (2007) mostra em sua introdução de ANT que entende que as interações entre diferentes agentes são multidirecionais (202), que o estudo não pode se deter em uma escala padrão e sim seguir as necessidades dos fenômenos mesmos quando da sua descrição (186), entre outros sucessivos espaços de sobreposição das teorias. Voltaremos a discutir o método de descrição orientado pela ANT no capítulo 3, quando veremos nossa análise do estudo de Pierpont.

2.3.1 Elementos na descrição de sistemas complexos

A propósito da "taxonomia", nosso vocabulário de análise: é importante que tenhamos um vocabulário mais específico para a tarefa de descrição (2.3) e que então se preste para começarmos a falar da trajetória (2.4). Para termos um vocabulário mais específico, levaremos conosco tudo o que já apresentamos sobre sistemas complexos e pensaremos em um novo ferramental conceitual que descreva esses objetos de estudo. Pensaremos os conceitos e como seriam suas representações visuais. É importante que desenvolvamos uma terminologia comum

“Pelo fato de o estudo de sistemas complexos, e o estudo de sistemas adaptativos complexos em especial, envolver uma variedade de modelos e conceitos, um quadro de referência que usa uma linguagem comum para descrever esses sistemas oferece uma vantagem substancial quando fazendo comparações”⁵⁷ (HOLLAND, 2014: 174).

Por isso precisamos entender que qualquer trabalho com complexidade é um trabalho com sistemas e que, em um contexto de interdisciplinaridade, um vocabulário comum precisa ser convencionado. Durante essa elaboração, pareceu-nos proveitoso apontar que já começamos a apresentação de alguns termos quando incluídos em nosso texto antes mesmo desse subcapítulo e que estes serão retomados e aprofundados, quando couber. Prosseguimos primeiro para os tipos de

56 “[w]e can reject the shallow ontology of ANT whilst retaining an interest in networks”

57 “[b]ecause the study of complex systems, and complex adaptive systems in particular, involves a variety of models and concepts, a framework that uses a common language to describe these systems offers a substantial advantage in making comparisons”

sistemas complexos.

Temos que considerar os aspectos específicos de um tipo de sistemas complexos, os **sistemas adaptativos complexos**. Como o próprio nome revela, a adaptabilidade é uma característica importante dos sistemas adaptativos complexos (SAC).

O outro tipo de sistemas complexos, os **sistemas físicos complexos**, não será estudado aqui por não serem sistemas que se encaixem com os sistemas literários e, conseqüentemente, não terem poder explicativo para o nosso presente recorte de estudo. Segundo Holland (2014: 44), os estudos de sistemas físicos complexos (SFC) giram em torno de matrizes geométricas de elementos, como tramas. Um exemplo de estudo desse tipo de complexidade seriam os estudos de von Neumann em máquinas auto-reprodutivas – tópico de ciências naturais que lidam com fenômenos físicos e não tanto com seres humanos e sua agência. Nossa discussão no capítulo 2, por exemplo, destaca o debate em ciências sociais entre agência e estrutura como um problema clássico para a análise de grupos sociais. Estudar SFC estaria então afastado do objeto dos estudos literários.

Além da separação entre SAC e SFC, é fundamental diferenciar a complexidade geral da complexidade restrita. A complexidade foi muitas vezes estudada em uma concepção mais limitada, a que chamamos de complexidade restrita (BYRNE & CALLAGHAN, 2014: 5). Nesse recorte, a complexidade acaba por se mostrar apenas como o produto emergido da interação de agentes simples, como uma microemergência, isto é, o fenômeno incompleto da emergência posto que isolado de seu contexto mais amplo. Trata-se de uma tentativa de se comprometer com a complexidade, mas que ao decomplexificá-la torna-se um reducionismo que somente olha para as partes constituintes em uma postura analítica tradicional, uma postura para se trabalhar com sistemas lineares. Entendemos que o erro do trabalho com a complexidade restrita é similar ao erro, a título de exemplo, de estudos em avaliação educacional que desconsideram os efeitos do meio em que a criança vive fora da escola, como se sua performance pudesse ser contemplada apenas com testes padronizados de desempenho acadêmico. Pensa-se assim a complexidade através de um entendimento de emergência concebida a partir de simples mecanismos e não se percebe que assim

como o micro gera o macro em suas interações, todos os outros níveis em escala são responsáveis por mudanças – a escola é afetada pelo lar, o lar é afetado pela escola, cursos livres afetam ambos a escola e o lar, e assim sucessivamente.

A complexidade em sua conceituação mais geral é composta de sistemas complexos que não são apenas produtos de interações, mas tem importantes propriedades apenas quando em abordagens reais. A complexidade geral entende que o conhecimento não se obtém apenas pelas partes nem pelo todo e sim por um processo de realimentação entre ambos, a visão de sua mútua dependência e da multidirecionalidade de seus interefeitos.

Passamos para os dois termos mais comumente utilizados ao descrever um sistema complexo em análise. As **redes** e os **agentes** são importantes noções para nossas discussões mais detidas de sistemas complexos particulares. As **redes**, ou *networks*, são como “fotografias” do estado de interações dos agentes num dado momento (Holland, 2014) e podem ser os nossos recortes de pesquisa. Dentro das redes o nível de análise individual revolve sobre o termo **agente**. Agentes são subsistemas semi-autônomos que compõem o sistema (HOLLAND, 2012: 281). Assim, uma pesquisa pautada pelo quadro referencial dos estudos de complexidade tratará seu objeto de estudo como o agente sob análise. Os agentes são caracterizados como nível de análise, dentre outras coisas, pelo acesso que temos de sua capacidade de aprender ou adaptar-se em resposta às interações com outros agentes (HOLLAND, 2014: 79). Rede e agente são os termos que mais utilizaremos – o estudo do agente e da rede que ele centraliza iluminam nosso entendimento do sistema.

Note-se que a questão de escala para a análise é instrumental para se ter bem acordado referências e descrições que façam sentido – uma escala poderia analisar um selo editorial como agente central de uma rede enquanto outra escala focaria em um agente literário deste selo editorial e a rede que se forma em seu entorno.

O próximo ponto de uma descrição será o quadro geral onde a descrição será feita – a tarefa de descrição quando terminada é inserida num *phase space*, uma **fase** ou **estado**, que é um espaço que representa todos os estados possíveis do sistema sendo descrito em um único ponto (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 157).

Assim, as descrições localizam o agente dentro de um **espectro de estados** que nos dão uma dimensão temporal-espacial de sua evolução. É como se a descrição desenhasse um ponto em uma linha do tempo, qualificando o agente ao mesmo tempo em que o posiciona em sua trajetória de evolução. Tratamos do espectro de estados porque este elemento é o quadro geral de nossa descrição, a paisagem onde localizamos as especificidades da rede que estudamos.

Dentro do espectro de estados é inevitável que façamos categorizações que delimitem de forma mais fina os estados em questão. É assim que teremos **categorias** que sejam relevantes em nosso trabalho de descrição do sistema. Vamos comentar agora sobre o tipo de categorização que utilizamos em nossa metodologia. A categorização não pode ser do tipo rígido, uma vez que nosso trabalho com descrições no tempo-espço lidam diretamente com mudanças de estado, de tipo, e estão localizadas em um *espectro* de fases, ou seja, há muitas discussões a serem feitas sobre gradações em uma descrição. As categorias são feitas de maneira *fuzzy*, ou difusa:

"[...] não existem espécies e em particular nenhuma natural, mas apenas uma multiplicidade de indivíduos a quem em agregado podemos chamar de espécie. [...] Podemos muito bem aceitar que nossos conjuntos são difusos e não precisos, mas rejeitar a noção de conjuntos e portanto de categorização [...] é abandonar algo que pode ser enormemente útil para nós, a ideia de medidas nominais, de medidas por meio da especificação de que tipo de coisa algo é"⁵⁸ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 158).

Os autores ajudam-nos a lembrar que mesmo na biologia as categorias não são tão rígidas quanto parecem, pois todos os indivíduos de uma mesma espécie são diferentes, todos trazem mutações e características únicas, de forma que o conceito de espécie é apenas uma categoria convencionalizada dentro de um contínuo de formas de vida diferentes. Fazemos algo bastante semelhante quando trabalhamos com gêneros literários. Ao lidar com a poesia estamos lidando com um contínuo de poemas diferentes, desde os sonetos, exemplos bastante bem

58 "[...] there is no such thing as a species, and in particular a natural kind, but only a multiplicity of individuals which in aggregate we can refer to as a species. [...] We might very well accept that our sets are fuzzy rather than precise but to reject the notion of set, and hence of categorization altogether [...] is to abandon something which can be enormously useful to us, the idea of nominal measurement, of measurement through specifying the kind of thing that something is"

identificados como poemas, até poemas concretos, poemas de versos livres, poemas em prosa, exemplares que empurram os limites da categoria e brincam com as características de outras categorias. De forma semelhante, trabalhamos também com categorias convencionadas (poemas e espécies animais) como categorias *fuzzy* à sua maneira.

Em conjunto com a noção de categorias *fuzzy* (ou "difusas"), temos que tratar dos atratores. Os **atratores** são regiões do *phase space/ state space*, ou espectro de fases, em que há uma confluência de agentes, é algo para o qual se dirige a evolução do sistema que tomamos como agente, sendo o atrator o centro de uma seção do *state space*, definindo algo como estados limite (ou um conjunto de estados limite). Quando um sistema está próximo de um atrator, ele tende a permanecer naquela localização, assim, nossas categorias para sistemas complexos serão definidas por esses atratores dentro de um espectro de fases (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 27). Byrne e Callaghan apresentam exemplos do paciente de um hospital como um sistema complexo e os acompanhamos: um paciente entra no hospital para se mover do atrator de doença para o atrator de não-doença (2014: 237-240). Trata-se de um trabalho relacional – devemos pensar neles como regiões no espectro de estados que são calibrados em referência a outros em medidas não-métricas (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 158).

Voltando ao exemplo dos poemas: por mais diferentes que os poemas possam ser entre si, identificamos atratores que criam uma zona de confluência de exemplares, propiciando que estabeleçamos nossas categorias convencionadas. Poemas não são prosa porque têm quebras de linha, musicalidade, entre outros parâmetros (dimensões de análise) que tradicionalmente fizeram a confluência dos poemas e possibilitaram-nos os identificar como poemas e não outro gênero. Há uma série de características que juntas compõem uma lista de requisitos inconsciente que usamos em sociedade, tanto os profissionais especializados como o público em geral, para qualificar um texto como um poema ou não. Nessas dimensões de análise encontramos pontos focais que definem as categorias; no caso dos poemas são características modelo que discernem esse gênero de outros.

Equipados com a noção de categorias *fuzzy*, de espectro de estados e de atratores, inserimos a discussão sobre as *phase shifts*, ou **mudanças de fase** (ou

estado), os pontos altos das trajetórias de sistemas tendo em vista a relevância de suas leituras. Explicamos pela citação longa:

"[...] os sistemas podem ocupar limitados e específicos *porém múltiplos* espaços dentro de um espectro. Podemos pensar nesses terrenos como atratores e da localização de sistemas individuais neles como consequência de processos causais que levaram a tal localização de sistemas naquele atrator naquele ponto no tempo. Isso permite que conceitualizemos mudanças no sistema como uma relocação para outro terreno, outro atrator, no espectro de estados que descreve todos os estados possíveis para os sistemas. Isto é uma mudança de fase. Mudança é mudança de tipo"⁵⁹ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 159).

Em medidas relacionais, as mudanças de fase pelas quais passarem um agente serão como afastamentos em relação a um atrator em direção a outro atrator – a transição de um atrator para outro. Oferecemos uns pouco exemplos ilustrativos. Assim temos que uma novela ainda nas mãos de seu autor poderia, a partir do momento em que se alongasse em mais capítulos, mais páginas, mais personagens etc., mudasse de fase e passasse para a categoria de romance. Assim temos que um conto estranho, a partir da naturalização de suas características fantásticas, passasse para o enquadramento de conto maravilhoso. A mudança de fase aponta onde devemos concentrar nossos esforços de descrição, como é o caso do recorte que preparamos para nosso estudo da carreira de Philip Roth, através da biografia escrita por Pierpont, sobre a mudança de fase em sua obra, isto é, a saída de suas produções de uma zona de atração (uma categoria *fuzzy*) para outra.

Um pouco acima mencionamos um elemento a que chamamos parâmetros e indicamos simplificadaamente que se tratavam de "dimensões de análise", mas agora desenvolveremos um pouco mais o termo. Os **parâmetros** são geralmente considerados propriedades fundamentais do sistema como um todo. Retomando o exemplo do paciente no hospital, um possível estado desse paciente no que se refere ao seu bem-estar é o estado de doença, um estado descrito por uma série de comportamentos ou índices que funcionam como parâmetros, então se temos

59 "[...] the systems may occupy specific limited, *but multiple* domains within that space. We can think of these domains as attractors and of the location of individual systems within them as a consequence of causal processes which have led to the location of those systems in that attractor at that time point. This allows us to conceptualize change in the system as involving relocation to another domain, another attractor, in the state space which describes all possible states for systems. That is a phase shift. Change is change of kind"

quatro parâmetros descrevendo o sistema, o espectro de fases é quadridimensional (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 27), sendo nesse caso parâmetros os sintomas que indicam dimensões da saúde do paciente. O analista deverá descrever a rede que estuda com quantos parâmetros necessitar para adequadamente cobrir a mudança de fase sobre a qual estiver se debruçando.

Um **parâmetro de controle** (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 36), ou *lever point* (HOLLAND, 2014: 81), é um elemento de um sistema complexo que é menor do que o sistema como um todo, mas que ao ser afetado propaga mudanças de natureza qualitativa no sistema; é essencial sua identificação para o desenvolvimento de uma ciência aplicada de complexidade. Um bom exemplo de Holland é a vacina, um elemento dentro do sistema complexo a que chamamos sistema imunológico que o altera significativamente a longo-termo.

Inspirados por Deleuze, como indicam Byrne e Callaghan, podemos chamar essa nova terminologia de virada topológica (não métrica, pois não definida por medidas e sim apenas por diferença de localização, por relações entre os pontos). Note-se também que no espectro de fases existem múltiplos atratores (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 29), o que quebra com o determinismo puro e abre nosso horizonte para uma combinação entre determinismo e escolha, além de um conceito de categoria/classificação mais flexível.

Nossas medidas são mais produtivas para o trabalho quando descrevem as características de sistemas em múltiplos pontos no tempo e assim podem auxiliar-nos a delinear trajetórias de sistemas por fases diferentes, sendo o tempo-espaco uma das dimensões – logo, comece por medidas e as use para classificar (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 160). Será parte do trabalho do pesquisador estar atento aos vários parâmetros, isto é, às várias características relevantes de seu objeto de estudo, para poder adequadamente delimitar atratores e estados, descrevendo e dando subsídios para a tarefa de mapeamento de trajetórias (2.4).

A partir da "taxonomia" e das análises que descrevemos até o momento temos delineado o trabalho de descrição que devemos empreender. Por último, para a identificação das categorias em nossas análises, contaremos com a leitura do que chamamos acoplagens e sistemas aninhados, dois conceitos menos usuais, porém relevantes como noções gerais a se carregar para o trabalho de descrição. As

acoplagens ou *assemblages* (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 31) são conjuntos construídos por relações obrigatoriamente contingentes que têm de levar em conta o histórico de co-evolução de seus componentes e têm de ser estudado empiricamente (diferentemente de sistemas de relações necessariamente lógicas que podem ser explorados apenas mentalmente). A interpenetração possibilita que os elementos de um sistema estejam presentes em outros, que haja um controle central, e com esse conceito visualizamos a metáfora dos *nested systems*, ou **sistemas aninhados** (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 34). Basicamente, são termos que operam descrições na trajetória de sistemas e comunicam sistemas que caracterizaríamos como sendo de tipos diferentes, como o sistema literário e o sistema político.

Nossa conclusão para este tópico é de que o trabalho descritivo de nossa metodologia no estudo de Pierpont (2015) seria o delineamento da rede dentro da qual Roth transitava no sistema literário. Na descrição haveria atenção especial com os diferentes estados da carreira profissional de Roth, visto que os momentos de mudança de estado são os mais relevantes, dentro de um trabalho comparativo entre estados *fuzzy* dificilmente definíveis sem que seja pelo contraste. Não haverá uso de simulações ou trabalhos de natureza mais quantitativa, embora fossem opções viáveis para outros trabalhos. A descrição de rede e de mudanças de fase delinearão a trajetória do agente em tela, constituindo o nosso estudo.

2.4 TRAJETÓRIA E TENDÊNCIA

Até o momento temos contribuições teórico-metodológicas em (a) discussões para a definição de objeto, e para a (b) tarefa descritiva que faz uso de um vocabulário próprio para desenhar as redes dentro do sistema complexo. Neste subcapítulo discutiremos como as pesquisas em sistemas complexos devem necessariamente revelar trajetórias e tendências.

Começamos com uma discussão de causalidade, na qual reafirma-se que

"É essencial que abordagens a exploração de causalidade em sistemas complexos sejam capaz de abranger o desenvolvimento de sistemas em direção a seu estado presente: isto significa que deve haver um relato do desenvolvimento da trajetória dos sistemas"⁶⁰ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 186).

Para Byrne e Callaghan, ter um relato do desenvolvimento da trajetória do sistema é uma necessidade nos estudos de complexidade. A **trajetória** do sistema é aquela que se desenha ao mapearmos os estados do sistema através do tempo no *phase state*, ou espectro de fases (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 28). A trajetória é importante porque ao conhecê-la entendemos a rede de interações do agente, aprendemos quais adaptações ele desenvolveu e acumulou, os atratores pelos quais passou e assim, aprendendo sobre o agente, conseguimos construir um corpo de conhecimento com maiores aplicações. Poderíamos associar o registro da trajetória a uma biografia, a história de vida de um agente desde fases remotas até a última, dando atenção especial para o que seriam as principais mudanças de estado.

Depreende-se de todos os princípios de funcionamento de sistemas complexos anteriormente apresentados (capítulo 1) que o único ordenamento sensato será o temporal em relação ao disparador inicial (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 181), o que apenas enfatiza as vantagens de se trabalhar com trajetórias. O estado inicial é o fundamental ponto de partida no desdobramento de sistemas complexos através do tempo e espaço e é para dispormos das informações de modo a facilmente avaliarmos esse desenvolvimento que devemos ter descrições organizadas em cronologia. Além disso, pelo princípio de hierarquia as estruturas anteriores dão o tom para a adaptação dos agentes, para a evolução deles ao longo do tempo, então é útil que tenhamos esse processo acessível. Ainda sobre a documentação da dimensão tempo-espaço, observemos que o próprio termo 'emergência' incorpora consigo a dimensão temporal, outro princípio fundamental. A emergência, talvez o princípio primordial de sistemas complexos, está ligada diretamente ao que chamamos de trajetória, comportando evolução e, como consequência, tempo. A abertura para descrever as possibilidades do sistema em

60 "[i]t is essential that approaches to the exploration of causality in complex systems are able to take account of the development of the systems towards their present state: that is to say there must be an account of the development of the trajectory of the systems"

diferentes pontos no tempo faz possível um registro para a emergência: o uso do termo 'trajetória' já indica por si só nosso interesse em descrever os estados do sistema ao longo do tempo (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 187).

Pelo método de retrodução (2.2), pela descrição (2.3) e pela apresentação dos dados em uma cronologia, como sugerimos logo acima, em um formato de narrativa, chegamos até a escrita da trajetória do sistema.

Uma metodologia para sistemas literários complexos não poderia abrir mão da descrição sincrônica (etapa de descrição) dentro de uma perspectiva diacrônica (etapa de trajetória e tendência) porque as forças causais são sempre contextualizadas no tempo porque são expressão das interações entre diferentes forças causais presentes naquele momento do tempo (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 188). A produção de um relato de trajetória não é somente um produto de método, mas é também uma etapa importante para abranger a complexidade do sistema: quando Byrne e Callaghan apontam para a importância de entendermos as relações entre as forças causais, estão também destacando que isso se faz acompanhando essas relações tempo a tempo, na perspectiva diacrônica. É mais do que uma etapa formal, é uma reafirmação do quanto a emergência é central, pois estamos lidando com mais do que as interações simultâneas, mas também com uma cadeia de causalidade ao longo do tempo e com relações reflexivas que retroagem em produtos (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 193). Não podemos enfatizar o suficiente o quanto a dimensão espaço-temporal captada no estudo de trajetórias e tendências, em seus processos de recursividade e realimentação, é importante em um estudo balizado pelos estudos de complexidade.

Ao adotar a mirada do analista de trajetórias e tendências, relembremos de dar especial atenção para as mudanças de fase. Segundo Byrne e Callaghan, o que importa é mudança de tipo, mudança de fase, metamorfose, transformação, ou seja, sinônimos para tornar-se diferente (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 193) – podemos dar outro nome ainda: mudança qualitativa. Muitas mudanças se farão visíveis, mas mudanças relevantes são de tipo e não de grau (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 194). Este ponto se traduz em fazermos a leitura dos parâmetros de controle (previamente discutidos em 2.3.1). Seu papel dentro de sistemas complexos os destaca, pois

"Parâmetros de controle são componentes de acoplagens que são sistemas complexos. Tanto os componentes quanto o sistema são plásticos – ou seja, têm a capacidade de mudar. Além disso, enquanto o sistema tem uma existência contínua, os componentes da acoplagem podem e realmente mudam, e é mais do que provável que mudanças de significância possam envolver não apenas mudanças no caráter de parâmetros de controle, mas também mudanças de magnitude ou mudanças de tipo. Caçar causas para sistemas complexos trata-se em boa parte de uma questão de identificar parâmetros de controle em termos de presença, caráter e magnitude"⁶¹ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 198).

Então o trabalho com sistemas complexos basicamente mapeia os estados do parâmetros de controle a fim de obter informações expressivas do sistema como um todo por meio de uma observação de elementos menores e mais fáceis de se acompanhar. Um parâmetro de controle, portanto uma propriedade que ao ser alterada causa significativa mudança na trajetória do agente sob análise, poderia ser os ganhos financeiros de um autor com o seu primeiro romance bem sucedido comercialmente. Philip Roth, por exemplo, passava por dificuldades financeiras e isso implicava em uma determinada relação com a sua produção literária. Foi apenas após o estrondoso sucesso comercial (e de crítica) de *Portnoy's Complaint* que Roth pôde tornar sua carreira de escritor a sua carreira principal, pois financeiramente viável, e então não precisar mais levar a carreira de professor universitário. O salário não era o motivo quando voltava a ensinar: a sala de aula "[é] o único lugar onde eu podia falar a sério sobre livros" (PIERPONT, 2015: 70). Foi uma mudança qualitativa no *status* de escritor profissional de Roth.

Para uma recapitulação do vocabulário de análise na etapa de trajetória: a trajetória do agente é a história de adaptação deste agente através do tempo, ou seja, sua evolução. Para delinear a trajetória, mapeamos os atratores em um espectro de estados levando em conta os parâmetros que os descrevem, com especial atenção para os parâmetros de controle, os parâmetros que demarcam

61 "Control parameters are components of the assemblages which are complex systems. Both the components and the systems are plastic - that is they have the capacity for change. Moreover, whilst the system has a continued existence, the components of the assemblage can and do change, and it is more than likely that changes of significance can involve not only changes in the character of the control parameters may be changes in magnitude or changes in kind. Hunting causes for complex systems is very much a matter of identifying control parameters in terms of presence, character and magnitude"

mudanças qualitativas no sistema que tomamos como agente.

A tarefa de comparação vem em seguida do delineamento de trajetória, dando-nos apoio para discutir tendências do sistema literário complexo. A trajetória, como já dito, é escrita quando mapeamos os estados do sistema em sua evolução, possibilitando a comparação entre este sistema e outros, momento em que são visíveis as **tendências** dentre os sistemas complexos. O ponto metodológico afirmado no início do subcapítulo anterior (2.3), o fato de que estudos dentro do quadro de referência da complexidade são estudos de caso, é o que acaba por apoiar a ênfase que vamos prestar ao trabalho comparativo. A comparação é fundamental tendo em vista que

"O problema com pesquisas focadas em casos individuais é como gerar conhecimento a partir delas com qualquer possibilidade para generalização – para extensões para além do caso específico. Generalizações são feitas com base em trabalho ideográfico e são sempre feitas com base no que nos parece o método crucial para ir além do específico - comparações"⁶² (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 195).

Assim temos que a comparação é a etapa que rende ao estudo uma aplicabilidade maior, quando o estudo de trajetórias revela as tendências dentro do sistema. A comparação é essencial até mesmo internamente no trabalho da etapa de trajetória, pois comparações entre casos, especialmente se sistemática, permite que as diferenças sejam orientações na busca de resultados (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 197).

A diferença detectada via comparações se dará em (1) as comparações entre a trajetória do agente focado e de outros agentes do sistema literário, significando as suas interações ao relacioná-las com as dos outros; e (2) na visualização de fases dentro do espectro de estados, o espaço que delimita as possibilidades do sistema, como descrito por Byrne e Callaghan (2014), "[...] sistemas complexos [...] não têm um conjunto infinito de futuros estados possíveis, mas um conjunto limitado de mais do que um e menos do que um número grande demais para se

62 "The problem with individual case-focused research is how can we generate knowledge from it which has any capacity for generalization - for extension beyond that specific case. Generalizations are made on the basis of ideographic work, and they are always made on the basis of what seems to us to be the crucial method for extending beyond the specific - comparison"

compreender"⁶³ (197). Para (1) podemos pensar no exemplo das comparações entre as trajetórias de diferentes escritores de uma mesma geração cujas carreiras correm paralelamente, mas que encerram diferentes estratégias ao lidar com polêmicas em sua sociedade (por exemplo). Pensando em (2) teríamos as diferentes fases de produção de um mesmo autor, por exemplo.

Aproveitando essa passagem sobre formas de se analisar as trajetórias dos autores, gostaríamos de retornar ao tópico da agência. A agência atribuída aos agentes do sistema literário complexo pressupõem que estes orientam suas ações em diferentes pontos na trajetória com base em experiências passadas e visando resultados futuros, portanto há toda essa dimensão da agência a descrevermos em nossas pesquisas. Adicionalmente, a importância da trajetória justifica-se pelo papel central da agência em nossa abordagem:

"[...] um componente crucial das capacidades agências de seres humanos como indivíduos e das formas institucionais e outras pelas quais seres humanos se organizam/são organizados coletivamente é a capacidade de vislumbrar futuros e agir em relação ao que foi vislumbrado e trazer à realidade futuros particulares desejados"⁶⁴ (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 188-189).

Agência orientada para a ação e determinante dos resultados passados e futuros da trajetória, e agência que se origina também do coletivo: a agência emerge não só de atores individuais, mas também coletivos com diferentes níveis de organização e capacidade decisória porque, afinal, a agência está presente em todos os níveis (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 193). Assim, entendemos que os agentes precisam ser caracterizados em cada etapa de sua jornada juntamente com aqueles com os quais interagem.

O trabalho com narrativas qualitativas baseadas em textos é de mapeamento de processos em uma narrativa sequenciada construída como uma história. Reforçamos aqui a necessidade de produzirmos narrativas: a trajetória também

63 "[...] complex systems [...] do not have an infinite set of possible future states but rather a limited set of more than one but less than too many to comprehend"

64 "[...] a crucial component of the agentic capacities of human beings as individuals and of the institutional and other forms into which human beings are collectively organized/organize themselves is the capacity to envisage futures and act both in relation to what is envisaged and to bring to be particular desired futures"

emenda a necessidade de os resultados serem integrados em uma narrativa à medida que são colhidos, já que narrativas implicam em sequenciamento temporal (BYRNE; CALLAGHAN, 2014: 187) e se prestam bastante naturalmente à escrita da trajetória. Soma-se a isso a demanda de nosso aliado método de descrição, o método ANT de Latour (2007), que conjuga as narrativas como resultado e também como laboratório de suas pesquisas – é na narrativa final que constrói o pesquisador que temos todo o peso de seu trabalho, segundo Latour.

Estamos prestes a terminar o capítulo 2: resta apenas a lista de termos que servirá de referência para o instrumental conceitual que apresentamos ao longo do texto até aqui.

2.5 LISTA DE TERMOS

Abaixo consta uma lista com os principais termos deste trabalho. Cada entrada apresenta um conceito diferente seguido de uma breve definição e a página em que o conceito é apresentado pela primeira vez. Esta lista de termos será útil como referência para o capítulo a seguir e sua tarefa de ilustrar como as contribuições teórico-metodológicas de nossa pesquisa podem apresentar-se em análises.

Rede: mapa de interações (iterativas) de determinado agente no tempo-espço (p. 67).

Agente: elemento do sistema capaz de fazer outros elementos do sistema agirem (p. 67).

Fase: descrição do estado de coisas de um sistema (como caracterizado segundo determinados parâmetros) (p. 68).

Atrator: estado para o qual confluem elementos do sistema em sua evolução (p. 69).

Categoria: delimitação mais ou menos rígida de um tipo de sistemas (como caracterizado segundo determinados parâmetros); atratores tendem a ser o centro

de um grupo de sistemas que por essa razão são definidos como membros de uma mesma comunidade, uma mesma categoria (p. 68).

Parâmetro: dimensão de análise para determinado estudo considerada fundamental (p. 71).

Trajétória: sucessão de fases de um sistema ao longo do tempo-espço (p. 73).

Tendência: movimentos comuns detectados por meio de um estudo que se apresentam no comportamento de um grupo de sistemas considerados (p. 76).

Ao fim do capítulo, temos em nossas mãos as diretrizes para a definição, a descrição, a trajetória e as comparações que resultam em tendências em nossos trabalhos. Nosso objeto de análise a seguir é o estudo de Pierpont (2015) sobre Philip Roth, escritor estadunidense e portanto agente dentro de um sistema literário em sua vida profissional, sendo que nossa avaliação tem como enfoque discutir as possibilidades que tal estudo revela e como nossas contribuições teórico-metodológicas aproximam-se ou afastam-se desse estudo.

O estudo é desenvolvido como forma de inter-relacionar autor, obras, circulação, crítica e demais elementos relevantes do sistema literário para assim tecer uma descrição em narrativa da rede sob análise. A análise da biografia escrita por Pierpont é um meio para o nosso fim maior: apresentar uma metodologia de estudo para sistemas literários complexos. Aqui terminamos a discussão metodológica geral e seguimos para a análise, no capítulo 3.

3. “ROTH UNBOUND” DE CLAUDIA ROTH PIERPONT E A CARREIRA LITERÁRIA DE PHILIP ROTH

Apresentaremos a seguir nosso último capítulo. Nesta última etapa do trabalho já passamos por algumas críticas aos modelos tradicionais de pesquisa da área dos estudos literários, já realizamos aproximações entre o campo e os estudos de complexidade, já discutimos um vocabulário que sirva aos debates sobre sistemas complexos e também as contribuições teórico-metodológicas que propomos. cremos que agora é um bom momento para desenvolvermos um estudo, mesmo que não profundo, de sistema literário complexo, como uma amostra de como funcionariam os estudos de sistemas literários como sistemas complexos. Nosso objetivo principal era a discussão da teoria subjacente ao quadro de referência da complexidade e a proposta que apresentamos como resposta, mas introduzimos o presente capítulo apenas como um espaço de aplicação inicial que fomenta nossa discussão.

O objeto de análise neste capítulo será o livro *Roth libertado* de Claudia Roth Pierpont, uma biografia que enfoca a carreira literária de seu objeto, Philip Roth. Trata-se de um estudo completo a partir do qual desenvolveremos uma redescrição com o instrumental da complexidade, reenquadrando os fenômenos e assim apontando para a pertinência de nossas contribuições teórico-metodológicas para a área dos estudos literários.

Este capítulo está subdividido em uma apresentação rápida sobre nosso objeto de análise, comentários sobre o livro e sobre sua autora (3.1), e então breves estudos que contrastam os resultados obtidos pelo trabalho de Pierpont e os resultados advindos de estudos iluminados pelas nossas discussões teórico-metodológicas (3.1 e 3.2).

3.1 CLAUDIA CONTA PHILIP

Nossas discussões sobre sistemas de complexidade e sobre os aspectos teórico-metodológicos que propomos neste trabalho levam-nos neste momento para

a discussão sobre o estudo que analisamos e comparamos para fins de demonstração. Nosso objeto de análise neste capítulo é a biografia literária escrita por Claudia Roth Pierpont (2015) sobre a vida e a obra de Philip Roth. Ambos Claudia e Philip são figuras de relevo em seus campos (embora, claro, o nome de Philip Roth tenha muito maior alcance em sua qualidade de escritor internacionalmente reconhecido). Assim, com dois nomes de interesse, um trabalho escrito por Claudia sobre Philip consegue alcançar um patamar de referência que chama a atenção de críticos e estudiosos da literatura.

Claudia Roth Pierpont trabalha há muitos anos no campo de estudos literários. Com estudos formais de doutorado em renascença italiana, sua trajetória como professora e crítica a colocou em posição para conhecer Philip Roth, estabelecer amizade e realizar entrevistas com o escritor. Pierpont é uma crítica reconhecida pelo seu trabalho escrevendo sobre cultura há mais de 20 anos no *The New York Times*, grande jornal estadunidense. Dessa forma, explica-se a forma com que o trabalho biográfico é também entrelaçado com seus interesses como crítica de literatura e cultura de Pierpont.

Como é comum em biografias, Pierpont descreve a vida de Roth de forma, em linhas gerais, cronológica. Habilmente, no entanto, a autora não permite que seu trabalho seja apenas um relato de fatos em uma linha do tempo em linguagem verbal. As contribuições de Roth, seja quando humorísticas e curiosas ou sérias e mais analíticas, dão bastante cor ao texto também. Pierpont aborda relações pessoais, familiares e profissionais, de maneira a localizar Roth em diferentes círculos sociais, por vezes de interesse amplo para as discussões de cultura. Há também a discussão de episódios marcantes como os fins de relações amorosas ou falecimentos à sua volta. Todo o livro é centrado nas obras publicadas pelo romancista – incluindo aí os textos de não-ficção. Assim, as passagens dedicadas a retratar a escrita de *I Married a Communist* (1998) tratam também, mas secundariamente, da relação de Roth com sua segunda esposa, Claire Bloom, naquela época (PIERPONT, 2015: 207-214).

De publicação em publicação, acompanhamos a história de vida de Philip Roth, sempre nos debruçando principalmente sobre sua carreira literária. Mesmo ao descrever as relações pessoais de Roth, Pierpont mantém o enfoque em como

essas relações eram matéria-prima para a produção literária de Roth. Segundo Pierpont mesma introduz: "*Roth libertado* é, em essência, uma investigação do desenvolvimento de Roth como escritor e uma consideração dos temas, reflexões e linguagem de sua obra" (PIERPONT, 2015: 7). A seleção deste trabalho para discutir os ganhos dos estudos de sistemas literários como sistemas complexos vem em razão das coincidências em conteúdo e abordagem que encontramos, observado que é mediante essa linha de orientação que, por exemplo, temos uma maior apresentação das amizades de Roth dentro do campo literário em si.

Entende-se que a biografia não foi escrita para revelar "fofocas" ou intimidades. Não é esse o tipo de material que compõe o grosso do trabalho de Pierpont, pois a autora entrega uma biografia que poderíamos chamar literária, um relato da vida de escritor de Roth. Nesse sentido, é também bastante fortuito que na maior parte do livro lidemos com o texto de uma crítica literária que faz uma leitura cerrada de toda a obra publicada de Philip Roth. Claudia Pierpont insere, por exemplo, comentários negativos sobre *Everyman* (2006), tecendo o seu texto crítico entremeadado pelo biográfico. Pierpont avalia cada obra do autor e faz observações acerca de passagens, de estilo e outros atributos da literatura (PIERPONT, 2015: 257-260). O trabalho final é de grande valor pelas contribuições do próprio biografado, mas também pelo texto da biógrafa e crítica literária. Com a leitura de *Roth Libertado* acessamos a biografia de Philip Roth, mas de uma determinada maneira, a maneira em como a biografia do romancista é digerida pela crítica literária, em seu valor para os estudos literários.

Nosso trabalho com esse livro mais especificamente vem pelo interesse na maneira com que Pierpont, ao descrever a trajetória de vida e carreira de Roth, faz aos poucos emergir uma imagem complexa de seu meio. Vemos, por exemplo, como marcos históricos influenciaram diretamente o escritor em sua forma de lidar com seu mundo, pois Roth foi bastante impactado pelos relatos da Segunda Guerra Mundial e dos esforços nacionais nas batalhas. Os Estados Unidos chegavam para o pequeno Roth por meio de uma série de nomes do país de proporções continentais e que eram tão diferentes quanto eram as paisagens que representavam – Roth reporta: "Os nomes tomavam conta de mim e eu pensava: 'Este é um grande país'." (PIERPONT, 2014: 22). É relevante que as dramatizações

e os nomes transmitidos pelas ondas da rádio fossem tão interessantes para Roth, pois ali já temos pistas de um traço do Roth adulto que se identifica como um autor mais orientado pelo auditivo do que pelo visual.

Evidentemente, em nosso texto há um processo avaliativo próprio, além da síntese biográfica que faz a crítica literária Claudia Pierpont. A nós tocará tomar Roth Unbound como nosso objeto de estudo especificamente em como a metodologia que propomos dialoga com os resultados de Pierpont. Buscamos descrição, mudança de estado e trajetória, buscamos o trabalho com uma rede de elementos interna ao sistema literário e na qual Philip Roth é o agente central. O trabalho de Pierpont mostra-se valioso em comprovar as possibilidades que a biografia encerra e que demandam a investigação pelos estudos literários, assim como dá fomentos a uma discussão metodológica que pode sugerir outros percursos. Primeiramente exploraremos brevemente o período de formação do Philip Roth escritor, o que nos renderá algumas observações interessantes sobre sua inserção no campo literário e resultante posicionamento como um importante agente dentro do sistema literário. A segunda opção que fizemos, pela década de 70, se deu para que pudéssemos enfatizar as diversas relações internacionais que a rede do sistema literário que cercava Roth naquele tempo cultivaram – foram amizades, contatos profissionais, edições, traduções, entre outros. Esperamos que voltar às discussões sobre a globalização em seus efeitos sobre o sistema literário que apontamos no começo de nosso texto possam encontrar bastante eco neste recorte que fizemos e assim "fechar um círculo" com a nossa proposta de discussão teórico-metodológica.

3.2 A FORMAÇÃO DO PHILIP ROTH ESCRITOR

Philip Roth é estadunidense, filho de judeus de primeira geração em solo americano e neto de imigrantes europeus. Ser um estadunidense de segunda geração é uma das marcas biográficas que o autor imprime em sua obra literária e Pierpont toma o cuidado de introduzir o desenvolvimento da identidade

estadunidense de Roth a cada diferente fase de sua vida até sua madurez, um dos indícios da importância desse aspecto como parâmetro de análise de sua obra.

Roth cresceu fazendo parte de uma comunidade judia fortemente atrelada a sua herança judaica trazida do Velho Continente. O bairro em que cresceu em Newark era um bairro majoritariamente de judeus e seus círculos sociais orientavam-se muito pelas tradições étnicas e religiosas que sua comunidade, bastante próxima e um tanto fechada, cultivavam. Sendo um judeu que nasceu e cresceu nos Estados Unidos e com pais já nativos do país, Philip Roth faz parte da primeira geração de judeus que, depois da onda imigratória de seus avós, sentem-se genuinamente estadunidenses.

“Os pais de Roth, Herman e Bess Roth, haviam nascido e crescido em Nova Jersey — ‘americanos desde o primeiro dia’, como ele diz. Como tantos outros de sua geração, acabaram se tornando para seus filhos uma espécie de anteparo entre o velho mundo e o novo.” (PIERPONT, 2014: 18).

Philip Roth cresceu, portanto, completamente inserido nos Estados Unidos da América. Ainda, no entanto, a sociedade no seu entorno imediato era bastante identificada como judia e apenas em camadas mais exteriores, digamos, a sociedade que Roth via era também genuinamente estadunidense. Pierpont traz relatos de Roth que aos poucos sinalizam o orgulho que ele sentia pelo seu país e o processo pelo qual passou para se sentir realmente integrado a seu país natal. As leituras do jovem Roth contribuíram para seu processo de formação como futuro escritor e começaram com leituras de “aventuras marinhas” e então passaram para paixões nacionais: Roth lia muitos romances esportivos. Tratavam-se de romances de *baseball* que falavam da América que Roth não havia ainda sido capaz de internalizar completamente:

“Roth tinha apenas doze anos quando entrou no colegial e, embora os livros dados em classe não lhe interessassem a mínima — ele se lembra de ter se entediado com *Silas Marner* e *Scaramouche* —, era fascinado por livros sobre beisebol e pelo esporte em si.” (PIERPONT, 2014: 23).

Beisebol fazia parte do imaginário do país, assim como as narrativas que

chegavam pela rádio. Assim, no livro que discutimos neste capítulo conseguimos acessar, por exemplo, as complexidades na relação de Roth com sua nacionalidade e com sua etnia. Levando em conta as proposições de nosso trabalho, poderíamos dizer que a questão de identidade cultural de Roth é um **parâmetro** para pensarmos o autor como o **agente** de uma **rede** no sistema literário e ali mapearmos sua **trajetória** de produção.

Sua formação dava-se pelo esporte, pela rádio, “[m]as livros eram importantes e aqui também a América foi fundamental para definir seus interesses. Roth tornou-se leitor ávido dos romances históricos de Howard Fast [...]” (PIERPONT, 2014: 23). Gradativamente, a literatura começou a ocupar um espaço maior entre as paixões de Roth (mesmo que o beisebol não tenha sido abandonado). Literatura de aventuras marinhas, tramas de beisebol, romances históricos dos Estados Unidos... “Todas as semanas, Roth ia de bicicleta à biblioteca de Weequahic e enchia o cesto com livros.” (PIERPONT, 2014: 24). Entendemos que era um momento de formação para o grande leitor e escritor que Philip Roth viria a ser. “Roth estava entrando naquela fase maravilhosa, diz, em que ‘tudo é importante e nenhum livro é ruim’.” (PIERPONT, 2014: 24).

Roth amadurecia: formou-se no ensino médio com 16 anos e matriculou-se para estudar na Universidade Rutgers no ano seguinte, em 1951. Nessa época Roth trabalhou em um almoxarifado e depois em uma fábrica para ver de perto um pouco do país que ele agora conhecia tanto pela literatura. As brigas com o pai, uma figura autoritária, tornavam-se mais frequentes. O resultado das diferenças entre os dois homens (agora que Roth era também já um homem adulto) foi que Philip Roth decidiu sair de casa.

Para o seu segundo ano de faculdade, Roth transferiu-se para a Universidade Bucknell. Roth teria seu próprio espaço a uma “distância segura” na região rural da Pensilvânia, enquanto seus pais seguiam em Newark, cidade em Nova Jérsei. Em adição a isso, tratava-se de uma “[...] instituição fundada por batistas, situada em meio a milhares, também atendia a seu desejo cada vez maior de vivenciar a ‘América’: o país não imigrante, não étnico dos filmes, dos livros e, em particular, de seu então ídolo literário, Thomas Wolfe.” (PIERPONT, 2014: 25). A

literatura seguiu sendo uma dimensão marcante da vida de Roth e ele começa a tomar a literatura como seu interesse principal:

“A ambição lírica de *Look Homeward, Angel* e dos demais livros de Wolfe — Roth já havia lido todos quando foi para Bucknell — o fez desistir da ideia de estudar direito e intensificou seus laços com a literatura: não tanto pela beleza de sua prosa, diz (embora Wolfe oferecesse isso também), mas como expressão de apetite, busca e liberdade. [...] Roth lembra como Wolfe o impressionou pelo ‘franco anseio por uma existência épica, por uma existência americana épica’. Ele tinha esperança de encontrar algo parecido em Bucknell. A vida em uma cidade pequena, os edifícios cobertos de heras, uma biblioteca com um campanário branco e um carrilhão, as fraternidades universitárias (ainda que tenha ingressado na única fraternidade judaica e se retirado pouco mais de um ano depois), os serviços religiosos compulsórios (mesmo que fosse para ficar lendo Schopenhauer no banco da igreja). Roth pode ter tido uma infância tipicamente americana, mas ele começava a suspeitar que nunca conhecera um americano de verdade em Newark.” (PIERPONT, 2014: 25-26).

Roth junta-se à revista literária *Et Cetera* na Universidade Bucknell, na qual começa a publicar histórias e da qual torna-se o editor no terceiro ano de seus estudos. Na mesma época começa também a ser reconhecido em suas aulas de literatura. Esse foi o período em que J. D. Salinger, depois da publicação de *The Catcher in the Rye*, tornou-se um autor de bastante interesse para o jovem autor Philip Roth e ele “vasculhava tudo que havia de Salinger” (PIERPONT, 2014: 28). A escrita de Salinger era bastante estimulante para Roth, ele comenta que era a “a voz, a intimidade” (PIERPONT, 2014: 28) que lhe atraía. Há de se notar que àquela altura as aulas de literatura não cobriam autores contemporâneos, então podemos ler essas explorações de Roth como uma busca por uma atitude frente ao literário que estivesse de acordo com o momento histórico que vivia e não outro. O último ano em Bucknell Roth passou procurando periódicos literários onde pudesse publicar suas histórias. Foi nesse ano que Roth descobriu, lendo o periódico *Commentary*, a obra de Saul Bellow, autor que seria uma grande inspiração para toda a sua vida.

“Ele releu o romance de Bellow durante seu primeiro ano de pós-graduação na Universidade de Chicago, um ambiente intelectual inteiramente distinto. E, de repente, seus olhos se abriram para o tipo de literatura que um judeu poderia escrever sobre judeus: efervescente, moderna, consciente. Como exemplo prático para um jovem escritor, *Augie March* lhe mostrara que ‘é possível incluir tudo em um livro’, diz Roth, ‘até mesmo o pensamento — o

que contraria diretamente Hemingway, que era então o mestre supremo'. Apesar do extraordinário frescor do livro, Roth pressentiu certa continuidade com outro mestre literário, já meio fora de moda, seu antigo herói Thomas Wolfe. Bellow também havia lido Wolfe com fervor, ressalta Roth, e as correspondências são claras: 'a efusão da linguagem, o senso épico da vida, os personagens desmesurados, a paixão pela grandeza americana'. Mas seu novo herói literário, diz Roth, era 'um gênio por inteiro'." (PIERPONT, 2014: 29).

E para completar o elenco de "mestres" da escrita, digamos, havia também Bernard Malamud, quem Roth leu em seguida de Bellow. A obra de Malamud era menos iconoclasta que a de Bellow, aos olhos de Roth, mas era também uma referência entre escritores judeus (e, de quebra, Roth apreciava que Malamud havia sido capaz de escrever "literatura adulta" sobre beisebol). Para Roth

"[...] a lição mais importante que esses dois grandes escritores lhe ensinaram foi que as histórias que escreveram sobre a vida em família em Chicago ou no Brooklyn eram 'tão válidas como a Paris de Hemingway ou a Long Island de Fitzgerald' e que a experiência judaica podia ser convertida em literatura americana." (PIERPONT, 2014: 29).

A biografia de Pierpont até aqui já se prova de grande proveito para pensarmos a formação do escritor Philip Roth. O agente é constituído dentro de uma matriz cultural estadunidense e judia simultaneamente e sob forte influência do cânone literário já estabelecido. Roth até mesmo estuda literatura de língua inglesa no nível superior, o que dá indícios da estrutura que está estabelecida antes mesmo da chegada do **agente** em foco. Os sistemas educacionais básico e superior dão ao autor uma fundamentação tradicional dentro do sistema literário, introduzindo-o pouco a pouco aos autores que se estabeleciam à época (vimos menções a Howard, Wolfe, Hemingway, Salinger, Bellow, Malamud). Apresenta-se assim a formação de um *habitus* típico dentro do sistema literário no rapaz, fruto de sua iniciação e avanço dentro do campo do estudos literários. Também estão presentes na seleção biográfica que temos até aqui algumas das pistas sobre como Roth negocia por meio de sua reflexividade uma ação que lhe permita produzir a sua própria obra. As questões de identidade cultural estadunidense e judia são negociadas tendo outros autores como modelo, mas também a partir de sua experiência individual no mundo.

É a partir desses marcos que os contos de Roth começam a surgir na prensa: "A conversão dos judeus' e 'Epstein' foram escritos durante o ano que passou no

Exército, a partir do outono de 1955, quando tinha 22 anos” (PIERPONT, 2014: 29). Depois de um ano de pós-graduação, Roth alistou-se por vontade própria no exército. Por conta de uma lesão nas costas (que o afetaria a vida toda), acabou sendo remanejado dentro do corpo militar e nunca participou de nenhuma batalha.

Sobre os primeiros trabalhos que partiam da sua experiência de vida, inclusive como judeu, Claudia Pierpont analisa: “As histórias que levou consigo do Exército mostram um ouvido notável para o modo de falar das pessoas comuns e uma renovada confiança nessa aptidão” (PIERPONT, 2014: 30). Também nesse período Roth apaixonou-se pela música clássica, paixão que nutrirá por toda a vida. Como já havíamos mencionado, o característico talento de Philip Roth em trabalhar com estímulos auditivos marcava sua trajetória pessoal e profissional. Desde 1956 Roth trabalhava como professor de literatura, depois de terminar seu mestrado e voltar do exército, e a primeira publicação, *Goodbye, Columbus*, começa já a se formar em 1957, sendo a publicação em 1959.

O livro *Goodbye, Columbus*, publicado quando Roth estava com 26 anos, causou reações da comunidade de crítica literária e da comunidade judaica. Enquanto para os primeiros os contos ali presentes (saídos em publicações anteriormente, quando suscitaram as primeiras resenhas) tinham um frescor, para os últimos os contos lhes pareciam absurdos. A ferida da perseguição aos judeus durante a Segunda Guerra Mundial, todo o estigma, ainda estavam muito recentes. Até ali as tematizações de judeus eram sempre por perspectivas positivas e Roth, ao humanizá-los com lados negativos também, para muitos estava cruzando uma linha proibida.

Em 1960, a obra recebeu o *National Book Award*, um feito impressionante, especialmente em se considerando a idade do autor e o fato de que era seu primeiro livro – era o reconhecimento da crítica literária. No verão de 1964, porém, saía em uma publicação para rabinos, *To Our Colleagues*, uma das críticas mais afiadas ao trabalho do jovem Roth, da qual tiramos o trecho abaixo:

“Philip Roth, famoso por ‘Goodbye, Columbus’, constantemente representa personagens judeus em seus contos e romances como criaturas depravadas e lascivas [...] A única conclusão lógica que qualquer leitor inteligente poderia tirar de suas histórias e livros é que este país – não, o

mundo – seria muito melhor e um lugar mais feliz sem judeus”⁶⁵ (MISHRA, 2002).

O artigo foi escrito pelo Rabino Saul I. Taplitz e em nosso texto funciona como uma amostra do tipo de crítica que o trabalho de Philip Roth recebeu à época de dentro da própria comunidade de judeus nos Estados Unidos.

O livro acompanha, dentre outras histórias, alguns meses da vida de Neil Klugman, um rapaz judeu, e sua história de amor com Brenda Patimkin, uma garota judia. Longe de ser uma história de amor retumbante, no entanto, acompanhamos um relacionamento de pouca profundidade emocional construído sobre a atração sexual que sentiam os dois personagens. Neil mora em Newark com sua tia, seus pais moram em outro estado, e o rapaz já terminou seus estudos colegiais. Sua fé é uma parte pequena de suas preocupações – em compensação o sonho americano lhe chama bastante a atenção. É bastante interessante a exploração dos valores de uma família de classe média que a história proporciona também: Neil passa bastante tempo interagindo com a família de Brenda e fica perceptível o quanto aquela família também está afastada dos valores judaicos e enraizada na busca estadunidense por prosperidade e destaque social.

Desde o começo da novela fica claro que a profundidade emocional dos personagens é pouca e que questões de materialismo ocupam muito mais suas mentes. Logo após o primeiro beijo entre os dois, Neil faz referência ao interesse que tem pelo físico da garota e a consciência que ele tem da diferença de classe entre os dois:

“Foi como o bater de asas, pequeninas asas não maiores que seus peitos. A pequenez das asas não me incomodava – não seria necessária uma águia para me erguer os torpes cento e oitenta pés que fazem das noites de verão em Short Hills tão mais frescas do que são em Newark”⁶⁶ (ROTH, 1989: 27).

65 “Philip Roth, of ‘Goodbye, Columbus’ fame, constantly depicts the Jewish characters in his short stories and novels as depraved and lecherous creatures [...] The only logical conclusion any intelligent reader could draw from his stories or books that this country – nay that the world – would be a much better and happier place without Jews”

66 “It was like the fluttering of wings, tiny wings no bigger than her breasts. The smallness of the wings did not bother me – it would not take an eagle to carry me up those lousy hundred and eighty feet that make summer nights so much cooler in Short Hills than they are in Newark”

Neil percebe um tremor passando pelo corpo de Brenda no momento do primeiro beijo, tremor que ele compara ao *flutter* de pequenas asas – trata da atração sexual entre os dois. Seu próximo comentário passa rapidamente para a diferença social entre os dois, pois Neil acena para o caminho que se abre para ele por meio desse relacionamento de erguer-se de Newark, a cidade onde se localiza a comunidade judia de condições mais simples, para Short Hills, o subúrbio onde agora moravam os Patimkin, empreendedores bem-sucedidos que se mudaram quando sua condição econômica melhorou e possibilitou que se diferenciasssem dos outros judeus da região.

De forma similar, o primeiro encontro de Neil e Brenda depois do primeiro beijo é de conversas banais, elogios à aparência um do outro e, como aponta Neil, nenhuma pergunta de Brenda sobre quem ele era (ROTH, 1989: 33). O encontro foi na casa de Brenda e é a primeira vez que Neil entra em contato com os membros da família de Brenda – ao longo do conto eles são desenvolvidos: uma mãe bastante atenta ao que diferencia as vertentes religiosas do Judaísmo, mas de pouco interesse na discussão das ideias em si (*ibid*: 109); um pai centrado nos negócios (*ibid*: 112) e tão focado na aparência da família que paga para que todos os filhos tenham seus narizes tipicamente judeus operados para uma estética mais agradável aos padrões de beleza dos Estados Unidos (*ibid*: 26); um irmão cujo casamento rende oportunidades de refletir mais a fundo sobre as superficialidades da família Patimkin (*ibid*: 127).

O livro *Goodbye, Columbus* inclui ainda outros quatro contos, como os já mencionados “Epstein” e “A conversão dos judeus”, sendo que alguns deles foram publicados anteriormente em veículos como o jornal *The New York Times*. O conto “O defensor da fé” publicado em março de 1959, por exemplo, é uma história

“[a]mbientada num acampamento militar no Missouri durante os meses finais da Segunda Guerra, a história acompanha o progresso moral e emocional de um sargento judeu justo e imparcial — um herói de guerra que acabara de retornar da zona de combate, entorpecido por toda a destruição que presenciara — que é continuamente adulado por um recruta judeu para que lhe conceda favores por conta do vínculo religioso entre ambos. As exigências da solidariedade judaica sempre foram incômodas para os altivos heróis americanos de Roth [...] ‘O defensor da fé’ trata diretamente desse conflito de lealdades: o jovem soldado vigarista quase consegue evitar que o mandem para o front, mas acaba sendo punido pelo sargento — que, apesar do afeto que nutre pelo jovem e das lembranças

familiares que ele despertou, aprova sua transferência, obrigando-o a encarar os mesmos perigos que qualquer outro homem. No final do conto, quando os dois se confrontam ('O seu antissemitismo não tem limite!', grita o jovem enfurecido), o sargento explica que tem de cuidar do bem-estar não de um ou outro povo, mas de 'todos nós'. Esta é a fé que ele defende inequivocamente, sem, contudo, perder de vista a fé da qual teve de abrir mão em nome da outra" (PIERPONT, 2014: 11).

O conto retrata justamente o mesmo tipo de embate, ou "conflito de lealdades", que Philip Roth teve que enfrentar quando foi questionado pela comunidade étnica da qual fazia parte. Um rabino de influência em Nova Iorque teria reagido ao conto com uma carta para a Liga Antidifamação da B'Nai B'Rith perguntando "O que está sendo feito para calar esse homem?", como reporta Pierpont (2014: 10). A Liga teria então marcado um encontro com o escritor: "[...] Roth tende a lembrar de si como ainda mais jovem, como se quisesse mostrar o quanto se sentiu vulnerável quando os anciãos da Liga o convidaram para um encontro a fim de discutirem o problema" (*ibid*). Esse tipo de situação aconteceria ainda de outras formas e em outros diversos momentos da carreira do autor – e novamente aspectos de identidade cultural circundam sua **ação** no sistema literário.

Efetivamente, discutiremos no subcapítulo a seguir uma fase da escrita de Roth que ligava-se, tanto geograficamente quanto literariamente, à Praga, a cidade tcheca, um estado na **trajetória** de Roth em que ele lida com sua identidade estadunidense em relação com uma forte identidade dos judeus europeus de sua ancestralidade. O impacto do Holocausto em Roth não deixará de ser percebido, por exemplo. Os desdobramentos que se revelam na leitura da biografia de escrita por Pierpont apontam para a miríade de ligações entre a vida pessoal, profissional e o meio literário em que Roth circulou. As consequências da "fase de Praga" para a literatura do romancista não foram superficiais, foram temáticas e também composicionais, toda uma nova **rede** de influências literárias que à época estavam longe do alcance do grande público estadunidense. Lemos como Roth havia se conectado fortemente a autores que tratavam pela literatura da história dos Estados Unidos (como Howard Fast, Thomas Wolfe) e autores que eram também judeus e viviam a experiência americana (como Bernard Malamud, Saul Bellow) quando mais jovem, mas sob o novo **atrator** de Praga outros nomes interagem com ele e levam-no a outras estéticas e percepções.

3.3 PHILIP ROTH E A "DÉCADA TCHECA" DE SUA CARREIRA

Nossa análise da carreira de Philip Roth na década de 70 (em uma definição não muito rígida) é a de que ali um grande marco foi a experiência do autor com a cidade de Praga – e a cidade de Praga tomada como metonímia do Leste Europeu e sua tradição literária, sobretudo sua herança kafkiana. Nas páginas que se seguem apresentaremos de forma resumida a descrição que Pierpont (2015) traz em sua biografia, mas gradativamente adicionaremos a esse estudo a nossa própria descrição da rede de interações de Roth no meio literário, analisando o que trouxe Pierpont e o que trouxemos nós com nossas considerações teórico-metodológicas, em um paralelo que contrasta os resultados de ambos. O começo de nossa análise dar-se-á no ano de 1972, o ano da primeira viagem de Roth a Praga.

Em 1972 Roth estava no processo de escrita dos romances de sua fase grotesca, época em que suas obras confluíam para um modelo de tema e uso de recursos do absurdo, grotesco. *Our Gang* é uma sátira ao governo do republicano Nixon que foi publicada em 1971. Os livros *The Great American Novel* e *The Breast*, terminados pouco antes da viagem foram publicados em ordem inversa de escrita em 1972 e 1973 (PIERPONT, 2015: 73). *The Great American Novel* é um romance sobre beisebol, romance onde Roth colocou tudo o que sabia sobre o esporte, incluindo as pesquisas que fez em Copperstown, onde fica o hall da fama do beisebol nos Estados Unidos. O livro *The Breast*, uma reutilização do argumento de *A Metamorfose* de Kafka, mas reambientado dentro da linha de escrita de Roth e concebido por último, pouco depois do fim da escrita de *The Great American Novel*. *The Breast* acompanha o professor de literatura David Kepesh em sua transformação em um seio de 1,80m de altura, o que traz à tona debates sobre vida sexual, amor e trabalho. Todos estes romances do começo da década de 70 vieram pouco depois de *Portnoy's Complaint*, de 1969, o primeiro grande sucesso de Philip Roth, um marco com a crítica e com o grande público. Roth chama o livro de "um fenômeno [...] Foi uma experiência como eu nunca viria a ter no futuro ou sequer

que ocorrera comigo no passado"⁶⁷ (WEB OF STORIES, 2018: Portnoy's Complaint).

Bastante diferentes entre si, o que une esses três livros do começo dos anos 70 é o tipo grotesco de todos. Nossa leitura é a de que tratam-se de publicações dentro de uma **fase** de experimentação do autor na qual o projeto de escrita do grotesco se desenrolava e onde o sucesso de *Portnoy's Complaint* funcionou como o **atrator** de uma série de obras que podem ser catalogadas na mesma **categoria fuzzy**. Em sua entrevista para o portal Web of Stories, Roth faz uma avaliação de sua produção dessa época que ajuda a corroborar nossa análise: "Depois de *Portnoy's Complaint* [...] o que eu estava fazendo era tentar descobrir quão longe eu poderia ir com o grotesco. De certa forma eu tinha começado, é claro, em *Portnoy's Complaint*, que é um livro grotesco"⁶⁸ (WEB OF STORIES, 2018: Farce) e segue a conversa apresentando os romances desse projeto. Gooblar (2011) desenvolve uma análise na mesma linha:

"Os três livros que Roth escreveu no quatro anos após a publicação de *Portnoy* podem todos ser descritos como experimentais. Houve *Our Gang* (1971), uma sátira política de Nixon e seu governo, *The Breast* (1972), uma fábula fantástica de um homem que é transformado em um peito e *The Great American Novel* (1973), um pastiche loucamente cômico de 'histórias de pescador' e contação de histórias paródica sobre, de todos as coisas, baseball. Nenhum desses livros era como o que Roth havia escrito antes e, em sua maior parte, eles carregam pouca semelhança com qualquer coisa que ele escreveu desde então. Esses pareciam ser os livros de um escritor que, uma vez liberto de quaisquer amarras que o mantinham confinado quando um jovem escritor, faria qualquer coisa para não voltar a ser enjaulado"⁶⁹ (GOOBLAR, 2011: 59).

67 "a sensation [...] it was an experience unlike any I was ever to know in the future and unlike any that had happened to me in the past"

68 "After *Portnoy's Complaint* [...] what I was doing was trying to find out how far I could get with farce. In a way I'd begun that, of course, in *Portnoy's Complaint*, which is a farcical book"

69 "The three books that Roth wrote in the four years following *Portnoy's* publication can each be described as experimental. There was *Our Gang* (1971), a political satire of Nixon and his administration, *The Breast* (1972), a fantastical tale of a man who is transformed into a breast, and *The Great American Novel* (1973), a wildly comic pastiche of tall tales and parodic storytelling about, of all things, baseball. Each of these books was like nothing Roth had written before, and, for the most part, they bear little resemblance to anything he has written since. These seemed to be the books of a writer who, once he had broken free of any bonds that may have confined him as a young writer, would do anything not to be jailed again"

O pesquisador adiciona aqui que outro fator por trás dessa fase seria a vontade de Roth de não voltar a categorias anteriores, fases anteriores de produção, onde o autor sentia-se confinado. Assim, identificamos o estado anterior da produção de Roth em sua **trajetória**. Ainda acompanhados de Gooblar, queremos traçar a trajetória de Roth um pouco mais para o passado e delinear qual teria sido o estado anterior a essa fase grotesca ou de experimentação.

Antes de avançarmos no passado da trajetória de Roth, é relevante frisarmos alguns pontos metodológicos que já se apresentam. Primeiro, observe-se que o trabalho de Pierpont traz a visão do próprio Roth ao debater diferentes aspectos de sua vida, o que está em consonância com nossa metodologia em dois pontos já previamente elaborados: nossa orientação pelo método da Teoria Ator-Rede, que urge que integremos a voz dos atores relevantes em nossa narrativa, e o conceito de reflexividade de Archer, o qual julgamos transparecer no relato do indivíduo sobre suas ações. Sendo assim, mantemos coerência com nossos fundamentos quando damos ao escritor espaço para contribuir mais diretamente para nossos resultados. A segunda questão metodológica que sinalizamos é a de que, em nossa análise do agente Philip Roth em uma rede no sistema literário, as fases no espectro estão sendo monitoradas por meio das obras literárias que ele publica, então os trabalhos literários são os **parâmetros** que estamos utilizando. Por trás disso há uma racionalização sobre qual(is) parâmetro(s) melhor pode(m) retratar as diferentes fases na trajetória do agente em questão, tendo em conta que parâmetros são propriedades fundamentais do sistema tornados dimensões de análise – tudo considerando também a escala em que a rede do estudo foi determinada. Ainda debatendo redes, tratamos do último ponto metodológico desta leve digressão, perguntando-nos qual é a rede para esta pesquisa. Entendemos que a rede que contemplaremos será a **rede** de relações de Roth no meio literário, as formais estabelecidas pela editora e as informais de diversas origens durante o período enfocado, nas localidades de Praga e Nova Iorque (principalmente). Lembramos aqui que o destaque tende a ser para as relações novas que iniciam na fase em que centramos, devido ao quão informativas são essas reconfigurações de rede para o estudo longitudinal que devemos manter em vista (**trajetória e tendência**).

Retornando aos primeiros estados da trajetória de Roth: Gooblar (2011) observa que "Ambos os dois sucessos críticos e comerciais de Roth, *Goodbye, Columbus* e *Portnoy's Complaint*, extraem, em um bom tanto, do meio judeu da juventude de Roth, chegando o segundo livro quase ao ponto de esgotar o tema"⁷⁰ (GOOBLAR, 2011: 60). Acreditamos que as publicações desde *Goodbye, Columbus* até *Portnoy's Complaint* estão em uma mesma **categoria fuzzy** a que podemos atribuir um **atrator**: a descoberta da potencialidade do tema da formação da identidade do homem estadunidense judeu, tema que o escritor passou a explorar cada vez mais. Assim, tivemos *Goodbye, Columbus* (1959), *Letting Go* (1962), *When She Was Good* (1967) e *Portnoy's Complaint* (1969) no plano temático de formação do homem estadunidense judeu. O *scandal* (WEB OF STORIES, 2018: Portnoy's Complaint) que foi a obra de 1969 deu o pontapé inicial para uma **nova fase**, agora composta no plano temático (e composicional) do grotesco, incluindo aí as obras *Our Gang* (1971), *The Breast* (1972), *The Great American Novel* (1973), *My Life as a Man* (1974) e *The Professor of Desire* (1977) – Roth explorava um nicho novo ao entrar em uma nova fase de sua produção.

Nosso enfoque neste capítulo será a **transição de um atrator para outro** que ocorre logo depois das duas primeiras fases da trajetória de Roth. Discutimos aqui a fase que começa, embrionária, a partir da primeira viagem a Praga e ao longo dos anos posteriores até efetivamente resultar em romances publicados a partir de 1979 com *The Ghost Writer*.

Em 1972 Philip Roth chega a Praga interessado em conhecer a "cidade de Kafka", autor que havia demorado a vir conhecer e com o qual à época trabalhava em seus cursos na Universidade de Pennsylvania (WEB OF STORIES, 2018: Prague, Kafka, and more...). Philip já tinha o costume de presentear-se com viagens como recompensa por sua produtividade e sua "desculpa" para estar na Tchecoslováquia era uma visita que faria ao "conselho editorial de sua editora tcheca". Só que ao fim do encontro uma das editoras chamou-o para um almoço e, para a surpresa de Roth, revelou que aqueles que ele havia conhecido eram apenas fantoches do governo, pois em uma medida de censura o time editorial original

70 "Roth's two critical and commercial successes, *Goodbye, Columbus* and *Portnoy's Complaint*, each draw on, to a large extent, the Jewish milieu of Roth's youth, the latter book seemingly almost to the point of exhausting the subject"

havia sido todo demitido. "E ofereceu-se para apresentá-lo à 'verdadeira' Praga literária" (PIERPONT, 2015: 81). Foi nessa ocasião que Roth conheceu Rudolf e Luba Pellar, casal que havia traduzido *Portnoy's Complaint* (publicação impossível naquele cenário político, mas que circularia em pequena escala em cópias de papel carbono). Essa primeira visita foi em 1972 (PIERPONT, 2015: 80), mas o autor voltaria outras vezes para a capital tcheca até que ele não fosse mais permitido entrar a partir de 1977 (PIERPONT, 2015: 91).

Por mais curta que essa primeira viagem houvesse sido (foram poucos dias), Roth agora estava entrando em uma **nova fase** em que Praga (o **novo atrator**) e Kafka o levaram a um resgate da cultura do Leste Europeu e "[...] Roth mergulhou a fundo nesses temas: história tcheca, literatura tcheca, cinema tcheco" (PIERPONT, 2015: 82). Ele fez um curso sobre cinema tcheco, buscou contato com obras literárias traduzidas e com pessoas vindas da Tchécoslováquia,

"Roth leu todos os romances tchecos traduzidos que conseguiu encontrar e sua vida passou a girar mais e mais em torno de coisas tchecas: jantava frequentemente em um dos restaurantes tchecos em Yorkville, onde acabou fazendo parte de uma roda sempre crescente de pessoas" (PIERPONT, 2015: 82).

Um trabalho de Roth que indicava a nova fase de sua produção germinando é apontado por Pierpont:

"Foi nessa época que escreveu um extraordinário conto experimental, um vislumbre dos novos impulsos criativos em sua obra: "I Always Wanted You to Admire My Fasting"; or Looking at Kafka" ["Sempre quis que você admirasse o meu jejum"; ou Olhando para Kafka"], publicado na *American Review* em 1973 e republicado em 1975 em *Reading Myself and Others*" (PIERPONT, 2015: 82).

Em 1973 Roth volta para Praga, mas desta vez organizando-se para ajudar os escritores locais. Roth encontrou-se com vários escritores e tradutores e um homem chamado Ivan Klíma, também um autor, falava inglês fluentemente e foi o seu intérprete. Sua rede de contato com escritores locais expandia-se gradualmente. Quando estava de saída do país Roth perguntou a Klíma o que era que os escritores mais precisavam e ele respondeu-lhe que o que mais precisavam era dinheiro. De volta a Nova Iorque, Roth criou um esquema de transferência em

que uma lista de quinze escritores tchecos que precisavam de ajuda financeira eram pareados com quinze autores estadunidenses (Roth um dentre eles) e então coordenava os depósitos de cem dólares mensais. Não era uma tarefa fácil, pois o governo totalitário tcheco tinha que ser driblado com um sistema de repasses que fosse difícil de se rastrear. Roth contou a Pierpont sobre o esquema e temos o relato:

"A correspondência dos beneficiários era rotineiramente censurada, é claro, de modo que os financiadores do Fundo Ad Hoc [o esquema de transferência de dinheiro] não podiam lhes enviar cheques. 'Peguei o dinheiro e levei para uma agência de viagens bem popular em Yorkville', explica Roth. 'Procurei uma que fosse realmente mixuruca, a menos provável de ser infiltrada pelo governo, e achei uma bem desmazelada, cheia de papéis empilhados na vitrine, com um funcionário atrás do balcão que lembrava o garçom gordo de *Casablanca*'. Lugares como esse eram especializados em enviar dinheiro para familiares do outro lado da Cortina de Ferro. 'Eu entregava a eles o dinheiro e eles remetiam quinze cupons — cupons *Tuzek* — resgatáveis em dinheiro vivo nos bancos de Praga'. Roth tomava o cuidado de variar as quantias — às vezes enviava dois ou três cupons de baixo valor por mês — e também a data da remessa, para não despertar suspeitas e permitir que até mesmo autores na lista negra pudessem descontá-los. Klíma certificava-se de que todos os cupons eram recebidos e confirmava por meio de mensagens discretas a um primo nos Estados Unidos ou a Roth. 'Foi uma fissura no sistema', reconhece Roth, 'e deu certo'" (PIERPONT, 2015: 85-86).

Com este projeto vemos Roth envolver-se de forma cada vez mais intensa no destino desses autores tchecos. Este esquema de apoio financeiro seguiria por mais alguns anos e Roth, tanto quanto pôde, visitou e participou dos círculos da "verdadeira Praga literária". Foi depois de retornar dessa mesma viagem a Praga no ano de 1973 que Roth tomou outra atitude decidindo levar a produção dos autores que conhecia e gostava de Praga para os Estados Unidos.

"De volta a Nova York, Roth levou esses argumentos e uma lista de obras que admirava para um editor da Penguin Books. O resultado foi a série Escritores da Outra Europa [Writers from the Other Europe], que começou a ser publicada em 1974 e continuou até o advento da Revolução de Veludo e suas liberdades concomitantes, dezessete volumes depois, em 1989. Todos os livros da coleção já haviam sido publicados antes em inglês e as traduções não eram novas, mas 'cada um fora publicado, individualmente, por uma editora diferente, como uma espécie de boa ação', diz Roth, 'e logo sucumbira'. Agora Roth não só estava lançando todos os livros juntos, mas, como editor geral da série, estava sempre lendo novos candidatos, escolhendo a arte da capa e provendo cada volume com uma introdução por um autor de renome, capaz de granjear atenção. Ele próprio escreveu a introdução de um dos primeiros volumes, *Risíveis amores*, de Kundera —

na época, praticamente ninguém nos Estados Unidos sabia quem era Kundera — e outros receberam introduções de autores como John Updike, Angela Carter e Joseph Brodsky. 'Eu queria soltá-los pelo mundo afora em grande estilo', diz Roth, com um leve aceno de mão. 'Foi a minha pequena Hogarth Press' [editora de Leonard e Virginia Woolf]" (PIERPONT, 2015: 86).

Da citação depreende-se que a série *Writers from the Other Europe* foi um grande comprometimento de tempo do escritor que esteve engajado por muitos anos “lendo novos candidatos, escolhendo a arte da capa e provendo cada volume com uma introdução por um autor de renome”. A atração que Praga exerceria sobre a produção literária de Roth não se encerrou no conto “*I Always Wanted You to Admire My Fasting; or Looking at Kafka*”, mas seguiu ao longo de outras obras. Note-se que está implícito que Roth tornara-se a conexão entre duas comunidades que até então não realizavam trocas de recursos. Trabalhamos com a hipótese até mesmo de que a série serve como um parâmetro de controle para medir a atração de Praga sobre Roth e sobre o sistema literário enquanto esteve em andamento – reservamos essa linha de investigação para momento oportuno.

Ainda da mesma citação extraímos um indício da relação de amizade entre os escritores Philip Roth e Milan Kundera – o próprio Roth escreve uma introdução para o trabalho de Kundera. Pierpont reconta que, assim como Klíma, “[o] outro aliado imediato foi Milan Kundera, que falava pouco inglês, mas impressionou Roth como uma figura de forte magnetismo, ‘uma combinação de boxeador profissional e pantera’” (PIERPONT, 2015: 84; as aspas simples indicam a voz de Roth). Roth já havia lido dois trabalhos de Kundera anteriormente e os dois tinham longas conversas “de três ou quatro horas, possibilitadas pelos serviços de tradução da esposa de Kundera, Vera” (PIERPONT, 2015: 84). Kundera era um dentre outros amigos escritores e tradutores em Praga que sofriam com a censura, como Ludvík Vacúlik, Miroslav Holub, Rita Klímová. A **rede** pessoal e profissional de Roth no meio literário expandia-se.

Com este segundo projeto Roth torna-se um agente literário informal de seus amigos de Praga e o editor geral de uma série da Penguin Books por mais de quinze anos. Quando dizemos que Roth foi um agente literário informal é porque seu trabalho coincide com o trabalho de um agente literário, mas em uma situação em que não houve nenhum tipo de formalização contratual em relação a isso.

Entendemos que agentes literários se definem como "[...] administradores do desenvolvimento a longo prazo da carreira de seus autores" (THOMPSON, 2013: 96), como fez Roth em seu trabalho preocupado com a carreira a longo prazo dos escritores que ajudou a lançar nos Estados Unidos, "soltando-os pelo mundo afora em grande estilo". Além disso, se olharmos algumas das tarefas levadas a cabo pelos agentes literários encontramos mais encaixes entre a posição e a atuação de Roth: "[...] Isso [o trabalho do agente literário] se divide em vários componentes diferentes, incluindo os seguintes: preparar propostas e originais para avaliação; divulgar; vender; administrar direitos; administrar carreiras" (THOMPSON, 2013: 86). Até mesmo a preocupação que Roth teve com a estabilidade financeira de alguns dos autores tchecos com os quais trabalhou se assemelha com certa responsabilidade que se atribui ao agente literário, visto que é comum que se pense que "[p]arte dessa função é tentar garantir dinheiro suficiente para que eles [os escritores] se tornem escritores em tempo integral e vivam da escrita" (THOMPSON, 2013: 108). Em entrevista a Pierpont, Barbara Sproul, namorada de Roth naquele tempo, conta que os escritores que haviam conhecido

"Impedidos de receber direitos autorais do estrangeiro e privados de qualquer forma de trabalho intelectual, os melhores talentos literários de Praga, os verdadeiros herdeiros de Kafka, estavam varrendo ruas ou trabalhando em outros empregos subalternos para sobreviver" (PIERPONT, 2015: 85).

Possibilitar que os escritores que conheceu pudessem seguir com suas produções literárias, inclusive lançando-as, era uma das preocupações que Roth tinha na época – e assim entendemos os dois projetos que Roth liderou no começo dos anos 70, o repasse de dinheiro e o lançamento de obras traduzidas. Barbara também compartilha que o casal à época sentia o peso da “responsabilidade” que tinham “como americanos, tínhamos todo esse privilégio, todo esse poder, e o que fazíamos com isso?” (PIERPONT, 2015: 85), revelando parte das reflexões que os motivaram nesses intercâmbios. Infelizmente pouco sabemos sobre as posições dos escritores do Leste Europeu quanto a essa possibilidade de divulgação de suas obras nos Estados Unidos, visto que talvez para eles essa ajuda do casal Philip e

Barbara não fosse um feito tão grande quanto era para os dois estadunidenses – estamos lidando com outra realidade social afinal.

De qualquer forma, a passagem da biografia que estamos comentando é uma amostra de como um trabalho de descrição como este empreendido por Pierpont é capaz de revelar "ecossistemas inteiros" que normalmente cremos escaparem dos estudos literários de modelo mais tradicional. Uma biografia demanda um grande trabalho descritivo sobre a rede de relações de seu objeto e como essa pessoa e as suas redes de relacionamento mudam ao longo do tempo. Nossas propostas coincidem com esses objetivos gerais do trabalho biográfico. No entanto, o método descritivo que utilizamos exige que façamos o trabalho de retratar as redes de interações de nosso agente focado para mais longe porque, diferentemente das biografias, nosso estudo quer trazer maior compreensão do sistema literário em que o autor se encontra, interesse que vai além do interesse no relato biográfico do indivíduo. Além disso, nosso interesse em trajetória fez com que ao menos brevemente definíssemos os estados anteriores da produção rotheana, um trabalho que não é essencial a uma biografia.

Philip Roth tornou-se um escritor de grande estatura nos Estados Unidos e no Ocidente de forma geral, assim sua obra é estudada por diversos pesquisadores e por diversas abordagens. Entendemos, porém, que o conceito de literatura nacional implícito em boa parte da história dos estudos literários modernos faz com que as relações entre romancistas de nacionalidades diferentes, como os que relatamos aqui a partir do trabalho de Pierpont, acabem passando despercebidos, fora do "radar" do pesquisador em estudos literários. As comunidades que construímos em torno do conceito de nação se sobrepõem a outras "comunidades aninhadas", então é eficaz descrever as redes dos agentes e abranger outras conexões, indo mais longe no grau das redes estudadas. Adicionalmente, o presente caso não só lida com relações para além da "comunidade nacional", como também lida com um agente fazendo as vezes de outro tipo de agente no sistema: um escritor trabalhando como agente literário e como editor. Pierpont não conceitualiza essa atuação, seu foco segue na história de vida do homem Philip Roth, mas neste capítulo seguiremos tentando mostrar a largura de suas ações para

além do trabalho de escritor e para dentro de seu papel como agente do sistema literário como sistema complexo.

Muitos foram os escritores do Leste Europeu que se beneficiaram do projeto de Philip Roth. Podemos citar aqui alguns dos vários escritores editados por Roth: Ludvík Vaculík, Tadeusz Borowski, Tadeusz Konwicki, Jerzy Andrzejewski, Bohumil Hrabal e mais. Dentre os lançamentos da série *Writers from the Other Europe* estavam alguns dos livros de Milan Kundera: *Laughable Loves* em 1975, *The Farewell Party* em 1977, *The Book of Laughter and Forgetting* em 1981 e *The Joke* em 1983 (sendo que todos os livros foram publicados pela primeira vez nos Estados Unidos logo no ano anterior e então re-editados para a série) (IVANOVA, 2011: 11-12). Os dois últimos romances, *The Book of Laughter and Forgetting* e *The Joke*, foram traduzidos pelo renomado tradutor Michael Henry Heim, além de outro romance (esse fora da série editada por Roth) de Milan Kundera, *The Unbearable Lightness of Being* em 1984 (THE NEW YORK TIMES, 2012).

Philip Roth acabou indiretamente, por meio da série que editava, relançando traduções esgotadas de diversos profissionais e assim lhes beneficiando. Michael Heim é um exemplo desses tradutores. Ele não era apenas um bom tradutor de várias línguas, mas era também um tradutor e professor bastante influente no sistema literário dos Estados Unidos e da língua inglesa. Homem estadunidense, nascido em 1943 em Manhattan, Nova Iorque, tinha um doutorado em línguas eslavas (mas seu conhecimento ia para além das línguas eslavas) por Harvard e foi professor no departamento de línguas eslavas da University of California – Los Angeles (UCLA) por mais de 40 anos; seu falecimento, devido a um câncer, foi aos 69 anos, em 2012. Entre as suas traduções mais famosas estão, além das traduções de Milan Kundera, traduções de Anton Chekhov, Thomas Mann e Günter Grass (THE NEW YORK TIMES, 2012). Filho de pai imigrante vindo do Leste Europeu, da Hungria (THE IRISH TIMES, 2017), Heim aprendeu pelo menos dez línguas ao longo da vida (THE MILLIONS, 2012), das quais oito foram línguas fontes de suas renomadas traduções (russo, tcheco, servo-croata, alemão, holandês, francês, romeno e húngaro) (THE NEW YORK TIMES, 2012). Seu nome é celebrado em prêmios para tradutores, como o *Michael Henry Heim Prize in Collegial Translation* para a tradução de artigos de línguas do Leste Europeu para o

inglês (H-NET, 2017), e na palestra anual *Michael Henry Heim Annual Memorial Lecture* na faculdade de humanidades da UCLA (UCLA, 2018). Afora tais homenagens, após a sua morte, sua esposa Priscilla permitiu que a organização internacional PEN divulgasse que ela e seu marido haviam sido os doadores anônimos que fizeram com que o fundo para traduções da instituição fosse possível:

"Heim e sua esposa **Priscilla** foram os benfeitores responsáveis pelo Fundo de Tradução PEN ao doarem \$734,000 para lançar o fundo em 2003. **Joshua Daniel Edwin**, um poeta e tradutor que recebeu a premiação este ano, disse que o fundo tem sido um 'holofote de publicidade' para seu trabalho e cumpriu perfeitamente com o objetivo que lhe foi estipulado, o qual é encorajar a publicação de literatura internacional traduzida"⁷¹ (PEN AMERICA, 2018, grifos no original)

Assim ficou revelado que além da carreira como professor e tradutor, Heim havia deixado o legado de uma premiação, a qual foi rebatizada em seu reconhecimento como *PEN/Heim Translation Fund Grant*.

Por mais excessivamente alto que seja o grau da rede incluindo Roth e Heim, nossa intenção é mostrar o quão longe as ações de Roth repercutiram dentro da comunidade literária estadunidense. Roth não havia apenas trazido as obras de tantos autores do Leste Europeu para o Ocidente, como também havia re-oxigenado a circulação de obras literárias traduzidas na sua nação e língua nativas.

Noutro vértice da rede do sistema literário: neste período da carreira de Philip Roth, seu editor era Aaron Asher, famoso editor literário em Nova Iorque. Pierpont relata que Roth trocava de editoras à época para poder seguir trabalhando com Asher, o que ocorreu nas mudanças da Random House para a Holt, Rinehart & Winston em 1972 (PIERPONT, 2015: 73) e depois em 1977 para a Farrar, Straus & Giroux, onde Roth ficaria por catorze anos no total (PIERPONT, 2015: 95) enquanto Asher permaneceria por apenas seis anos (THE NEW YORK TIMES, 2008). Asher e Roth trabalharam juntos por muitos anos e integraram uma mesma comunidade no sistema literário complexo que analisamos. O sucesso de Roth refletia também em

71 "Heim and his wife **Priscilla** were the benefactors responsible for the PEN Translation Fund, donating \$734,000 to launch the fund in 2003. **Joshua Daniel Edwin**, a poet-translator who received the grant this year, says it has been a 'publicity beacon' for his work and has absolutely done what it set out to do, which is to encourage the publication of international literature in translation"

sucesso para Asher e outros profissionais de sua rede profissional. Asher não foi apenas um editor bem-sucedido trabalhando com Roth e outros escritores de peso, como Saul Bellow, Arthur Miller e Milan Kundera, mas também foi tradutor – e novamente trabalhou com Milan Kundera. Em seu obituário a Aaron Asher, o jornal *The Guardian* inclusive destaca essa parceria de tradução: "Ele traduziu vários dos livros de Kundera do francês, incluindo *Book of Laughter and Forgetting* (1996) e *Life is Elsewhere* (2000)"⁷² (THE GUARDIAN, 2008). No fim de sua carreira, Asher trabalhava em seu selo *Aaron Asher Books*, dentro da *HarperCollins Publishers*, pelo qual lançou vários livros de relevo, incluindo aí *The Joke*, um romance por Milan Kundera (THE NEW YORK TIMES, 2008). Essa parceria que Asher e Roth firmaram parece ter levado Asher e Kundera a também começarem uma parceria bastante produtiva.

Descrevendo a rede de interações de Roth nos anos 70, percebemos que as suas relações pessoais e profissionais propiciaram a circulação nos Estados Unidos de diversas produções literárias. Roth foi o nó de conexão entre autores do Leste Europeu e o Ocidente, representado pelos Estados Unidos, por meio de suas viagens entre 1972 e 1977, e para além disso como editor geral da série *Writers from the Other Europe* ("Escritores da Outra Europa") até 1987 (IVANOVA, 2011: 12). Entendemos que nesta etapa da carreira de Roth, ele foi uma conexão, alguém que proporcionou trocas entre duas comunidades do sistema literário complexo, aquela da qual fazia parte em Nova Iorque e aquela que conheceu em Praga. Dinâmicas inesperadas emergiram dessas trocas e mudaram a trajetória de ambas as comunidades, como, por exemplo, pelo lançamento de Milan Kundera, autor que à época em que conheceu Roth não poderia ter sua produção circulando, já que estava ainda dentro do regime de governo totalitário na Tchecoslováquia. Longe de ter sido somente uma intervenção no circuito de ideias, o impacto que a série teve ao re-editar as traduções de Michael Heim e de propiciar ao editor Aaron Asher um novo contrato de sucesso com Kundera foi considerável nos planos da tradução, edição e outros do sistema literário complexo. Entendemos que as contribuições teórico-metodológicas que propomos, em sua etapa de descrição, demonstram

72 "He translated several of Kundera's books from French, including *Book of Laughter and Forgetting* (1996) and *Life is Elsewhere* (2000)"

como ao levar em conta mais agentes do sistema literário, trazem novas percepções se comparada com a metodologia do estudo biográfico, como é o caso de Pierpont, ou se comparada com as metodologias de estudo literário mais tradicionais.

Em outra dimensão, a descrição de rede que desenvolvemos acima fala também das redes de influência literária entre autores. Subjacente ao que já discutimos em termos de circulação literária, há aqui uma série de influências que saltam de uma obra a outra, de um autor por outro, e que por meio do projeto de resgate da literatura de autores do Leste Europeu, Roth alimentou. A série editada por Roth não permitiu apenas que os autores do Leste Europeu com que trabalhou fossem lidos e que os leitores estadunidenses tivessem contato com novas ideias, mas trouxe novos estímulos para a língua inglesa e para todos os leitores nesta língua. Um caso que selecionamos para indicar a seguir é o do autor sul-africano Ivan Vladislavic, escritor chamado pelo romancista André Brink (outro importante autor sul-africano) de "uma das mentes mais imaginativas em atividade na literatura da África do Sul"⁷³ (THE NEW YORKER, 2017). Vladislavic foi o ganhador do prêmio literário *Windham-Campbell Prize for Literature* em 2015 e na ocasião participou de uma entrevista onde compartilhou um pouco sobre as suas influências:

"[...] Eu estava trabalhando na Ravan Press na década de 80 e estava exposto ao melhor e pior da tradição literária altamente política da África do Sul. Tão engajado que eu estava pelo trabalho e tão feliz que eu estava em estar lá, me sentia ainda um pouco claustrofóbico naquele mundo e um tanto restringido por ele. A essa altura, de meados para o fim dos anos 80, a escrita sul-africana tinha se acomodado em algumas atitudes preguiçosas ou habituais sobre a sociedade e como ela poderia ser mudada. Foi então que eu esbarrei nos livros certos por acaso do destino. Eu me lembro especialmente dos influentes livros publicados na série Penguin chamada *Writers from the Other Europe*, que foi editada pelo que eu me lembro por Philip Roth. Eles publicaram *The Book of Laughter and Forgetting* do Kundera, *The Street of Crocodiles* do Bruno Schulz e *A Tomb for Boris Davidovich* do Danilo Kiš, o escritor iugoslavo. Eles publicavam escritores que eram bastante políticos no sentido de eles estarem interessados em poder e na história de suas sociedades, mas eles abordavam estes tópicos de forma muito menos dogmática do que eu estava acostumado. Eu acho que encontrei aquele modelos na hora certa"⁷⁴ (LITERARY HUB, 2015, grifos nossos)

73 "one of the most imaginative minds at work in South African literature"

74 "[...] I was working at Ravan Press in the 1980s, and exposed to the best and the worst of South Africa's highly political literary tradition. As engaged as I was by the work and as pleased as I was to be there, I felt a little claustrophobic in that world and somewhat constrained by it. By this time, the mid to late 80s, South African writing had settled into certain lazy or habitual attitudes about

Na passagem acima, Vladislavic responde Nuruddin Farah (outro escritor) sobre a impressão que ele teve de seu romance *The Folly* não estar ancorado na África do Sul nem em outro lugar do mundo. Vladislavic entende que sua experiência profissional e suas leituras naquele tempo tiraram ele de um certo lugar comum da expressão literária sul-africana e a série *Writers from the Other Europe* recebe especial menção pelos "modelos" que Vladislavic encontrou e que o influenciaram. Mesmo que não seja um caso de influência de Philip Roth em primeiro grau, com contato direto, há aqui outro caso que mostra as consequências do trabalho de Roth como editor e agente literário informal no sistema literário complexo da língua inglesa. A repercussão da série é comentada também pelo ponto de vista da crítica: "Além de influenciar uma geração emergente de escritores estadunidenses, a série 'Outra Europa' também promoveu novas formas de imaginar o século XX, desde a memória do Holocausto até o surgimento de uma nova política de direitos humanos no fim da Guerra Fria"⁷⁵ (UNIVERSITY SENATE, 2018).

A discussão que travamos neste trabalho permite ver como nas redes de um sistema literário complexo há importantes fluxos de capital – capital cultural, capital simbólico e outros – que auxiliam na compreensão de fenômenos que mais dificilmente seriam captados por estudos literários delimitados ao texto literário. Philip Roth era um escritor muito bem posicionado no sistema literário nos Estados Unidos e usou dos capitais que havia acumulado até então para alimentar certas comunidades do sistema literário com os recursos que tinha. Acompanhamos Thompson (2013) em sua leitura dos cinco tipos de capitais importantes no sistema literário: capital econômico, capital humano, capital social, capital intelectual e

the society and how it could be changed. And then I chanced upon the right books, as one's sometimes lucky to do. I remember especially the influential books published in the Penguin series called *Writers from the Other Europe*, which was edited as I recall by Philip Roth. They published Kundera's *The Book of Laughter and Forgetting*, Bruno Schulz's *The Street of Crocodiles*, and *A Tomb for Boris Davidovich* by Danilo Kiš, the Yugoslav writer. They published writers who were highly political in the sense that they were interested in power and interested in the history of their societies, but they approached these subjects in a much less dogmatic way than I was used to. I think I found those models at the right time"

75 "In addition to influencing a rising generation of American writers, the 'Other Europe' series also promoted new ways of imagining the 20th century, from the memory of the Holocaust to the rise of a new human rights politics at the end of the Cold War"

capital simbólico. No esquema de transferência de dinheiro vemos enfatizados o capital social e econômico de Roth com sua comunidade literária, mas no projeto de tradução e re-edição de livros vemos todos os cinco tipos de capital sendo utilizados. O capital humano mobilizado é um exemplo, visto que este consiste "do pessoal empregado pela firma e seu conhecimento, habilidades e *know-how* acumulados" (THOMPSON, 2013: 11), capital não diretamente sob o poder de Roth, mas por ele movido indiretamente pelo seu capital social, ou seja, as "redes de contatos e relações que um profissional ou uma organização construiu ao longo do tempo" (THOMPSON, 2013: 11). No que se refere ao capital intelectual voltamos a comentar o papel de agente literário informal que Roth teve para os autores do Leste Europeu, posto que ele era quem movia o capital intelectual de seus colegas: "[o] capital intelectual (ou propriedade intelectual) consiste dos direitos de conteúdo intelectual que uma editora [ou agente, enfim] possui ou controla" (THOMPSON, 2013: 11). Mas vemos que a base da influência de Roth no sistema literário (e de outros escritores aclamados pela crítica e pelo grande público) é o capital simbólico.

"Embora o capital simbólico seja de grande relevância para editoras, é também importante ver que outros protagonistas do campo, incluindo agentes e escritores, podem acumular – e, de fato, acumulam – capital simbólico próprio. Nesse sentido, autores podem se tornar marcas comerciais por seu próprio mérito – como Stephen King, John Grisham, James Patterson, Patricia Cornwell e grande parte dos escritores conhecidos. Eles adquiriram grandes estoques de capital simbólico e conseguem usá-los a seu favor" (THOMPSON, 2013: 15, grifos nossos).

A partir dessa reflexão sobre os capitais correntes no sistema literário, pressupomos que foi a partir de seu grande estoque de capital simbólico (e social) que Roth pôde acessar o capital intelectual, humano e econômico de que fez uso para a série *Writers from the Other Europe* tornar-se realidade. Entendemos que essa série foi um projeto de grande repercussão e não a última vez que Roth usaria de seu alcance para fazer a diferença na carreira de outros profissionais do sistema literário – sobre isso, o crítico Benjamin Ivry comenta: "Roth continuaria a usar sua fama para direcionar um valioso holofote sobre escritores que passavam

desapercebidos, como ocorreu notavelmente com o romancista israelense e sobrevivente do Holocausto, Aharon Appelfeld"⁷⁶ (THE FORWARD, 2018).

Ao analisarmos o estado da carreira de Philip Roth na década de 70, descrevemos sua rede de relações com outros agentes do sistema literário complexo, como amigos escritores (Klíma, Kundera e outros), seu editor (Aaron Asher) e, pela extensão do impacto de sua produção, tradutores (Michael Henry Heim) e outros escritores (Ivan Vladislavic). Certamente nosso recorte poderia incluir uma rede maior de interações (agentes literários, tradutores da obra rotheana para outras línguas, um maior número de agentes etc.), mas optamos por um escopo amostral de estudo que permitisse que tocássemos em alguns casos de grande relevo e ao mesmo tempo que pudéssemos avançar para outra etapa da discussão teórica e metodológica.

Como introduzido anteriormente, a fase de carreira que discutimos logo acima é posterior a uma etapa em que o plano temático da produção literária de Roth estava atraído pelo tema da formação do homem estadunidense judeu. Posteriormente o escritor passa para uma fase em que o atrator era um projeto de experimentação com o grotesco. A nossa descrição de rede refere-se então a um terceiro estado na trajetória de Roth, fase em que o contato com a literatura e cultura tchecas fez emergir o projeto de uma série de livros a serem editados nos Estados Unidos e também uma série de livros escritos por Roth. Nesta fase a literatura tcheca/do Leste Europeu é o atrator que define de forma *fuzzy* mais uma categoria, mais um estado da trajetória de Roth.

Em nossa leitura os livros *My Life as a Man* e *The Professor of Desire* foram, assim como foi no caso de *Portnoy's Complaint*, os últimos livros de uma fase e a transição para a nova fase que viria a seguir. Nesta terceira fase um dos grandes marcos é o nascimento de Nathan Zuckerman, talvez o principal narrador do autor. Pierpont analisando o romance onde houve a última aparição de Nathan Zuckerman, *Exit Ghost* de 2007, quase 30 anos depois do primeiro livro em que Nathan Zuckerman aparece plenamente formado em *The Ghost Writer*, e relatando a análise que o próprio Roth faz da última cena de Zuckerman, coloca:

76 "Roth would continue to use his own fame to shine a valuable spotlight on overlooked writers, notably the Israeli novelist and Holocaust survivor Aharon Appelfeld"

"É um final melancólico para ele, reinstalado na sua cabana isolada, numa cinzenta manhã de novembro, contemplando uma estrada silenciosa, coberta de flocos de neve. Roth diz ter ficado bastante satisfeito por despachar sua melhor criatura com tanta crueldade" (PIERPONT, 2015: 266).

Roth parece ver Zuckerman como seu melhor personagem, "sua melhor criatura"; independentemente, Zuckerman é um personagem e narrador bastante recorrente na obra rotheana, justificando o destaque que lhe damos. Acompanhamos pelo estudo de Pierpont como Roth publica livros escritos no começo dos anos 70 ao longo de toda a década (1971, 1972, 1973, 1974, 1977) e apenas no fim desse período e no começo dos anos 80 é que temos publicados os livros realmente desenvolvidos nestes quase dez anos. Os frutos da década 70 são *The Ghost Writer* de 1979, *Zuckerman Unbound* de 1981, *The Anatomy Lesson* de 1983 e *The Prague Orgy* de 1985. O ano de 1985 viu também a publicação de toda essa "série Zuckerman" em coletânea, coroando a terceira fase, como vimos, da carreira de Roth. É uma etapa de muitas trocas culturais entre um grande escritor estadunidense e a periferia da Europa ao leste, trocas que beneficiaram os dois lados do Atlântico: "O encontro de Roth com a 'Outra Europa' não mudou apenas ele como pessoa e escritor, mas causou um impacto imenso nas vidas e carreiras de seus amigos pela Europa Leste-Central"⁷⁷ (UNIVERSITY SENATE, 2018). Outro crítico esticaria essa fase da carreira de Roth dos cerca de dez anos que comentamos para quinze anos:

"Na década e meia que se seguiu a *Portnoy's Complaint*, Franz Kafka e Anne Frank tornariam-se os dois 'fantasmas judeus' que mais assombravam a escrita de Roth e apareceriam nos dois talvez mais ambiciosos trabalhos literários que Roth publicaria em sua carreira inteira"⁷⁸ (GOOBLAR, 2011: 58)

A citação também indica a leitura de que os atratores para esta fase são, por um lado, a literatura tcheca, encarnada nessa fala nos dois "fantasmas judeus" de

77 "Roth's encounter with the 'Other Europe' not only changed him as a person and a writer, but it made an immense impact on the lives and careers of his friends across East-Central Europe"

78 "In the decade and a half that followed *Portnoy's Complaint*, Franz Kafka and Anne Frank would become the two 'Jewish Ghosts' who most haunted Roth's writing and would appear in perhaps the two most audacious pieces of writing Roth would publish in his entire career"

Franz Kafka e Anne Frank. Por outro lado, o mesmo crítico entende que as diferentes formas com que a política e a cultura se relacionam nos Estados Unidos, onde a acoplagem de sistemas estadunidenses permite sistemas bastante independentes, e na Tchecoslováquia, onde o sistema político controla o sistema cultural, é que foram estimulantes para a escrita de Roth:

"Foram as diferenças entre a vida cultural estadunidense, na qual controles políticos quase não existiam, e a da Tchecoslováquia, na qual todo produto cultural tinha que conseguir a aprovação das 'autoridades', que aprofundou o interesse de Roth pela Praga contemporânea"⁷⁹ (GOOBLAR, 2011: 62).

Há, portanto, flutuações no diagnóstico do que teria sido o tema central para o qual confluíram os trabalhos de Roth nesse período que trazemos, debates acerca de qual ou quais seriam os atratores para esta fase da trajetória de Roth. Ainda assim, acreditamos que a descrição de rede, a mudança de fase e a trajetória que delineamos são capazes de demonstrar uma possibilidade viável de leitura da carreira de Roth para o período considerado, possibilidade baseada no estudo de Pierpont para *Roth Unbound* e na complementação que fizemos com as pesquisas pelo prisma do sistema literário como sistema complexo.

O desenvolvimento que temos até aqui mapeia, mesmo que não profundamente, a trajetória de Philip Roth como escritor, incluindo algumas fases de produção literária em sua carreira, o que abre algumas possibilidades de estudo que nos parecem produtivas. Por um lado pode-se explorar a ligação entre Philip Roth e Milan Kundera em suas dimensões editoriais, digamos, mas também em dimensões literárias, como mútua influência ou coincidências nas suas produções. A "fase tcheca", um nome fantasia para a terceira fase da carreira de Roth como a definimos, pode também levantar investigações na dimensão literária das ligações entre Roth e os autores do Leste Europeu que conheceu. Pesquisas mais detidas na mudança de fase que desenhamos neste subcapítulo poderiam revelar muito sobre a transição que houve entre o atrator da segunda fase e o atrator da terceira fase – o que nos levaria a um debate mais interessante das controvérsias na

79 "It was the differences between American cultural life, in which political controls hardly existed, and that of Czechoslovakia, where every cultural product had to meet with the approval of 'the authorities,' that deepened Roth's interest in contemporary Prague"

classificação de fases dentro da trajetória do autor. Enfim, cremos que nossa demonstração já foi capaz de indicar muitos rumos para os quais poderíamos seguir em um trabalho que fosse dedicado a estudar o escritor no sistema literário complexo. Não era nosso objetivo desenvolver esse estudo completo, mas apresentar e propor uma metodologia para estudo de sistemas literários complexos, testando sua relevância para os estudos literários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O empreendimento que encerramos nesta última seção foi, dentre outras coisas, uma tentativa de levantar novos debates para a comunidade de estudos literários. Diferentemente de teorias novas, textos críticos ou outros trabalhos, nosso enfoque aqui foi a pregnância dos estudos de complexidade para o campo dos estudos literários. Vemos nessa exploração um valor intrínseco dado pelo compromisso da comunidade acadêmica de aceitar que novas ideias sejam discutidas e avaliadas em sua solidez e seriedade.

Este trabalho foi intitulado "Contribuições teórico-metodológicas para o estudo de sistemas literários como sistemas complexos" a fim de apontar para o caráter propositivo do texto, como se ao auxiliar na tarefa de verificar a pertinência desse novo quadro de referência estivéssemos realizando uma tarefa de mediação de ideias. Para tanto realizamos as primeiras aproximações da área de estudos de complexidade, desde considerações históricas até o delinear do que eram sistemas complexos e seus princípios de funcionamento. O segundo capítulo então apresentou fundamentações teóricas e todas as bases que apoiam uma disciplina científica, constituindo esse capítulo como o principal capítulo das contribuições teórico-metodológicas que trouxemos. O último capítulo partiu de um estudo biográfico pronto para fazer uma série de considerações em teoria e metodologia que desenvolvessem ainda mais as contribuições previamente introduzidas.

Ao longo de todo o trabalho, servindo como os trilhos de uma locomotiva, esteve o trabalho de estado da arte de Byrne e Callaghan, dois cientistas sociais do Reino Unido. Esta pesquisa foi desenvolvida ao longo de dois anos de mestrado e desde muito cedo sabíamos que a proposta era audaciosa e difícil. Os dois professores britânicos foram os guias nesta empreitada que anunciava o casamento entre os estudos de complexidade e os estudos literários, sem elaborar muito sobre o quanto também estavam presentes os estudos de ciências sociais. Para nossa trajetória "unidisciplinar" o desafio de encarar o sistema literário como um sistema social demandava uma orientação confiável e Byrne e Callaghan foram este pilar. O apoio em seus trabalhos tinha a função dupla de nos orientar pelo campo de

ciências sociais e também de servir como ponte entre os estudos literários, nosso foco, e os estudos de complexidade.

As contribuições que apresentamos levantam muitas questões a partir dessa encruzilhada entre a complexidade, a literatura e os outros sistemas sociais. O primeiro e não menor deles é a interdisciplinaridade ou, como querem Byrne e Callaghan, a pós-disciplinaridade. Este trabalho mesmo é uma amostra de como podem configurar-se essas pesquisas. Trata-se de uma busca por respostas a questões comuns entre diferentes áreas, mas uma busca atenta que encontre onde métodos e teorias encaixam-se de forma construtiva, com correspondência e compatibilidade. Os estudos literários podem colher desses métodos e seguir explorando outros campos de estudo onde haja interesses similares. Os estudos de complexidade permitem-nos dar um tratamento adequado aos sistemas sociais que afetam o sistema literário por suas relações de acoplagem – como o sistema político ou o sistema econômico. Muitas vezes os estudos literários farão vista grossa a esses outros sistemas sociais, muitas vezes inclusive ignorando a natureza social do sistema literário também. O quadro de referência da complexidade trará o sistema literário para junto dos outros sistemas sociais e na investigação entre seus limites encontrará novos caminhos – como quando se cruzam os destinos nacionais e as literaturas de língua oficial.

Não é somente pela lente de grandes mudanças sociais que podemos ver a complexidade na literatura. Uma das grandes contribuições metodológicas é pensar na flexibilidade que o pesquisador tem de ter se quiser analisar adequadamente um fenômeno literário, pois não é somente em um nível escalar que seus estudos poderão ficar. Concordando com Casanova:

"Daí a enorme dificuldade do empreendimento: pela sua própria natureza ele demanda que o crítico continuamente mude de perspectiva, mude as lentes, digamos – em um momento buscando esclarecer o todo pelo que pode parecer ser um detalhe insignificante, no momento seguinte explicando o aspecto mais particular de uma obra por meio de um desvio pelo que podem parecer observações da maior generalidade possível"⁸⁰ (CASANOVA, 2004: 351, grifos nossos)

80 "Whence the enormous difficulty of the enterprise: by its very nature it requires the critic to continually shift perspective, to change lenses, as it were – one moment looking to clarify a view of the whole by what might seem to be an insignificant detail, the next to explicating the most particular

Os estudos de complexidade serão sempre estudos de sistemas e tenderão a operar estudos de caso: o geral e o particular. Em diferentes oportunidades este trabalho tratou da questão de escala e esclareceu que os sistemas serão por vezes muito grandes e por vezes muito individuais, tudo a depender da escala.

Lidar com as influências de outros sistemas sociais, lidar com diferentes escalas do sistema literário... somos confrontados com novas demandas metodológicas e a elas devemos respostas. Neste trabalho também realizamos o esforço de introduzir um vocabulário de descrição que funcionasse de forma transdisciplinar e também um instrumental conceitual que auxiliasse na "navegação" entre níveis de análise. As teorias de pesquisadores de peso como Archer e Bourdieu – sempre adequados ao quadro de referência da complexidade – forneceram os termos necessários para enquadrarmos a realidade pesquisada, seja qual for a escala de análise. Desde a reflexividade das decisões individuais de cada agente até ações coordenadas em grupos, *habitus* diferentes do meio literário, o próprio campo da literatura, até suas estruturas em sua apresentação material e econômica.

Considerações sobre o tempo e o espaço também foram traçadas, tanto no sentido de modernizar suas concepções em um binômio de tempo-espaço, como demandam os novos entendimentos vindos da física, quanto na maneira de encarar a passagem do tempo pelo sistema literário – a evolução. Funcionando como uma meta-disciplina a evolução cresce entre os diferentes campos de estudo e torna-se a forma comum de várias áreas de pesquisa. Ao absorver a teoria evolucionária na teoria e metodologia dos estudos literários, passamos para uma forma diferente de lidar com a passagem do tempo nos sistemas literários, uma forma diferente de ver a história literária.

Não menos importantes do que os outros debates que revisamos aqui estão também as discussões acerca das definições do objeto de estudo, a literatura – como a literatura digital, por exemplo – e também a formação de novos pesquisadores na área de estudos literários – teremos que operar buscas em

aspect of a work by taking a detour through what might appear to be observations of the most general sort"

bancos de dados digitais, desenvolver métodos para a filtragem e extração de informações etc.

Com um caráter ensaístico, desenvolvemos um debate aberto sobre como se configurariam aspectos teóricos e metodológicos do estudo de sistemas literários como sistemas complexos. Nosso objetivo de propor diversas ideias a partir do inovador campo dos estudos de complexidade levou-nos por discussões de teoria, história, metodologia e sociedade. Certamente algumas das ideias que introduzimos terão maior aceitação do que outras – independentemente, desenvolvemos um diálogo sobre inovação teórico-metodológica que impulsionará outras reflexões e outros trabalhos.

REFERÊNCIAS

ARCHER, M. S. **Being human: the problem of agency**. Cambridge, RU: Cambridge University Press, 2004.

BERTUGLIA, C. S.; VAIO, F. **Nonlinearity, chaos and complexity: the dynamics of natural and social systems**. Nova Iorque, EUA: Oxford University Press, 2005.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Trad. Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

BULGER, L. F. As histórias da história literária. **Actas do Colóquio Internacional Literatura e História**, Porto, v. 1, p. 91-96, 2004.

BYRNE, D. **Complexity theory and the social sciences: an introduction**. Londres, RU: Routledge, 1998.

BYRNE, D; CALLAGHAN, G. **Complexity theory and the social sciences: the state of the art**. 1. ed. Nova Iorque, EUA: Routledge, 2014.

CABAÇO, J. L. de O. **Moçambique: identidades, colonialismo e libertação**. São Paulo, 475 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012 [1959].

_____. **Iniciação à literatura brasileira**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2015 [1997].

CASANOVA, P. **The World Republic of Letters**. Trad. M. B. DeBovise. Cambridge, EUA: Harvard University Press, 2004.

COUTINHO, E. F. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 3, n. 3, p. 67-73, 1996.

EAGLETON, T. **Teoria da literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

THE FORWARD. **Why Philip Roth pissed off so many Jewish readers**. Estados Unidos da América, 2018. Disponível em: <<https://forward.com/culture/books/401805/why-philip-roth-pissed-off-so-many-jewish-readers/>>. Acesso em: 14 de abr. 2019.

GOOBLAR, D. **The Major Phases of Philip Roth**. Nova Iorque, EUA: Continuum, 2011.

H-NET. **The Michael Henry Heim Prize in Collegial Translation**. Estados Unidos da América, 2017. Disponível em: <<https://networks.h-net.org/node/73374/announcements/288884/michael-henry-heim-prize-collegial-translation>>. Acesso em: 14 de abr. 2019.

HANSEN, J. A. **A sátira e o engenho**: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Editora da Unicamp: 2004.

HARVEY, D. **The Condition of Postmodernity**: an enquiry into the origins of cultural change. Oxford, RU: Blackwell Publishers, 1992.

HOLLAND, J. H. **Complexity**: a very short introduction. 1. ed. Oxford, RU: Oxford University Press, 2014.

_____. **Signals and boundaries**: building blocks for complex adaptive systems. Cambridge, EUA: The MIT Press, 2012.

IVANOVA, V. Philip Roth, editor of the 'Writers from the Other Europe' series. **Philip Roth Society Newsletter**, v. 9, n. 1, p. 11-12, 2011.

KUHN, T. S. **The structure of scientific revolutions**. 3. ed. Chicago, EUA: The University of Chicago Press, 1996.

LATOUR, B. **Reassembling the social**: an introduction to Actor-Network Theory. Nova Iorque, EUA: Oxford University Press, 2007.

LITERARY HUB. **"When did you start to think of yourself as African?"**. Estados Unidos da América, 2015. Disponível em: <<https://lithub.com/when-did-you-start-to-think-of-yourself-as-african/>>. Acesso em: 14 de abr. 2019.

LUHMANN, N. **Art as a social system**. Trad. Eva M. Knodt. Stanford, EUA: Stanford University Press, 2000.

MENDONÇA, F. Literatura moçambicana: o que é? **Estudos Portugueses e Africanos**, Campinas, SP, v. 7, p. 153-157, 1986.

MISHRA, C. C. Philip Roth's *Goodbye, Columbus*: a critique of American philistinism. In: RAY, M. K. (ed.). **Studies in American Literature**. Nova Delhi: Atlantic Publishers and Distributors, 2002.

MORETTI, F. **A literatura vista de longe**. Trad. Anselmo Pessoa Neto. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

_____. Conjectures on world literature. **New Left Review**, Jan-Feb, 2000.

NOA, F. Literatura colonial em Moçambique: o paradigma submerso. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 3, p. 58-69, 1999.

PEN AMERICA. **PEN/Heim Translation Fund Grants (\$2,000-\$4,000)**. 2018. Disponível em: <<https://pen.org/literary-award/penheim-translation-fund-grants-2000-4000/>>. Acesso em: 14 de abr. 2019.

PERRONE-MOISÉS, L. **Vira e mexe, nacionalismo**: paradoxos do nacionalismo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PIERPONT, C. R. **Roth Libertado**: o escritor e seus livros. Trad. Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em revista**, v. 1, n. 1, p. 3-15, 2005.

ROTH, P. **Goodbye, Columbus**. Boston, EUA: Houghton Mifflin Company, 1989.

THE GUARDIAN. **Aaron Asher**: New York literary publisher and editor. Londres, RU, 2008. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2008/apr/02/culture.obituaries>>. Acesso em: 12 set. 2018.

THE IRISH TIMES. **Michael Henry Heim: a gift for translation**. Irlanda, 2017. Disponível em: <<https://www.irishtimes.com/culture/books/michael-henry-heim-a-gift-for-translation-1.3026140>>. Acesso em: 14 de abr. 2019.

THE MILLIONS. **A champion of literary translation**: on the loss of Michael Henry Heim. Estados Unidos da América, 2012. Disponível em: <<https://themillions.com/2012/11/a-champion-of-literary-translation-on-the-loss-of-michael-henry-heim.html>>. Acesso em: 14 de abr. 2019.

THE NEW YORK TIMES. **Aaron Asher, editor of literary heavyweights, dies at 78**. Nova Iorque, EUA, 2008. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2008/03/22/arts/22asher.html>>. Acesso em: 14 de abr. 2019.

_____. **Michael Henry Heim, literary translator, dies at 69**. Nova Iorque, EUA, 2012. Disponível em: <<https://nyti.ms/SAHuey>>. Acesso em: 14 de abr. 2019.

THE NEW YORKER. **The South African parables of Ivan Vladislavic**. Nova Iorque, EUA. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/books/page-turner/the-south-african-parables-of-ivan-vladislavic>>. Acesso em: 14 de abr. 2019.

THOMPSON, J. B. **Mercadores de Cultura**: o mercado editorial no século XXI. Trad. Alzira Allegro. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

UNIVERSITY OF CALIFORNIA, LOS ANGELES (UCLA). **Michael Henry Heim 5th Annual Memorial Lecture**. Los Angeles, EUA, 2018. Disponível em <<https://humanities.ucla.edu/event/michael-henry-heim-5th-annual-memorial-lecture/>>. Acesso em: 14 de abr. 2019.

UNIVERSITY SENATE. **Deconstructing Philip Roth**. Tempe, EUA, 2018. Disponível em: <<https://usenate.asu.edu/deconstructing-philip-roth>>. Acesso em: 14 de abr. 2019.

WEB OF STORIES. **Philip Roth**. Estados Unidos da América, 2018. Disponível em: <<https://www.webofstories.com/playAll/philip.roth?sld=55126>>. Acesso em: 14 de abr. 2019.